

Periferia: desafio à unidade



CADERNOS DO CEDI 16

Periferia: desafio à unidade

Relato de uma Experiência no Sul

**CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação**

**Programa de Assessoria
à Pastoral Protestante**

**Rio de Janeiro
Janeiro de 1987**

**CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação**

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 205 5197
22241 Rio de Janeiro RJ
Av. Higienópolis, 983
Telefone 825 5544
01238 São Paulo SP

Conselho Editorial
Heloíza de Souza Martins
José Oscar Beozzo
José Ricardo Ramalho
José Roberto Pereira Novaes
Pedro Pontual
Rubem Alves
Zwinglio Mota Dias

Pedidos para
Cadernos do CEDI
Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo SP

Edição deste Caderno
Carlos Cunha, Elias Vergara,
Evaldo L. Pauly, Jether P. Ramalho,
José Bittencourt Filho

Texto Final
Carlos Cunha

Coordenação
Programa de Assessoria
à Pastoral Protestante

Programação Visual
Anita Slade
Martha Braga

Composição
Robertom

Fotolito e Impressão
CLIP Produções Gráficas

SUMÁRIO

5	Apresentação	
CAPÍTULO I		
7	ACEITANDO O DESAFIO: MOTIVAÇÃO E INSPIRAÇÃO	
Desafios da realidade		
Igrejas se sensibilizam		
Sentido ecumênico da ação		
A questão da pastoral		
CAPÍTULO II		
11	UM POUCO DE HISTÓRIA DO PROJETO	
Um documento motivador		
A Bíblia como fundamento		
Reflexão teológica		
Uma liturgia da libertação		
Os primórdios do projeto ecumônico		
CAPÍTULO III		
15	O PRIMEIRO PASSO DA CAMINHADA: SABER É PARTILHADO	
PRIMEIRO SEMINÁRIO		
16	CRÔNICA DO ENCONTRO	
Apresentação dos preletores		
19	EXPOSIÇÕES	
Conhecendo a realidade que nos cerca		
Jether Ramalho		
23	Elementos de análise da conjuntura brasileira	
Herbert de Souza		
30	Presença do protestantismo no sul do Brasil	
Martin Dreher		
46	Para entender o protestantismo brasileiro	
Antônio Gouvêa de Mendonça		
51	OBSERVAÇÕES ÀS EXPOSIÇÕES DO PAINEL	
A igreja que está acontecendo		
Horário Bueno Filho		
53	Três significados da pastoral de periferia	
Isaac Aço		
54	Ser igreja protestante no Brasil: desafios	
Gunter Wehmann		
56	PERFIL DOS PARTICIPANTES	
Dados gerais		
Dados eclesiais		
Conclusão final		
CAPÍTULO IV		
65	SEGUNDO PASSO DA CAMINHADA EXPERIÊNCIAS COM O POVO	
SEGUNDO SEMINÁRIO		
Mergulho na realidade da pastoral		
Um pouco de gauchismo		
Vila Santo Operário		
Vila Cruzeiro do Sul		
Vila Antônio Leite		
Vilas de Alvorada		
CAPÍTULO V		
83	TERCEIRO PASSO DA CAMINHADA: APRENDIZADO E DESAFIOS	
TERCEIRO SEMINÁRIO		
Introdução		
Painel de abertura		
Possibilidades das Pastoral Ecumônica de Periferia		
Focos essenciais da ação		
Declaração de princípios básicos		

CAPÍTULO VI

93 E AGORA? AVALIAÇÕES

Do Núcleo Sul

Do Pastor Kirchheim

Do Bispo Isaac

Do Bispo Cláudio

CAPÍTULO VII

99 APRENDENDO COM O POVO POBRE

ENTREVISTAS

Primeiro seminário

Segundo seminário

APRESENTAÇÃO

Este texto é produto de um grande mutirão protestante, coisa a que ainda estamos nos acostumando. Cada palavra pesa em nossas vidas de fé. Cada testemunho representa para nós uma nova experiência no Espírito.

Depois de muitos anos, depois do trabalho de muitos irmãos e irmãs que sonhavam profeticamente com uma Igreja mais comprometida com a realidade popular, depois de muitos contatos e aproximações, coube-nos a tarefa de executar o que foi planejado e construído por tanto tempo, com dedicação e esforço. O resultado está incompleto. O material aqui apresentado apenas encerra os primeiros passos, ainda tímidos para uns, quem sabe, ousados para outros, de uma grande caminhada que Cristo está fazendo conosco. Nos sentimos ainda com a mesma surpresa dos discípulos no caminho de Emaús. De repente descobrimos um Cristo que já não podíamos enxergar. Esperamos que estes passos sejam apenas o início de um caminho ainda a ser trilhado.

Da experiência o que mais nos alegrou foi a dimensão ecumênica das pastorais das Igrejas. Fomos surpreendidos por uma abertura fraternal e solidária entre cristãos de diferentes tradições protestantes.

Insistimos na compreensão do fato de que a Pastoral Ecumênica de Periferia pertence e é responsabilidade exclusiva das Igrejas. O Núcleo Sul (Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI) apenas serviu de instrumento nas mãos dos artífices que formam as diferentes pastorais protestantes.

Não pretendemos apresentar este Caderno como livro de receitas ou modelo a ser copiado. Na pastoral libertadora, a criatividade é dom do Senhor da Igreja. Que nossa experiência sirva apenas para motivar outros cristãos engajados com o povo da periferia.

Rev. Elias Mayer Vergara
P. Col. Evaldo Luis Pauly
Coordenadores executivos do Núcleo Sul

CAPÍTULO I

Aceitando o desafio: motivação e inspiração



Moradores da Vila Cruzeiro do Sul

DESAFIOS DA REALIDADE

1. A realidade sócio-econômica dos centros urbanos de médio e grande portes na Região Sul do Brasil, salvo pequenas particularidades locais, não difere dos demais centros urbanos brasileiros. A política fundiária injusta, decorrente do avanço das relações capitalistas, tem provocado nas últimas décadas um êxodo rural, cujo efeito principal foi a formação de bolsões de pobreza em torno das cidades. Estas por sua vez, acham-se incapazes de absorver em seus pólos industriais a mão-de-obra que para elas acorreu quase compulsoriamente.

2. A ausência de infra-estrutura nos bairros pobres é quase absoluta. Daí, uma série de endemias, de há muito erradicadas de outras partes do País serem ali freqüentes. A mortalidade infantil é elevada devido à desnutrição. Os adultos, obrigados a percorrer enormes distâncias para chegarem até o local de trabalho, acabam por se ausentar do convívio com os filhos, e não existem creches que possam abrigá-las condignamente. O desemprego e o subemprego crônicos acarretam a desagregação familiar e a ruptura de escalas de valores, ocasionando a marginalidade, o vínculo, a prostituição e a promiscuidade.

3. O crime organizado, é claro, vai recrutar preferencialmente pessoal para suas fileiras nesses bairros, incluindo crianças e jovens. Também dessas promoções se alimenta o lenocínio e o tráfico de drogas. É desses locais que diariamente são despejados os chamados menores abandonados que perambulam pelas ruas dos bairros mais bem servidos e que já atingem a casa dos milhões em todo o País.

4. Nas calamidades públicas, como não existem dispositivos preventivos e as habitações são frágeis e mal localizadas, são esses conglomerados populacionais as maiores vítimas sobretudo nas enchentes. Também aí não existem escolas, áreas de lazer, saneamento básico, tampouco transportes coletivos adequados, ou, assistência médica pública.

A partir disso cunhou-se a expressão “Periferia”, com uma conotação menos geográfica e mais sócio-econômica. As periferias representam o grande desafio e a maior evidência de grande dívida social acumulada pelo modelo econômico e político que o País adotou nos últimos cinqüenta anos.

5. A Igreja, nessa realidade, e no seu contato diário com todas as camadas sociais, vê-se cada vez mais constrangida a fabricar respostas a esse desafio, em que pese sua condição de entidade civil de adesão voluntária, norteada pelo princípio de conciliação de classes e não acepção de pessoas. As Igrejas Católica e Protestantes começam a assumir que não podem mais se furtar a uma opção explícita e decisiva pelos empobrecidos.

6. A reflexão teológica que, a propósito, vem sendo produzida na América Latina como um todo, e no Brasil em particular, tem descoberto e divulgado os indícios bíblicos da preferência de Deus pelos pobres na História da Salvação, e da necessidade de que todas as agremiações eclesiásticas desenvolvam sua ação evangelizadora dentro mesmo dos “pôrões da humanidade”.

7. A prática dos obreiros da Igreja ela e eles inspirados na Palavra de Deus e motivados pelos desafios que a realidade dos empobrecidos colo-

ca, tanto no campo – onde a situação é igualmente dramática – quanto na cidade, e ainda tocados pelos sofrimentos dos seus próprios membros, tentam, de diversas maneiras, e na proporção de suas capacidades e potencial, atender às demandas que a situação dos necessitados provocam, assim como colaboram na construção de uma nova sociedade mais justa e fraterna, onde os sinais do Reino sejam nítidos.

IGREJAS SE SENSIBILIZAM

1. As famílias confessionais, uma a uma, vão-se sensibilizando para a problemática e criando dispositivos próprios para implementar sua prestação de serviço. Não bastam a boa vontade e as boas intenções. Faz-se necessário desencadear um processo de mudança de mentalidade, já que a presença evangelizadora requer uma substituição das atuais prioridades, novos critérios para aplicação dos recursos existentes e treinamento de pessoal.

2. O desejo de somar esforços, na medida em que cada instituição vai ficando ciente de que suas co-irmãs estão sendo igualmente sensibilizadas, é a primeira reação, uma vez que a magnitude do problema extrapola as fronteiras confessionais e exige uma conjugação de forças. Afinal de contas, um empreendimento que sugere o estágio de atendimento assistencialista e comporte o apoio e incentivo para que o povo se organize e lute contra as causas estruturais de sua situação de carência, constitui-se numa missão espinhosa que aciona a resistência das forças anti-Reino.

SENTIDO ECUMÊNICO DA AÇÃO

1. A conjugação de forças, no entanto, é mais do que um acordo tático e pragmático. Pensando teologicamente a questão, as Igrejas discernem, nesse movimento histórico, a ação do Espírito Santo, aproximando os cristãos justamente naquela luta e naquele testemunho onde devem ser mais fiéis: o serviço ao próximo. Conforme o texto neotestamentário, o próprio Jesus se disse incógnito nas criaturas à margem da Sociedade.

2. Um sentido pronunciadamente ecumênico e sólidas bases bíblico-teológicas que não apenas visem o aumento da eficácia devem estar presentes na tarefa pastoral de nossos dias. É evidente que esse caminho apresenta algumas dificuldades, sobretudo pelo fato de que as Igrejas já se haviam adaptado ao isolacionismo. Em alguns momentos da caminhada irão aflorar indubitavelmente as diferenças doutrinárias, litúrgicas, teológicas e hermenêuticas. Não obstante, nessa hora, o mais importante será o que une e não o que separa.

3. A questão da formação de quadros é essencial. É preciso preparar os obreiros da melhor maneira possível para que adaptem suas funções ao novo elenco de prioridades. O trabalho requer uma formação consistente que forneça ferramentas de precisão para a compreensão da realidade e para o discernimento dos sinais do Reino, ocultos no meio da vida do povo. É sabido que até aqui, as Igrejas não reuniam condições de formar seus agentes de maneira satisfatória nessa perspectiva de trabalho.

4. A formação de agentes representa também um investimento para o futuro próximo e longínquo. Somente lideranças devidamente preparadas

poderão conduzir as comunidades no sentido de uma alternância na aplicação de suas energias e na eleição de prioridades condizentes com os novos rumos da prática pastoral. Paralelamente, serão tais lideranças as únicas capazes de imprimir novos rumos às organizações internas das Igrejas como sociedades locais, escolas, entidades assistenciais, casas de ensino teológico, etc...

5. A colaboração ecumênica das Igrejas num quadro assim, pode-se afirmar, é absolutamente indispensável para o sucesso do empreendimento pastoral em apreço. Ao trabalharem juntas, elas estão afirmando que a tarefa precípua da Igreja do Cristo que é a evangelização, só pode concretizar-se com fidelidade à Palavra num contexto de superação das escandalosas barreiras que as separam. Tal compreensão só vem reforçar o fato irretorquível de que a irrupção dos pobres em nosso Continente e em nosso País levou a Comunidade da Fé a realizar uma total revisão de sua prática, estrutura, funcionamento e até axiomas. Esta afirmação aponta para a direção do Espírito que, pelos meios mais inusitados, abala os alicerces das instituições eclesiásticas, de modo que elas não se percam de suas funções próprias.

A QUESTÃO DA PASTORAL

1. O contexto eclesiológico protestante do extremo sul do Brasil é razoavelmente diferenciado das outras regiões brasileiras. Sendo uma área com marcante presença da migração européia, a hegemonia sempre pertenceu a um certo tipo de protestantismo com raízes profundas na Reforma do século XVI, o que no caso brasileiro não é uma regra geral. Em boa parte essa singularidade eclesiológica facilita as iniciativas ecumênicas, pois estas não abalam a possante identidade confessional existente. Em outros campos religiosos brasileiros, os evangélicos cultivam um denominacionalismo sectário.

2. As Igrejas do protestantismo tradicional são as que se estão mostrando mais aptas no equacionamento, e mais dinâmicas no enfrentamento das grandes questões pastorais que se apresentam no atual momento brasileiro. E são também as que estão assimilando com mais rapidez e facilidade o conceito de "pastoral", como uma ação coletiva (não somente do clero, mas do povo de Deus como um todo) que reage à complexidade dos fenômenos sociais em suas mais diversas manifestações. A pastoral, no sentido aludido, abandona uma pregação e uma religiosidade que não levava em conta as condições particulares em que vivem as pessoas, ou seja, sua situação social, cultural, econômica, racial, sexual, etc. Em suma, a pastoral é a prática evangelizadora destinada a pessoas e situações concretas com todas as suas nuances.

3. A Pastoral Ecumênica de Periferia é uma ação conjunta de três Igrejas tradicionais do Rio Grande do Sul, que está evoluindo, segundo critérios ecumênicos adrede estabelecidos e a partir de determinados pontos-de-vista teológicos e políticos. Por esta e outras razões é que uma entidade ecumênica de serviços como o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) é parte integrante do projeto e responsável por assessorá-lo permanentemente e apoiá-lo com recursos humanos e materiais na fidelidade aos seus objetivos.

CAPÍTULO II

Um pouco de história do Projeto



Não olham para o fotógrafo, olham para a Igreja.

Apesar de ter sido fundado e estabelecido em 1985, o Núcleo Sul do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante teve sua pré-história, na qual se verificaram ensaios de aproximação ecumênica entre as Igrejas da região. Tais aproximações se deram na forma de encontros para reflexão e troca de experiências entre pastores e lideranças leigas de várias cidades e áreas rurais do Rio Grande do Sul.

UM DOCUMENTO MOTIVADOR

No ano de 1980, na cidade de Esteio, pastores e pastoras metodistas que anteriormente haviam participado de encontros denominacionais assessorados pelo CEDI, decidiram regionalizar e tornar mais ecumênica tal experiência. É sabida a dificuldade dos obreiros de compartilharem suas práticas e reflexões no meio evangélico, devido ao fracionamento e denominacionalismo do protestantismo brasileiro

A partir do documento publicado pela Comissão de Participação das Igrejas de Desenvolvimento (CPID) do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) intitulado: "Por uma Igreja Solidária com os Pobres", os mencionados pastores decidiram promover um encontro ecumônico, no qual, a partir de situações concretas locais e denominacionais, se pudesse aprofundar a temática de uma ação ministerial por parte das Igrejas Evangélicas gaúchas. O encontro realizou-se em 1981, com representantes das várias denominações existentes no Sul, inclusive na Igreja Evangélica Pentecostal "O Brasil para Cristo" (única Igreja Pentecostal brasileira ligada ao CMI). Apesar do documento supracitado ter servido como motivação e material de referência principal, outros textos subsidiários foram utilizados tais como: Cadernos do CEDI (nºs 4 e 5); Suplemento do CEI "Fé e Política"; Credo Social da Igreja Metodista; Documento da Terra da CNBB e outros.

O encontro teve como objetivos:

- troca de experiências concretas do envolvimento das Igrejas evangélicas com as lutas e necessidades dos setores populares;
- análise da realidade brasileira, partindo da perspectiva dos setores populares e baseada na prática concreta das Igrejas Evangélicas;
- busca de recursos pedagógicos para a prática pastoral.

Nesse encontro, como em todos os demais, os critérios de seleção giraram em torno de pessoas de ligação orgânica e efetiva com Igrejas Evangélicas, atuando em comunidades cuja composição majoritária fosse de estrato popular; demonstrassem sensibilidade para a problemática popular. As Igrejas filiadas ao Conselho Mundial teriam direito a dois representantes oficiais credenciados, sendo um clérigo e um leigo. Os demais participantes seriam diretamente convidados pela equipe de Coordenação.

A BÍBLIA COMO FUNDAMENTO

Neste segundo encontro, realizado no final de 81, as preocupações básicas foram: as várias leituras possíveis das Escrituras e a possibilidade do estabelecimento de uma chave hermenêutica numa ótica popular. O pa-



Teologia a partir do movimento popular e com ele (grupo de estudos).

pel das Escrituras no envolvimento das Igrejas Evangélicas com a problemática popular; a busca da mensagem bíblica para a realidade brasileira; troca de experiências quanto à reflexão bíblica nos meios populares.

Este encontro teve como tema central: "A Bíblia como fonte de evangelização popular". A equipe de Coordenação foi composta ecumenicamente e decidiu-se publicar os resultados na forma de polígrafos. A partir dessa reflexão e das avaliações realizadas, constatou-se uma certa carência do grupo quanto a temas especificamente teológicos.

REFLEXÃO TEOLÓGICA

A partir disso, planejou-se o encontro seguinte em torno do tema: "Teologia para a Pastoral Popular Protestante" (em março de 1982). A preocupação era examinar os conceitos básicos da teologia protestante e suas chaves de interpretação. Assim sendo, decidiu-se aprofundar a discussão de dois conceitos fundamentais: "Salvação" e "Igreja". A partir deles, verificar subtemas como "Fé e Obras", "Igreja e Reino", etc..

O livro "Salvação Hoje" de Mortimer Arias foi o texto subsidiário básico. Um referencial importante foi uma pesquisa realizada entre mais ou menos oitenta pessoas de diferentes denominações, com duas questões: "O que é salvação para você?" e, "Como a salvação acontece em sua vida prática?"

UMA LITURGIA DA LIBERTAÇÃO

O encontro seguinte tratou do tema do culto, como centro da Vida da Comunidade e no qual devem ser expressos os anseios e as lutas por liberdade. Diversas experiências foram apresentadas, e realizados exercícios de formulação coletiva de ordens litúrgicas para momentos altos do calendário litúrgico, assim como novas propostas musicais, que desempenham papel estratégico, tanto na linguagem litúrgica, quanto em qualquer processo educativo.

Esta série de encontros, embora não tivesse garantido a articulação de um grupo permanente de participantes (houve grande heterogeneidade e flutuação), garantiu, pelo menos, um espaço de diálogo ecumênico e reflexão consistente. O grupo de trabalho que coordenava e organizava os encontros, porém, permaneceu coeso e sentiu a necessidade de melhor estruturação de trabalho que garantisse as conquistas alcançadas e tivesse o papel de organizar os eventos, distribuir publicações, documentar e divulgar as atividades, e, ao mesmo tempo, manter um certo nível de articulação entre as Igrejas representadas, participantes, entidades, etc. Para atender a essa demanda, decidiu-se implantar um núcleo do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante na Região.

OS PRIMÓRDIOS DO PROJETO ECUMÊNICO

A experiência acumulada ensinou que, para que fossem alcançados os objetivos do Programa, em face das singularidades eclesiológicas do Sul, seria necessário estabelecerem-se vínculos mais fortes com as Igrejas ecumênicas, majoritárias, com vistas a aclarar nossos propósitos. Com efeito, a partir de contatos realizados por integrantes do Núcleo Sul, foram iniciadas conversações com as autoridades eclesiásticas das Igrejas Luterana (IECLB), Metodista e Episcopal. Estas três instituições eclesiásticas já haviam estreitado seus laços por ocasião das enchentes que vitimaram populações carentes do Estado. Nesse esforço conjunto, as Igrejas perceberam que havia entre elas pontos convergentes no que dizia respeito ao enfrentamento de problemas sociais.

A partir disso, as conversações passaram a tratar da preocupação com a formação de agentes e articulação daqueles empreendimentos já em curso, ou, em potencial, que as Igrejas citadas estariam desenvolvendo nas periferias da chamada "Grande Porto Alegre" e também em municípios de médio porte.

Foi extremamente gratificante para nós ouvir as expressões de alegria daquelas lideranças eclesiásticas, por conseguirem uma oportunidade de estarem juntas discutindo alternativas pastorais para suas respectivas denominações, com um propósito específico: ir ao encontro do Cristo no próximo necessitado.

A fundação formal do Núcleo Sul do Programa aconteceu justamente quando o "primeiro passo da caminhada" foi dado. Todavia, essa pequena história que aqui registramos representa um tributo aos esforços dos pastores, pastoras e lideranças leigas que corajosamente decidiram, há alguns anos, assumirem juntos o desafio ecumênico do serviço.

Vale mencionar agora algumas palavras do bispo Isac Aço da Igreja Metodista, num estudo bíblico escrito a propósito da experiência: "Através de sua ação (do CEDI) inter e intra eclesiástica se estabelecem vínculos de unidade na caminhada que, assim desejamos e testemunhamos, têm-nos ajudado a entender melhor nosso 'contexto' missionário comum, e como a Graça 'concedida' a cada uma de nossas Igrejas pode somar para o todo".

CAPÍTULO III

O primeiro passo da caminhada: saber é partilhado

PRIMEIRO SEMINÁRIO



Comungar o saber: Jether fala, debatedores anotam.

CRÔNICA DO ENCONTRO

Este seminário reuniu noventa e oito agentes de pastoral, leigos e pastores, na cidade de São Leopoldo (21 a 23, junho de 1985). Os participantes, convidados especialmente pelas direções das Igrejas Episcopal, Metodista e Luterana, deram início ao projeto. O Seminário, assessorado pelo Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, foi o primeiro evento desta envergadura e significado na pastoral protestante do sul do País.

Na devocional de abertura o pastor luterano, Vilmar dos Santos Machado, entendia que estes seminários seriam "uma penitência pelo que as Igrejas protestantes deixaram de fazer, ao longo de muitos anos, pelos pobres e empobrecidos".

A abertura oficial do encontro foi feita pelo Bispo Isaac Aço (Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista), que falou também em nome do pastor regional Humberto Kirchheim (Quarta Região Eclesiástica da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e o Bispo Cláudio Vínicius de Senna Gastal (Diocese Meridional da Igreja Episcopal do Brasil). Saudando efusivamente os participantes, destacou que a iniciativa ecumênica das direções eclesiás tinha encontrado um amplo respaldo das bases necessitadas de aprimorarem a sua pastoral na periferia. Lembrou que a idéia inicial deste projeto, ora em execução, nasceu de um encontro da três autoridades eclesiás, ocasionado pelas violentas calamidades cíclicas que assolam o povo do sul do País... Num momento dramático de graves enchentes, as Igrejas procuraram atender aos flagelados em suas necessidades imediatas, bem como, posicionaram-se, num documento público, denunciando os pobres e marginalizados da sociedade como vítimas permanentes das enchentes. Essa ação conjunta e emergencial tornou-se um desafio para as Igrejas desejas de um apoio mais efetivo às comunidades de periferia. Nesse momento, o Programa foi solicitado a assessorar as Igrejas na discussão e elaboração de uma proposta de ação conjunta nas áreas de periferia...

A expectativa do projeto, onde se realizam os três seminários, na palavra do Bispo Aço, é que de fato sejam passos concretos de uma caminhada para que as Igrejas possam, em conjunto, enriquecer e aprofundar as suas práticas pastorais. Destacando ainda que tal aprofundamento pastoral sejam práticas transformadoras. Sugere, enfim, que haja fertilização de uma nova prática pastoral nas Igrejas reunidas nestes seminários.

APRESENTAÇÃO DOS PRELETORES

Rev. José Bittencourt Filho, coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI, apresentou ao grupo os palestrantes deste primeiro seminário, cujo objetivo é nitidamente teológico e de aprofundamento do conhecimento da realidade.

O Prof. Jether Pereira Ramalho, da Igreja Congregacional, foi fundador do Centro Evangélico de Informação (CEI). Ele tem acompanhado os

avanços e recuos da pastoral popular. É também fundador do próprio Programa de Assessoria à Pastoral Protestante, e, por longo tempo, tem acompanhado os irmãos que tentam firmar a presença deste Programa no Sul, através do Núcleo Sul do Programa. Seus estudos têm se concentrado na implantação do protestantismo brasileiro, numa perspectiva sociológica.

Herbert de Souza (o Betinho) é católico, voltou do exílio em 1979, assumindo importante papel na caminhada da pastoral popular. Fundou e dirige o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), entidade que visa produzir informação e assessorar o movimento popular.

Estes dois palestrantes dirigiram o plenário durante todo o segundo dia do encontro. As colocações foram aprofundadas com trabalhos em grupos e uma discussão em plenário sobre o momento conjuntural que se descontinava.

Na manhã do terceiro dia, os participantes reuniram-se para a celebração eucarística, todos ainda em jejum, num testemunho de disponibilidade para com o Reino. Os trabalhos prosseguiram com o painel "O que significa uma Pastoral Ecumênica de Periferia".

Sob a coordenação de Jether Ramalho, o painel contou com a colaboração de **Antônio Gouvêa de Mendonça**, pastor da Igreja Presbiteriana Independente, autor do livro "O Celeste Porvir", estudo sobre o protestan-



"O objetivo deste Seminário é aprofundamento do conhecimento da realidade e pensá-la teologicamente" (J. Bittencourt Filho - Coordenador do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI).

Celebração da Ceia do Senhor: abertura.

tismo de missão, que apresentou um quadro geral e histórico do protestantismo brasileiro nos seus avanços e crises. Também participou o pastor **Dr. Martin Dreher**, professor de História Eclesiástica da Faculdade de Teologia da IECLB, que apresentou um estudo sobre a implantação das três Igrejas no Rio Grande do Sul. A estas colocações iniciais, teceram-se comentários e complementações. O Bispo **Isaac Aço**, o reverendo episcopal **Horácio Bueno Filho** e o pastor luterano **Günther Wehrmann** deram um testemunho da esperança em uma nova prática pastoral que venha renovar o compromisso das Igrejas com os preferidos de Deus, os pobres e oprimidos.

Encerrando o seminário, Jether e o bispo Aço agradeceram a presença numerosa e a participação intensa do grupo, o apoio do CEDI, e expressaram o desejo de que os seminários possam cooperar com as Igrejas na elaboração de uma Pastoral de Periferia.

Após o término do seminário, algumas pessoas mais ligadas ao trabalho do Núcleo Sul, juntamente com membros da comunidade episcopal de Canoas, realizaram uma breve cerimônia de inauguração da sede do Núcleo Sul do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante.

EXPOSIÇÕES

Conhecendo a realidade que nos cerca

Síntese da exposição de Jether Pereira Ramalho

INTRODUÇÃO

Este seminário está revelando, entre outras coisas, elementos muito significativos da conjuntura eclesial em que vivemos: a forte presença dos evangélicos na vida nacional e a opção de uma parte de suas Igrejas, que deseja se comprometer com a luta dos pobres e oprimidos.

No momento em que a pastoral popular da Igreja Católica sofre um orquestrado e bem planejado ataque interna e externamente, o testemunho e o compromisso dos evangélicos nessa causa comum assume uma importância fundamental. Indica, de forma inequívoca, que essa perspectiva evangélica não é propriedade de nenhum grupo confessional, mas é inequivocavelmente uma postura ecumênica, de uma luta pela justiça e pela paz. Esse seminário é um prisma dessa busca de fidelidade ao Evangelho.

SINGULARIDADES DA CRISE QUE VIVEMOS

Não estamos participando apenas de uma crise econômica ou política. A questão é mais profunda. Coloca-se em tela de juízo a visão que temos da sociedade em que vivemos, do trabalho que efetuamos, do bairro em que moramos, das relações sociais que mantemos.

No momento atual, as grandes questões, os profundos desafios que estão agitando o cenário mundial, em todas as suas esferas, são colocados pelos pobres, pelos deserdados da terra.

Na esfera política poderemos citar a Nicarágua, pequeno e pobre país da América Central, que assusta os Estados Unidos, o maior império do mundo, e faz com que ele rompa com os mais elementares princípios da política internacional, e intervenha de forma escandalosa e direta nos assuntos internos daquele pequeno país. A possibilidade de um projeto político alternativo de sociedade, construído e elaborado pelos pobres, coloca em dúvida a chamada proposta do capitalismo moderno.

No terreno da teologia, assistimos a um fato inusitado. A produção e reflexão teológica do Terceiro Mundo, especialmente da América Latina, assusta, amedronta e questiona a secular teologia européia, tanto na área católica, como na protestante. E para tentar deter essa reflexão, recorre-se a métodos inquisitoriais e autoritários. Por que tanto receio?



"Para as Igrejas, o povo se está dirigindo, vê-se valorizado e afirma seu jeito de ser" (Jether Ramalho).

Por que tanta violência? É que mais uma vez os pequenos e pobres questionam os famosos e poderosos das Igrejas, inovando e criando um novo pensar teológico, não fruto de reflexões acadêmicas, mas resultante de uma *praxis pastoral libertadora*.

No campo específico das Igrejas Evangélicas assistimos também a um fenômeno inusitado. As chamadas Igrejas históricas estão sendo questionadas na sua eclesiologia e na sua teologia pelos avanços do pentecostalismo, com suas múltiplas expressões. Para essas Igrejas o povo se está dirigindo, vê-se valorizado e afirma o seu jeito de ser. E muitas das nossas rígidas estruturas eclesiásticas se desnudam, como obsoletas e descontextualizadas.

Os diversos momentos da história vão indicando e formando os seus verdadeiros sujeitos. Nos últimos anos um fato político relevante foi o crescimento da mobilização, organização e aprofundamento da consciência política dos setores populares. Cada vez se torna mais evidente que se está gestando um novo poder: o poder popular. É impossível para qualquer projeto político ou econômico, ou para uma prática pastoral, não colocar como componente fundamental a questão da participação popular. Isso é também novo e característico do momento em que vivemos.

CONHECER A REALIDADE: UM DOS ELEMENTOS BÁSICOS DA PASTORAL

Não é conquista fácil ter-se uma visão mais estrutural e totalizante da realidade na qual se exercem as atividades das nossas Igrejas.

Para desvelar essa realidade necessitamos usar ferramentas apropriadas: não bastam a boa vontade e as intenções políticas. E essas ferramentas podem ser encontradas no saber científico acumulado e na sabedoria popular.

Outro dado importante é que a realidade não é vista da mesma forma por todas as pessoas e grupos sociais. O que é grave e fundamental é que a visão da realidade que as Igrejas têm, vai definir o tipo de pastoral que elas exercem.

Naturalmente que, quando neste seminário se está falando em pastoral, estamos nos referindo a uma ação coletiva, comunitária da igreja local, em uma realidade concreta e historicamente definida. Trata-se de uma interferência no processo social, numa participação como Corpo de Cristo, que envolve pastores, membros das igrejas, jovens, etc.

Essa concepção de pastoral também é um elemento novo: esse nosso encontro está buscando subsídios, conhecimentos, clareza para estar presente, como igrejas, na problemática, nas lutas, nos sofrimentos e nas conquistas do povo da periferia das nossas cidades do sul do Brasil. Estamos qualitativamente superando o limite da "comunidade dos fiéis" para a ação ecumênica na comunidade social mais ampla.

Para esse salto é preciso conhecer e participar da comunidade onde as igrejas pretendem atuar. Conhecer e participar das lutas populares, muito concretas e atuais: lutas pelo transporte, pela água, pela escola, pelo emprego, etc. Conhecer as suas organizações, o seu jeito de trabalhar. Respeitar a sua sabedoria e o seu conhecimento.

Isso não é fácil. Os grupos dominantes já têm uma leitura da realidade pronta para toda a sociedade. Estão aí as televisões que diariamente, competentemente, vão introduzindo dentro de nós a visão da realidade que lhes interessa, que lhes permite manter a dominação.

O grande desafio do momento em que se vive é procurar inverter essa ótica. É desvelar a grande mentira que nos estão impingindo. É abrir a cortina do palco e ver o que está por trás dos bastidores; quem puxa os cordéis dos fantoches. Essa tarefa de abrir o real é fundamental para a pastoral popular. É tentar ver o real a partir da perspectiva do operário, do camponês, do pobre, do trabalhador.

Este primeiro momento da caminhada em busca de uma pastoral ecumênia de periferia é fundamental. Devemos, nesse processo do trabalho, procurar suprir três deficiências: a nossa pouca prática popular, a falta de conhecimento de instrumental científico de análise da realidade e a idéia preconcebida que já temos dessa mesma realidade.

UM PASSO FUNDAMENTAL

Certamente que essa não é uma tarefa para ser alcançada num seminário. É um processo mais longo. Mas estamos dando um passo fundamental. Fizemos uma opção de nos engajar nessa caminhada como Igrejas e ecumenicamente.

Esta nossa ação vai nos levar a uma difícil interrogação: se não tenho as mesmas condições materiais dos habitantes das periferias, não vivo a mesma situação do operário, do favelado, como posso ser fiel e solidário à sua visão de sociedade e à sua luta? Como vamos fazer uma pastoral de periferia se a maioria de nossas igrejas não são de moradores de periferia?

Sem dúvida, isso vai exigir de nós uma visão mais estrutural da sociedade, a possibilidade de fazer a ligação da problemática da periferia com o sistema econômico e político que nos rege, de relacionar o microcosmo com o estrutural amplo, de entender que vivemos uma situação conflituosa, onde projetos políticos disputam a hegemonia da sociedade.

No Brasil assistimos hoje à configuração, ainda não muito nítida, de um projeto popular, isto é, da melhor definição dos direitos dos trabalhadores, daqueles que produzem, que geram as riquezas, contra o projeto hegemônico atual que privilegia as minorias, que procura modernizar as estruturas de opressão e manter o atual estado de coisas.

E aqueles que mantêm o projeto hegemônico, controlam os meios de comunicação, infligem uma visão de sociedade. E nós, como igrejas e

pessoas, muitas vezes inconscientemente, vamos aceitando e legitimando essa visão da sociedade.

Mas os pobres, as mulheres e homens da periferia, começam a ver diferente. Sabem que o seu salário é insuficiente, que não há esgoto na rua, que a saúde é precária e que são mentirosas as promessas que lhes fazem.

E nós como ficamos nessa luta? Omissos, coniventes? Os trabalhadores estão nos requisitando para o seu projeto: como pastores, professores, estudantes. Eles precisam de nossa colaboração na sua caminhada, não como seus dirigentes, mas como colaboradores.

Isso nos vai exigir uma outra postura teológica, uma releitura da Bíblia, um mais profundo conhecimento de pastoral e, sem dúvida, uma outra perspectiva política da sociedade.

Quando as Igrejas Evangélicas do Rio Grande do Sul se reúnem num seminário como este, estão afirmado que não querem atuar na comunidade somente quando há enchentes ou calamidades. Querem ir mais a fundo. Optam por ser participantes dos projetos do povo, definem-se por estar ao lado do novo sujeito histórico que está emergindo, na sociedade e nas igrejas: os pobres, os trabalhadores e oprimidos.

Elementos de análise da conjuntura brasileira

Síntese da exposição de Herbert de Souza

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, foram sendo construídos três tipos de projetos de sociedade. A identificação desses três tipos pode-nos ser útil, para nos localizarmos e nos perguntarmos que tipo de sociedade nós queremos construir, pois não temos mais o direito de viver acreditando que a sociedade é um dado natural, que existe como existe, as pedras, as plantas e os animais. A sociedade humana é uma construção humana, portanto obra de projetos e intenções conscientes. Existe uma teoria que tenta mostrar-nos, erroneamente, que a história é assim, por uma necessidade. Essa teoria mostra inclusive etapas no desenvolvimento da sociedade como se essas etapas fossem absolutamente necessárias. Isso nos levaria a acreditar, por exemplo, que o nazismo foi uma etapa necessária no desenvolvimento do capitalismo alemão; que o fascismo foi etapa necessária ao desenvolvimento do capitalismo italiano; e que a revolução soviética foi uma consequência necessária da evolução do capitalismo russo. São visões deterministas da história, extremamente perigosas, pois elas colocam a sociedade como algo que não foi produzido por nós e sim por alguém ou por algum mecanismo que está fora do nosso alcance, da nossa consciência, da nossa percepção e fora da nossa capacidade de transformação.

O pensamento resignado é filho dessa teoria: "A vida sempre foi assim, a história sempre foi assim"; "Pobre? Isso sempre houve"; "Pobre, é preciso que haja, para que a gente pratique a caridade". Pessoalmente, me rebelo contra qualquer tipo de teoria determinista, naturalista, organicista, que pensa a história como algo que está fora do meu alcance de transformação, e que pensa a ação humana como ações não-conscientes. Há gente que vê uma fábrica e diz: "Isso é um fato histórico concreto"; mas é mais que isso, é uma relação social, consciente, onde homens conscientes determinam essa forma de ser, de exploração. E assim como se faz, se desfaz!

Existe uma visão estadista, autoritária, que afirma que tudo que existe na sociedade nasce do Estado. O Estado é o produtor da sociedade. O Estado, no caso, é um mito, é um deus, é onipotente. A consequência desse tipo de pensamento é que ele é de fundo autoritário, porque a solução de todos os problemas passa pelo poder do Estado, e todo o objetivo que as pessoas passam a ter é de conquistar o poder do Estado, e, a partir do Estado, fazer o milagre da transformação da sociedade. Este é um erro político da esquerda e da direita. Há muitos pensadores de esquerda que pensam a história desta forma: lutar para tomar de assalto o Estado, e

com o Estado, fazer o reino da igualdade e da justiça, como se o Estado e o Poder fossem coisas que se tomam; não o são. São uma relação social que implica em grupos, pessoas conscientes. Mais grave, nessa visão, é que nos leva a uma prática autoritária na sociedade civil. Não é a sociedade que gera o Poder e o Estado, são as milhares de formas de relação que se dão na sociedade que geram o Estado e o Poder. Para que haja cem deputados latifundiários no Congresso, é necessário que haja latifúndio; é o latifúndio que produz os deputados latifundiários e não o Legislativo que produz o latifúndio. Temos que analisar as relações sociais que se dão na sociedade civil, onde nós estamos, e é aí que nasce o Estado, o poder, os partidos, onde nascem o bem e o mal, e a mistura dos dois.

Sempre fomos educados no sentido de que as coisas são simples, fáceis de ser aprendidas e que a sociedade só está bem quando está em ordem. "Tá tudo bem? Tá, tá tudo em ordem". Isso passa a ser sinônimo de bem, quando na verdade nada está em ordem, nada é simples, tudo está em movimento, em transformação, mesmo que queiramos que não esteja.

O pensamento científico é aquele que pensa só com a mudança, pois está em permanente mudança. Quem pensa sem a mudança, primeiro não tem o pensamento científico; segundo, está perdendo tempo, pois está pensando em algo que não acontece, é um pensamento inútil. O trágico é que nós aprendemos nas escolas e ensinamos a nossos filhos um tipo de percepção da realidade que realmente não acontece.

O PROJETO AUTORITÁRIO

Para entendermos o que é uma proposta autoritária, basta estudarmos a História do Brasil. O Brasil é uma sociedade que foi construída com um projeto autoritário, da Colônia até hoje. As relações que se estabeleceram nas famílias, nas escolas, nas igrejas, nos partidos, entre as pessoas, são basicamente autoritárias. Nós nos relacionamos de uma forma basicamente autoritária. A forma como o Brasil tratou o índio e o negro, por exemplo, todo o trabalho braçal a partir da época colonial ficou em cima da escravatura, que alguns acham que terminou. Basta analisar as estatísticas do IBGE para perceber que os negros e principalmente as negras são explorados no trabalho, nas relações entre as pessoas e que o Brasil é altamente discriminador em relação ao negro.

As relações de trabalho no Brasil são basicamente autoritárias. Existem fábricas que são verdadeiros quartéis. E é aí que o operário vive o cotidiano do autoritarismo.

O autoritarismo já era parte de nossa história, e ficou mais claro depois de 64. E o golpe militar teve um grande mérito. Provocou a consciência liberal e democrática do País. Começamos a descobrir que temos que construir uma sociedade no mínimo liberal. O País inteiro teve um curso intensivo e doloroso de aprendizado político.

O PROJETO LIBERAL

Os liberais no Brasil são poucos e são muito marcados também pelo autoritarismo. São filhos do autoritarismo. O golpe de 64 foi fruto de uma aliança entre os liberais e os autoritários. É bom lembrar que a Igreja Católica, que hoje faz a remissão de alguns de seus pecados e faz a "opção pelos pobres", em 64, fez a opção pelos ricos e pelo golpe. Havia um personagem chamado Milton Campos, a fina flor do liberalismo, jurista eminente, só falava em Ordem e em Constituição, um "santo liberal". Mas quando o Castelo Branco precisou de um Ministro da Justiça o escolhido foi o liberal Milton Campos. Os liberais, historicamente sempre se aliaram aos autoritários. Aí reside a dificuldade de distingui-los, no Brasil, os liberais dos autoritários. Mas temos que aprender a distinguir um projeto liberal de um projeto autoritário, para não confundirmos Médi- ci com Willy Brandt.

Os liberais têm uma proposta de sociedade que está hoje materializada numa coisa que se chama "Nova República". É a primeira vez que as forças políticas liberais chegam ao poder do Estado e formulam um projeto político liberal, mas liberal à brasileira, não à inglesa ou à suíça. Isto é, um liberalismo que teve Tancredo como "pai da criança" e Sarney como "padrasto" que não sabe bem o que fazer com o "enteado". Tancredo veio do PSD, que era o partido dos latifundiários, e Sarney veio da "Bossa Nova" da UDN, passou pela Arena, pelo PDS, e hoje é nosso presidente dentro de um projeto liberal. Por isso fredo que tudo deve ser visto dentro do contexto da história, que é contraditória, onde as coisas estão misturadas.

O PROJETO DEMOCRÁTICO

O terceiro projeto, que sempre esteve presente na história da humanidade, e que é responsável pelo avanço da história, é o projeto democrático. Quero distinguir o democrático do liberal. Não são iguais, mas radicalmente diferentes. O liberal propõe uma igualdade abstrata, de acordo com a lei, com as normas, em cima de uma desigualdade concreta. Diziam: "Nós vamos fazer deste país uma democracia, mas temos que manter intocável a propriedade privada". A base da sociedade liberal é a defesa da livre empresa. O discurso liberal é igualitário, mas a prática é de dominação. O projeto democrático propõe uma sociedade igualitária e participativa, uma sociedade onde todos nós, homens e mulheres, independentemente da cor, da crença, da idade, da capacidade, da inteligência, somos iguais, nos tratamos como iguais. E essa igualdade se consegue através da participação de todos na construção dessa sociedade. Pois bem, essa sociedade nunca existiu, essa sociedade é um sonho projetado a futuro para construir o presente. Portanto ela tem que ser uma utopia, porque a igualdade absoluta ninguém nunca vai conseguir.

Portanto, o projeto da sociedade democrática é uma fantástica e fabulosa utopia transformadora da sociedade, um projeto a futuro. Mas essa utopia tem de alimentar a ação transformadora de agora. Se não se puder fazer tudo, faz-se uma parte. E essa utopia é radical, anima radicalmente as pessoas.



"O trágico é que nós aprendemos nas escolas e ensinamos a nossos filhos um tipo de percepção da realidade que realmente não acontece" (Herbert de Souza).

A história da humanidade e a história do Brasil estão recortadas, animadas por esses três tipos de propostas; e o mais curioso é que tanto um partido quanto uma igreja, quanto uma pessoa podem ter manifestações das três. Uma pessoa pode ser autoritária em casa, liberal na rua, e revolucionária num comício. Um pastor pode ser democrático em casa, autoritário na Igreja e liberal com seus amigos. Numa mesma pessoa, numa mesma instituição, num mesmo processo, essas três vertentes se cruzam. O importante é saber que se manifestam e saber identificá-las para saber que processo de mudança vamos fazer.

A ótica liberal é aquela da etapa e do período da humanidade onde existe o capitalismo. Mas o capitalismo não é necessariamente liberal. A Alemanha era capitalista e teve um surto autoritário brutal que foi o nazismo. Portanto, o capitalismo pode ser liberal ou autoritário. As sociedades socialistas também podem ser autoritárias, liberais ou democráticas. O tipo de regime capitalista ou socialista tem de ser comparado com essas três vertentes também. E muitas vezes uma sociedade socialista pode ser democrática no social e autoritária no político.

A FORÇA DA INFORMAÇÃO

Passemos agora a uma análise da conjuntura brasileira. E suponhamos que vocês são de Marte, e querem saber que país é este, o que anda acontecendo por aqui, e escolhem um terráqueo brasileiro para contar a situação. E para dar esta resposta a gente tem que trabalhar uma série de informações. Aí começa o problema, às vezes a informação informa e às vezes, desinforma. Temos hoje um sistema de desinformação global. O Brasil está sob o império de uma grande máquina de produção de informação monopolizada na mão de três ou quatro grupos de pessoas. Um grupo chama-se "Rede Globo de Televisão", o mais poderoso, que tem o monopólio da informação e atinge a cerca de sessenta milhões de pessoas diariamente. Nunca se bolou um esquema de controle político, ideológico e cultural tão grande quanto este. A Igreja, antigamente, tinha um sistema fantástico. Ou seja, cada padre dominava a paróquia, e ia até a alma do paroquiano. Isso foi sendo destruído com a sociedade urbana, com a industrialização. Hoje temos um grupo de quatro ou cinco agências internacionais em escala global, que têm três ou quatro correspondentes em cada país. O noticiário internacional da televisão é sempre igual na Bandeirantes, na Globo, na TVE... Mas não é igual só no Brasil, é igual no mundo inteiro. E essa rede global, mundial, entra no seu quarto, na sua casa e lhe diz, todos os dias, "a realidade é essa". Então nós conhecemos a realidade através desse nível de informação.

E essa realidade é ditada. A Rede Globo filma uma senhora e pergunta: "O que a senhora acha da reforma agrária?" "Sou totalmente a favor da reforma agrária, sem ela não haverá democracia no Brasil. Mas é claro que existem alguns problemas em relação à reforma agrária". A Globo edita suas declarações: "Dona Fulana declara que existem alguns problemas em relação à reforma agrária". A Globo criou a visão, ela faz a realidade, e vai buscar na realidade a forma de provar o que ela quer dizer. Durante muito tempo a Rede Globo ignorou a campanha das diretas. Chegou o momento em que essa posição lhe dava um prejuízo brutal. E

subitamente o País accordou com a campanha das diretas, porque a Globo anuciara a todo o país que milhões de pessoas estavam nas ruas. Esse sistema é que nos dá a impressão de estarmos informados, porque recebemos uma versão de um detalhe da realidade.

Além disso temos os jornais, as revistas, que reproduzem o mesmo sistema, porque no Brasil, como em outros países capitalistas, revistas e jornais são empresas. Então, quem pode, através de dinheiro, ou politicamente, publica. Quem não paga não publica.

COMO CONHECER A REALIDADE BRASILEIRA

O primeiro grande desafio é esse: como conhecer, como desenvolver processos, esquemas, para conhecermos a realidade tal qual é? E eu pergunto: é possível fazer isso? Eu digo que sim. Nossa luta, no IBASE, é essa, democratizar a informação. O CEDI, outros centros, as igrejas, as associações de moradores, os sindicatos, os partidos, todas essas organizações estão produzindo informação e conhecimento, mas não estão produzindo a imagem global do País. Então existe a séria questão de como nos informarmos. Para ficar razoavelmente informados, vocês deveriam ler diariamente "A Folha de São Paulo", o "Jornal do Brasil" e os jornais daqui do Rio Grande do Sul. No final de semana deveriam ainda ler "Veja", "Isto É" e "Senhor", ou duas das três, e além de assistir à novela, ver o "Jornal Nacional" ou "Jornal Bandeirantes". Este é um esforço incrível que cada um deveria fazer para estar minimamente informado ou desinformado. É nessas condições que me aventuro a falar sobre a realidade brasileira, porque eu também posso estar desinformado e quero colocar uma dúvida sobre minha própria informação. Há que acrescentar que durante o regime autoritário o próprio Estado era um fator de desinformação fantástico.

Então, explicando que país é este para os marianos, eu diria que o Brasil é um país de 8,5 milhões de km², com 130 milhões de habitantes. É um desafio pensar o Brasil pelo seu território e pela sua população. É um país com praticamente todos os recursos naturais possíveis existentes na terra. É a oitava economia capitalista do mundo. É o segundo exportador de soja, o primeiro exportador de suco de laranja. É o quinto país produtor e exportador de armas. Além do mais, tem uma dívida externa de 100 bilhões de dólares, o que significa juros anuais de 13 bilhões de dólares. Exporta 26 bilhões de dólares e importa 16/17 bilhões, porque os dirigentes da política econômica decidiram que o compromisso maior do Brasil é com os bancos internacionais e não com seu próprio povo. Portanto, temos que pagar os juros da dívida, assim exportamos 26 e importamos 16/17 bilhões. O Brasil é um país formidável, tem seca, tem neve, tem enchentes, tem rios, os maiores do mundo. É um país onde se poderia realizar plenamente a utopia. Poderia alimentar todos os brasileiros, empregar todos os brasileiros, dar felicidade a todos e ainda ajudar a todos os países da América Latina, e quem sabe, do mundo. Os japoneses, por exemplo, estão desenvolvendo aqui três projetos, que são corredores de exportação de cereais com vistas ao mercado mundial; um em Cerrado; outro, o "Corredor da Soja" com uma ligação em Paranaguá pretendendo estender-se até o Paraguai; e Carajás no Maranhão.

O Brasil montou, ao longo destes anos, um parque industrial extremamente avançado. O Brasil produz praticamente todo tipo de produtos industriais que se possa imaginar. No entanto, a riqueza produzida aqui está concentrada nas mãos de 10 a 20% da população, que representam 20 a 30 milhões de pessoas e isso é igual ou maior que o Canadá. Portanto, temos um "Canadá" dentro do Brasil, ao lado de uma "Índia", de uma "Etiópia". E isso complica mais ainda. Existe um país muito rico dentro de um país muito pobre e subdesenvolvido. E este país rico liga o Brasil diretamente com a economia capitalista mundial. O Brasil desenvolvido, industrializado, é um país internacionalizado. Ele existe para fora, não para dentro. Dentre os países em desenvolvimento, o Brasil é o mais transnacionalizado. Nossa indústria é transnacionalizada. Ela está instalada aqui, mas ela não responde a um processo nacional de desenvolvimento capitalista. A indústria automobilística brasileira, que é uma indústria de ponta, é 120% estrangeira. Os sapatos produzidos em São Leopoldo se destinam ao mercado mundial. O trabalho e o couro são nossos, mas o lucro é apropriado pelo sistema capitalista mundial. E por isso temos uma dívida de 100 bilhões de dólares; essa cifra somente indica o grau de transnacionalização da nossa economia.

Este país em que vivemos tem também um povo, uma história, que produz um Milton Nascimento, um Chico Buarque, um d. Pedro Casaldáliga e a todos nós; produz um movimento social, as associações de moradores, os sindicatos, a resistência; produz um povo que tem uma capacidade de dar a volta por cima, e, corroendo o regime autoritário por dentro, levar até uma transição, que é o momento que vivemos hoje. Esse regime autoritário, transnacionalizado, apesar dos milhões de dólares à sua disposição, se roeu, e seus elementos foram embora um a um. No entanto, outros continuam, e por quê? Porque não estamos vivendo ainda uma sociedade liberal completa e estamos longe da sociedade democrática. Estamos numa transição do autoritarismo para o regime liberal que será a Nova República, se conseguir ser liberal.

O QUE NÓS ESTAMOS VIVENDO COMO CONJUNTURA NESTE MOMENTO

Houve um fim de certo tipo de dominação, de 64 a 85, os militares foram bloqueados, acabaram as eleições indiretas, os partidos políticos banidos voltaram; em suma, várias conquistas liberais, comuns na maioria dos países, foram recolocadas. Estamos confiantes de que algumas funcionarão, outras nós estamos desconfiados. A desconfiança tem muitas razões de ser. Primeiro, em vista do nosso passado, segundo porque muitos atores da peça em cartaz são atores também da velha peça, apenas mudando de papel, como nas novelas.

O importante não é o ator e sim a peça e o seu papel. Aliás a luta política se desenvolve de forma muito parecida com o que ocorre em teatro: tem enredo, cenário, atores, ação, palco, pausa, ponto, tem bastidores e tem platéia. Se pensarmos análise de conjuntura em analogia com crítica de teatro, faremos excelentes análises de conjuntura. E Marx fez uma análise de conjuntura fantástica no "18 Brumário", e a sua metodologia foi a partir de categorias do teatro.



O exercício que estamos fazendo é apenas uma introdução, pois na verdade o processo de conhecimento é um desafio imenso. Estou convencido do que digo, mas admito honestamente que posso não ter uma visão científica e correta dessa realidade.

Quando se colocam perguntas, fazem-se afirmações e se fortalece a disposição ecumênica de servir (plenário).

COMO PASSA DE UMA PRÁTICA, DE UM PROCESSO PARA O OUTRO SEM SER AUTORITÁRIO?

Muitas vezes o autoritarismo se desenvolve, se legitima, se fundamenta sobre uma pretensão de verdade. Numa prática democrática o respeito à posição de todos e de cada um é fundamental; o oposto é uma prática autoritária. O primeiro princípio da prática democrática é que saibamos coexistir com opiniões divergentes; aceitar divergências, aceitar o conflito, a diversidade. Para construirmos uma sociedade democrática temos que aceitar, desenvolver a capacidade de respeitar a opinião das pessoas, trabalhar essas opiniões e saber fazer convergências de opinião. Uma sociedade democrática se constrói através do diálogo, do debate, das idéias e não através das armas, da violência e da tortura. Essa foi a experiência que tivemos no País, de uma dominação que se fez através da eliminação das diferenças a partir da força, da repressão e da violência.

Uma sociedade democrática nasce de um longo, difícil e complexo processo, que exige a participação consciente de todos e não só de uma "minoria iluminada". Sociedade democrática é aquela onde todos os cidadãos são iguais e podem igualmente participar, onde ninguém "faz a cabeça" de ninguém, mas onde todas as "cabeças são feitas" através do amplo diálogo da comunidade.

Uma coisa é achar que tenho a verdade e pregar uma verdade que creio que é minha; outra coisa é impor aos outros essa verdade. Eu acho, por exemplo, que uma sociedade construída sobre os princípios da igualdade e da participação é uma verdade, mas não posso impor esse ponto de

vista, pois no momento em que faço isso, eu nego meu princípio. Nossa experiência cultural, nossa história, nossa experiência de autoritarismo fazem com que a maioria de nós, na nossa luta por idéias e nas nossas posições políticas, sejamos muitas vezes pessoas com intenções e propostas democráticas, e práticas autoritárias. Acho que o fim não justifica os meios. Estamos entranhados desse sentido de autoritarismo, ninguém está imune. Aqui mesmo, o ideal seria que todos nós estivéssemos em círculo, dialogando sobre propostas e não submetidos, como vocês estão, a um orador.

Existem na Igreja as vertentes conservadora, liberal e democrática, e elas estão em luta ao longo da história. Eu acho que Lutero foi uma dessas vertentes; sem Lutero vocês não existiriam, existiria só a Cúria Romana. Eu faço uma análise da Igreja como realidade histórica, tentando verificar, diagnosticar as manifestações dessas três vertentes. Qual a vertente predominante hoje no Brasil? Na Igreja Católica pelo menos, creio que existe ainda uma forte presença conservadora, mas existe um desenvolvimento muito grande da vertente liberal que é a que hoje dirige a Igreja, e há um setor democrático importante, que passa por certos apertos no momento, pois resolveu-se impor a lei do silêncio a alguns representantes dessa vertente.

O autoritarismo não exige paciência, a sua palavra de ordem é "faça"! O liberalismo já exige um certo "jogo de cintura". Já a democracia, além de "jogo de cintura", exige uma imensa paciência, pois temos que aprender a escutar realmente o que as pessoas pensam e querem. Lembro-me de uma reunião de camponeses em que cada "companheiro" teria um minuto para fazer sua intervenção! Isso é o mesmo que cassar a palavra de um camponês! E para saber escutar, ouvir, é preciso ter amor.

CAUSAS DO DESEMPREGO NO BRASIL

Concretamente, diria que as causas são duas. Primeiro, porque nunca houve uma reforma agrária no Brasil, ao contrário da maioria dos países desenvolvidos e da maioria dos países subdesenvolvidos que viram resolvidos seus problemas básicos. Podemos citar pelo menos quatro países onde houve reforma ou transformação agrária e onde não existem pessoas donas de quatro milhões de hectares de terra como no Brasil. A Índia, que apesar de sua imensa população e da pobreza, diminuiu imensamente seu nível de pobreza histórica. O Japão, segunda potência capitalista, fez uma reforma no Período Meiji, ainda no período pré-capitalista, e fez uma segunda reforma agrária depois da Segunda Guerra Mundial, feita a ferro e fogo sob a direção do General MacArthur, que dividiu todas as terras e acabou com todos os latifúndios em três anos; hoje, um latifúndio no Japão é uma propriedade de três hectares. Durante quarenta anos o Japão manteve seis milhões de pessoas trabalhando na agricultura e nunca se provocou desemprego a partir da agricultura. A China tem mais de um bilhão de habitantes, e lá não existe fome. A Revolução Chinesa foi uma revolução agrária, porque equacionou a questão agrária. Os Estados Unidos têm como base da agricultura a pequena e média propriedade. Uma família, com seu trator, toca sua pequena propriedade, e os Estados Unidos são o maior produtor agrícola do mundo,

principalmente em itens fundamentais como trigo e soja. Desses quatro países, três são os maiores em população e um, o Japão, o maior em desenvolvimento. Portanto, a questão do desemprego no Brasil está relacionada ao fato de nunca termos resolvido a questão agrária.

Nas cidades temos o desenvolvimento industrial moderno, que não está pensado para criar empregos, mas para eliminar empregos. Toda a tendência capitalista atual tende a eliminar a força de trabalho como componente básico da produção. Quanto mais avançado o capitalismo, menos força de trabalho ele tem na produção; quanto mais moderna uma fábrica, menos operários ela tem. No Japão podem-se ver fábricas sem ninguém trabalhando, inteiramente robotizadas. Essa robotização já começou no Brasil. Em consequência, temos aqui um desemprego estrutural, que o governo brasileiro, no IV Plano Nacional de Desenvolvimento (P.N.D.) já chamou de a "miséria moderna".

A questão do desemprego, é um dado moderno do desenvolvimento do capitalismo moderno. Os Estados Unidos têm hoje as mais altas taxas de desemprego de sua história, e não são conjunturais e sim estruturais. Eles têm de pensar a história de outra forma, pois agora têm de conviver com taxas de desemprego de 9 a 12% ao ano; a Europa tem países com 10 a 12% de desemprego. O único que está equacionando a questão do desemprego é o Japão, que fez um plano de desenvolvimento do capitalismo altamente centrado nos interesses nacionais. Quando há a robotização de um setor, os operários daquele setor são treinados e educados para outro tipo de produção, criam-se setores alternativos e transferem-se os operários. E os empregados são mais ou menos eternos dentro da empresa. O empresariado japonês considera o empregado como parte da empresa, e assim como não se jogam fora as máquinas, tampouco se jogam fora os empregados, enquanto em outros países capitalistas o operário é descartável. Por isso o desemprego no Japão é menor que em outros países.

No Brasil, além desses fatores, de que nossa industrialização também é moderna, existe o fato de que a política econômica de todo este tempo não teve e não tem ainda nenhuma consideração pela criação de empregos. Aqui, toda a ideologia é criar riqueza.

No Brasil, 55% da população economicamente ativa (aquele em idade de trabalhar, que no Brasil é contada a partir dos dez anos, o que é escandaloso!) está subempregada ou desempregada.

RESOLVER NÃO, MAS MELHORAR

Se o governo quisesse, se nós pudéssemos definir uma política de desenvolvimento que tivesse como objetivo principal o desenvolvimento do País, das suas riquezas, de criação de empregos, se poderia melhorar muito o que aí está, mesmo num regime capitalista. Resolver não, mas melhorar. Mas a estreiteza de visão das classes dominantes é tal que elas não fazem sequer o que é de seu interesse. Como poderá um capitalista sobreviver se não existirem compradores para seus produtos? como pode uma pessoa comprar se não tem salário? como pode ter salário se não

tem emprego? Faz parte da própria lógica do sistema criar empregos. Mas não temos um governo brasileiro e sim um governo brazileiro.

Voltemos à análise da conjuntura nacional. O fato só tem importância se ele está dentro de um enredo; um mesmo fato pode ser importante ou não, dependendo de seu contexto; e o mesmo fato pode ter mil sentidos, por exemplo, um beijo pode ser o beijo de Judas que entrou para história e pode ser um beijo entre namorados. A visão do acontecimento tem de ser relacionada com o contexto em que estamos vivendo.

O ano de 1982 foi um momento fundamental no processo de transição de uma forma de dominação autoritária para uma forma de dominação liberal; foi, apenas um início de mudança na forma de domínio político, não o início da democracia. Mas a diferença é muito importante. Aqueles que sofreram com a repressão sabem a diferença entre o domínio exercido num período como o de Kubitschek e aquele exercido no período Médici, entre este e Figueiredo, e entre este e Sarney. Então, 1982 foi o começo do fim do regime autoritário e o início da alternância do poder, ao nível dos Estados, marcando a restauração da Federação e restabelecendo como único princípio válido do poder a eleição direta. Quando se elegeram os governadores em 82, estava decretado inexoravelmente que a próxima eleição seria direta, pois aquela eleição fazia parte de uma mudança na correlação de forças políticas. As formas de dominação autoritária exauriam-se e as formas de dominação liberal, empurradas pelas forças democráticas e populares, cresciam.

O liberal caminha quando é empurrado pelo democrata; quanto mais forte o democrata, mais liberal é o liberal, até o ponto em que se pode assustar e tornar-se um perigo, pois tende então a aliar-se aos autoritários para golpear as instituições. O liberal é importante mas é preciso tratá-lo com muito cuidado. Em 82, o princípio das eleições diretas, a reconstituição do governo, a emergência dos liberais no poder, marcou um momento fundamental da nossa história. Ela abriu espaço para a maior mobilização já havida na história política brasileira que foi a Campanha das Diretas. A expressão maior da Campanha das Diretas foi a prova de que a sociedade civil brasileira estava acordada, de pé, que ela tinha crescido politicamente. De repente começamos a perceber que o povo tinha amadurecido durante aqueles vinte anos e que o País podia ser no mínimo liberal. Este é o sinal de que poderemos construir uma sociedade democrática. Milhões de pessoas saíram à rua com sua vontade, para dizer, todos e cada um, "eu quero construir o País". E essa vontade política é uma vontade fundamental. A Campanha das Diretas enterra o regime autoritário; o governo Figueiredo ainda ficou vagando um tempo. Às vezes as pessoas morrem mas não são enterradas!

POSSIBILIDADES NA CONSTITUINTE

Neste contexto colocam-se para nós duas questões. A primeira, a Constituinte. Com a Nova República, a sociedade civil, os partidos, as lideranças políticas, as classes dominantes, descobriram que têm que reorganizar o País. O País está sendo dominado ainda por uma certa quantidade de leis e de instituições totalmente anacrônicas em relação ao que está

acontecendo; o País precisa então de uma reordenação constitucional, pois toda a ordem jurídica é fundamentalmente autoritária, quando o País se proclama uma Nova República. É como uma pessoa muito gorda dentro de uma roupa muito pequena, que apresenta uma figura ridícula, que não se pode apresentar em público. Do mesmo modo, estamos vivendo processos liberalizantes e democratizantes e o corpo jurídico que nos rege é autoritário, tanto que não está sendo aplicado. Então a sociedade brasileira vai ter de definir sua ordem jurídica e institucional, e aí haverá um grande debate entre as três vertentes de novo. Os conservadores vão querer manter a ordem atual, os liberais vão querer construir um país capitalista, moderno, mas capitalista, sem tocar nas questões básicas do sistema capitalista; e os movimentos populares vão querer construir um país com participação, igualitário, tocando nas questões fundamentais.

Temos uma chance, através da participação popular, de ampliar os espaços democráticos dentro de uma ordem liberal, o que já seria um grande avanço, assim como acabar com os traços autoritários que estão na Constituição. Mas isto é só uma parte do trabalho, pois não bastam leis, é preciso que haja cidadãos que lutem pela aplicação das leis. Por exemplo, a Constituição, no artigo 153, veta a discriminação de raça, condição social, trabalho, religião, convicção política. Este artigo, que deve ser mantido na próxima Constituição, não é respeitado, pois discriminamos por todos os meios ali proibidos. Então é preciso que tenhamos cidadãos que saibam exatamente os direitos que têm e saibam lutar por esses direitos. Teremos então que redesenhar um País possível, mas também construir uma cidadania consciente, e essa é a oportunidade que a Constituinte nos dá, de discutir com todos e fazer a mobilização da sociedade para pensar o País, e aí teremos que medir forças entre essas três vertentes. Mobilizar e discutir intensamente; eleger, o que não será fácil, constituintes conscientes; fazer pressão durante a Constituinte para que ela não cometa grandes desatinos e seja a melhor possível, e, depois, lutar para que ela seja cumprida, pois na atual Constituição, por exemplo, existem cento e dez artigos que nunca foram regulamentados, logo não aplicados.

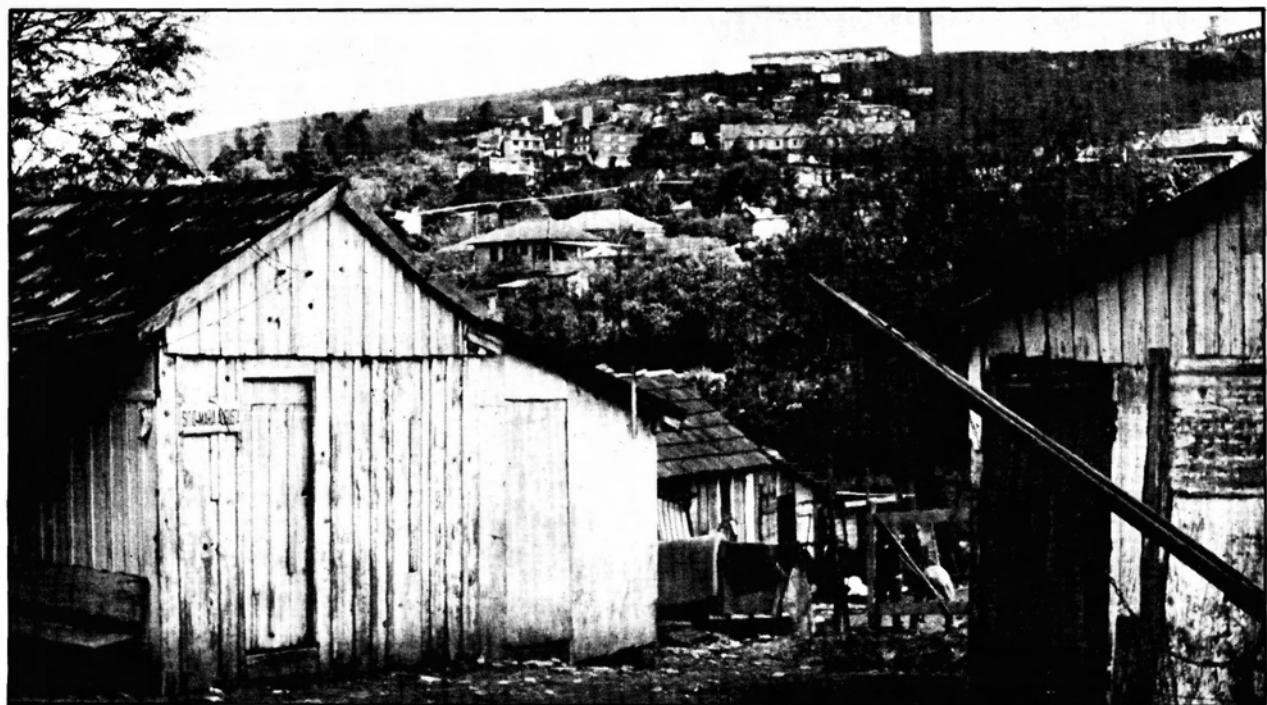
Se não fizermos reforma agrária, moderada ou avançada, qualquer que seja, mas se não tocarmos na estrutura agrária, não vai haver novos rumos, não vai haver sociedade liberal, não vai haver futuro democrático. A solução dos problemas econômico-sociais e políticos passa pela reforma agrária. A Reforma Agrária não é um problema velho, que já ocorreu e devemos esquecer, é um problema moderno, no Brasil e no mundo inteiro. A questão agrária é estratégica, exige uma guerra mundial pelos alimentos. Exige uma batalha científica pela produção de alimentos. Quem dominar a produção de alimentos no mundo domina o mundo, mais do que quem domina as armas, e poucos países têm esse poder. O Brasil pode-se transformar num dos maiores produtores de alimentos para sua população e para o mundo, mas, para isso, tem de fazer a reforma agrária. Só a reforma agrária vai permitir a criação de empregos, a solução dos problemas das cidades, como o marginalismo e as crianças abandonadas, e diversos problemas que colocamos aqui, e cuja origem, se buscarmos com cuidado, veremos que está na terra. Não podemos assistir ao projeto de Reforma Agrária ser atacado por todos os lados im-

passivelmente, sem fazer nada. Para mim, a reforma agrária é questão central para o futuro do País. Aliás, só uma minoria do País está contra a reforma agrária, aquela minoria que sempre foram os donos da terra e do poder, e que estão percebendo que vão perder a terra e já começaram a perder o poder, donde o seu desespero.

Se pudéssemos organizar para a Constituinte uma mobilização como a das "Diretas Já", o País avançaria um século. Acho que devemos tentar. Mas a política tem ritual. Fazem parte da liturgia da reprodução do poder, as eleições. Infelizmente os partidos e as lideranças políticas estão acostumados a trabalhar, existir, pensar e viver em função dos processos eleitorais, em função da disputa imediata pelo poder. Por exemplo, não há eleição não há deputado; não há eleição não há partido. São como os insetos que só voam em direção à luz, e a luz é o poder do Estado. A sociedade faz política o tempo todo, mas o que aparece como política é só uma de suas dimensões, a disputa eleitoral. O fato é o seguinte: as eleições para prefeito em 85 vão-se constituir num teste de força para todos os partidos e todos os candidatos a governador de Estado e à presidência da República. Para o público em geral, a disputa é pela prefeitura, mas de fato, a disputa é o poder do Estado através duma seqüência: 1985, as prefeituras; 86, a Constituinte; 88 a sucessão presidencial. Portanto, todos os partidos e candidatos se organizam em função das disputas seguintes, e isso vai dominar o cenário político do País, pois aqui a política é muito mais função do Estado que da Sociedade, e, mesmo que discorremos, é nesse cenário que teremos que trabalhar. Portanto nós também vamos ter que participar das eleições para prefeito.

Passamos 20 anos sem votar. Votar é bom! Temos de tomar todas as possibilidades de eleições para exercer a cidadania. Os prefeitos das capitais foram todos indicados pelos governadores. Vamos ver agora se os elei-

Vila Cruzeiro do Sul.



tores elegem prefeitos pelo menos um pouco melhores que aqueles indicados. Quem não pratica a democracia não se torna democrata. Se não fazemos eleições diretas para tudo, não exercitamos essa capacidade política da cidadania.

O medo desapareceu da cena, e os liberais estão dirigindo o País, e os militares se estão comportando direito, como os liberais, acham que devem-se comportar. Acho que se conseguirmos construir uma ideologia, uma política em que os militares brasileiros sejam chamados para ajudar na soberania nacional e na política do País em relação a ameaças externas, é ótimo! Isso apesar de sabermos que hoje em dia não existem forças armadas capazes de garantir seu país, desde que existem foguetes transcontinentais.

A IGREJA E A CONSTITUINTE

Eu acho que a Igreja tem uma obrigação moral, um compromisso com a Nação. A Igreja é uma das poucas forças que têm a possibilidade de ajudar este País a ser, pelo menos, liberal, para não sermos pretensiosos ao pedir um país democrático.

O papel da Igreja na Constituinte será de estimular, promover, organizar o debate das grandes questões nacionais. Não que ela diga o que deva ser a Constituinte, mas para que ela chame e organize o povo, provoque o povo para que ele discuta e decida sobre a participação na Constituinte e a forma que deve ter a Constituição. A Igreja deve oferecer seus espaços, suas forças, suas informações, suas luzes e seus valores para que a sociedade se referencie. E se ela não fizer isso, ela será cúmplice com a ordem autoritária. Mas não concordo com a idéia da Igreja querer fazer uma Constituinte cristã, seja católica, ou luterana, ou metodista. A Constituinte tem que ser para todos os cidadãos, independente de terem ou não credo religioso. Devemos alimentar o debate pela Constituinte mas sem querer ter a hegemonia. Para isso não pode ser uma Constituinte confessional, pois se cada um puxar para suas convicções, teremos, no fim, uma Torre de Babel e uma oportunidade de dividir o povo ainda mais. Acho que é antes a hora de nos firmarmos no conceito de cidadania, ainda que reivindicando as luzes dos valores cristãos para a Constituição a ser votada.

O pensamento da Campanha Nacional pela Constituinte é de desacordo com a indicação de uma comissão de notáveis. Nós pensamos num processo de Constituinte que parte da mobilização das bases da sociedade, da participação de todos e que a Constituição seja elaborada na própria Constituinte. A tarefa da Constituinte é tarefa do povo brasileiro que elegerá seus constituintes para isso. Essa é aliás a posição da Ordem dos Advogados do Brasil, é contra a comissão de notáveis.

Como levar essa discussão para dentro das igrejas evangélicas? Elas são em geral arredias a esse tipo de discussão. Quais os elementos importantes?

Uma das questões a ventilar na Constituinte é a soberania. Não somos um país soberano. Quando o parque industrial é totalmente controlado

pelas empresas transnacionais, quem está decidindo sobre nosso processo de desenvolvimento? Quando os japoneses definem três corredores de exportação de nossos produtos para o mercado mundial, quem está decidindo sobre agricultura brasileira? Quando os banqueiros estrangeiros e o FMI decidem se vamos ter desenvolvimento ou recessão, porque temos que pagar os juros da dívida que lhes deu bilhões de dólares de lucro? Quem está dirigindo o País? Há uma série de questões ligadas à economia, ao capital estrangeiro, à propriedade estrangeira da terra (doze milhões de hectares de terras do Brasil são de propriedade de empresas estrangeiras) que precisam ser discutidas.

Olhem, a questão importante na Constituição é a da terra. O atual Plano Nacional de Reforma Agrária vai só começar a tocar o problema que precisamos equacionar constitucionalmente. Outra questão, a liberdade e a autonomia dos movimentos sociais diante do Estado. Os operários devem ter a liberdade de organizar-se da forma que eles querem e não da forma que o Ministério do Trabalho quer. O direito de greve deve ser garantido na Constituição, sem que uma regulamentação posterior anule, de fato, esse direito. E garantir o direito dos cidadãos se organizarem de forma autônoma. Na Itália, um grupo de operários organiza e registra o sindicato em um cartório civil sem intervenção ou tutela do Ministério do Trabalho, direito que lhes é assegurado pela Constituição.

A POSSIBILIDADE DE CRIAÇÃO DE UM MERCADO COMUM DOS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

A condição para que exista esse mercado comum é que os países latino-americanos sejam soberanos. No momento, estão dependentes de esquemas de dominação internacional que estabelecem com eles relações bilaterais e que impedem que estabeleçam entre si relações multilaterais. A Argentina está vinculada ao mercado mundial, não ao mercado latino-americano. O Brasil tem relações econômicas fundamentalmente com os Estados Unidos e a Europa. Todo o Continente está vinculado ao mercado mundial e às estruturas de dominação mundial, sem condições de estabelecermos entre nós um mercado comum porque nos falta a soberania nacional, a capacidade política de estabelecer medidas que respondam a nossos interesses. Aliás, todas essas questões de que tratamos, antes de serem econômicas, ou técnicas, são políticas. Os agrotóxicos, que envenenam o mundo, por exemplo, antes de serem um problema químico, ou bioquímico, ou econômico, são um problema político, pois são a forma pela qual as empresas que os produzem impõem à agricultura mundial uma determinada forma de combate às pragas.

(Segue-se amplo debate com os participantes.)

Presença do protestantismo no sul do Brasil

Pastor Martin Dreher

Quando se fala de presença protestante no Brasil, em geral, ou no Rio Grande do Sul, em particular, é necessário que se tenha consciência de estarmos tratando de um fenômeno periférico em situação e localização periférica. Em termos de Brasil, o protestantismo é fenômeno periférico; o Brasil é periferia em termos mundiais; e o Rio Grande do Sul é periferia em termos de Brasil. "Teologizando" a questão, poderíamos dizer que não estamos em situação muito diferente da situação bíblica, cujo testemunho nos dá conta de que Deus agiu em área periférica (Israel), valeu-se de um povo periférico (judeu), encarnou-se em área periférica, e dirigiu-se a seres humanos que viviam em periferia. Mais tarde, por questões políticas e econômicas, o centro procurou apoderar-se da periferia, amordaçando-a. No entanto, ao longo da história da Igreja, foi sempre da periferia que vieram os movimentos de renovação.

As três confissões aqui representadas: metodistas, episcopais e luteranos, tiveram seus primórdios no Brasil, através do Rio Grande do Sul. Sua história começa, pois, também em área periférica. Se olharmos o povo que formou estas três confissões, vamos ver que ele, igualmente, é gente de periferia, permeada de algumas exceções financeiramente mais bem situadas. No entanto, hoje, as três confissões, assim quer-me parecer, têm dificuldades no tocante ao discurso que dirigem à periferia. O estudo da história do protestantismo ou do protestantismo no Rio Grande do Sul pode auxiliar-nos a encontrar respostas e, talvez, propostas.

ALGUNS NÚMEROS

População protestante brasileira:

1970	5,17%
1980	6,63%

A mais alta percentagem de protestantes brasileiros localiza-se na Região Sul (10,17% da população).

O maior crescimento do protestantismo deu-se de 1970 a 1980 (Norte e Centro-Oeste).

No Norte cresceu de 4,8% para 8,43%;
No Centro-Oeste, 5,45% para 7,8%.

O maior contingente protestante (3,5 milhões) se localiza no Sudeste (Minas, Espírito Santo, Rio e São Paulo), mas representa somente 7,11% da população. Não nos cabe avaliar aqui todos os dados. Eles deveriam ser objeto de uma leitura atenta noutra oportunidade.

Quanto a Rio Grande do Sul, existem dados específicos que seria importante avaliar:

1980

População do Rio Grande do Sul	Homens	Mulheres
7.773.849	3.852.067	3.921.782

Deve-se observar que a população feminina supera a masculina (69.715). Isso é explicável pela situação de falta de mercado de trabalho.

Da população do Rio Grande do Sul:

Católicos romanos	Espíritas			Espíritas afro-brasileiros		
	kardecistas		Total	Homens		Mulheres
Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
6.532.834	28.664	35.892	64.556	50.168	59.357	109.525

O protestantismo foi dividido em dois grupos: protestantismo tradicional (luteranos, congregacionais, batistas, adventistas, episcopais, presbiterianos, metodistas) e protestantismo pentecostal:

Protestantes tradicionais			Protestantes pentecostais		
Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
337.132	350.110	687.242	76.056	84.377	160.433

Nesses números, assim como no todo da população riograndense, observa-se uma maioria feminina. Distribuídos entre população urbana e rural, observa-se também que, enquanto o protestantismo tradicional ainda mostra certo equilíbrio entre população urbana e rural, o protestantismo pentecostal é fenômeno nitidamente urbano. No caso do protestantismo tradicional, o equilíbrio deve-se, sem dúvida, à maioria luterana em área rural.

São os seguintes os números para o protestantismo tradicional:

Área urbana			Área rural		
Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
176.700	196.833	373.533	160.432	153.277	313.709

Chama a atenção, contrariando os percentuais riograndenses, que a população masculina supera a feminina na área rural. Quer me parecer que aqui temos a parcela feminina deixando o campo em número superior à masculina. Aparentemente temos bom número de crentes protestantes mulheres que deixam o campo para trabalhar como domésticas, ou como operárias ou, ainda, como estudantes que mais tarde ingressarão em profissões liberais. Resta perguntar às diferentes confissões, se estão observando este fenômeno.

No todo é importante observar que a transferência de populações protestantes para os grandes centros urbanos é considerável. Enquanto no passado o protestantismo gaúcho era preponderantemente rural, a tendência atual é a de que se transforme sempre mais em fenômeno urbano.

O PROTESTANTISMO E SUA INSERÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Os grupos

Não me preocupo com protestantes no Rio Grande do Sul antes de 1824. Certamente houve alguns em cidades como Rio Grande e Porto Alegre, ou mesmo viajantes. Luteranos e reformados entram no Rio Grande do Sul em 1824. Parte deles vai unir-se, em 1886, no **Sínodo Riograndense** que, em 1949, passa a integrar a Federação Sinodal, denominada, hoje, de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Em 1875, o médico João da Costa Corrêa vem ao Rio Grande do Sul, divulgando as Sagradas Escrituras. De seu trabalho origina-se a **Igreja Metodista** no Rio Grande do Sul. Em 1890, Morris e Kinsolving chegam a Porto Alegre, iniciando o trabalho da **Igreja Episcopal Brasileira**. Em 1892, imigram para o Rio Grande do Sul as primeiras famílias **adventistas**, provenientes de Düsseldorf, na Alemanha. Os **batistas** gaúchos têm suas origens em imigrantes pomeranos, que se estabelecem na Linha Formosa, Santa Cruz do Sul, em 1881. A organização da Primeira Igreja Batista vai se dar em 1893. Em 1900 chega a Porto Alegre o Rev. C. J. Broders como enviado do Sínodo Evangélico Luterano de Missouri. De seu trabalho surgiria a **Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Data de 1912 o início das atividades da **Igreja Evangélica Batista Independente** (Betel) no Rio Grande do Sul. Em 1924 chegam a Porto Alegre os primeiros missionários da **Igreja Evangélica Assembléia de Deus**. Desde 1937 existe no Rio Grande do Sul a **Igreja Evangélica Congregacional do Brasil**, na qual se uniram comunidades de imigrantes não filiados a outras denominações. Os **presbiterianos** iniciaram suas atividades no Rio Grande do Sul, através do Rev. E. Vanorden. Este trabalho, no entanto, seria entregue à Igreja Episcopal Brasileira, em 1891. A reentrada definitiva dos presbiterianos só vai acontecer em 1952, em Porto Alegre. Na década de 1960, o Rio Grande do Sul vai receber os primeiros missionários da **Igreja do Evangelho Quadrangular** e do **Brasil para Cristo**. Mais recentemente, os grupos do assim denominado **neopentecostalismo** vêm atuando em nosso meio.

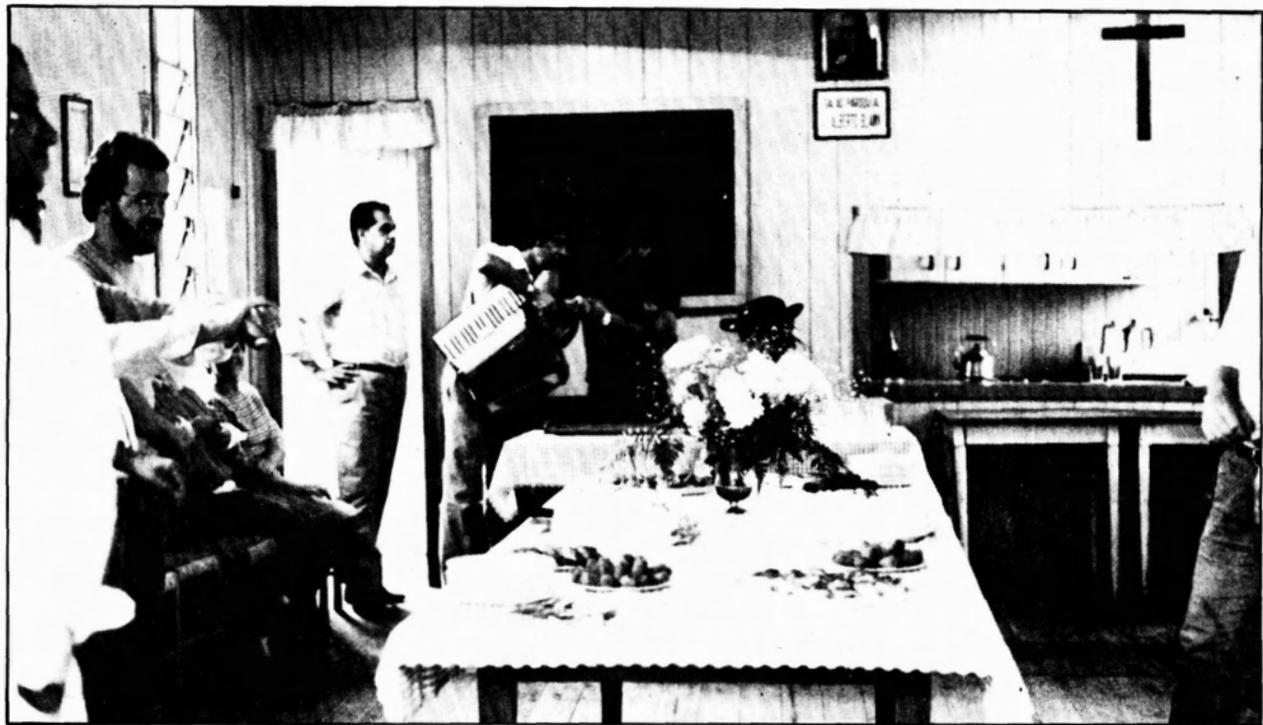
Em todas as denominações vindas para o Estado, até 1912, nota-se forte presença de elemento imigrante. Isso vale para a Igreja Luterna (IECLB), onde encontramos imigrantes alemães, para os metodistas, onde encontramos valdenses italianos e alemães, para os batistas (alemães), para a Igreja Luterana (IELB – alemães), para batistas independentes (suecos, letos, russos). A denominação na qual a presença imigrante vai ser menor é a Igreja Episcopal Brasileira, mas também aqui a presença imigrante não pode ser negada, quando analisamos a lista de seus ministros. No entanto, no desenvolvimento posterior, IECLB e IELB, além dos congregacionais, ficarão restritas a imigrantes alemães e seus descendentes, enquanto que metodistas, episcopais, batistas e adventistas recrutarião seus fiéis mais entre a população descendente de acorianos e paulistas. Os grupos pentecostais já irão recrutar seus fiéis na população das cidades,

onde se encontram todos os grupos étnicos que formam o Rio Grande do Sul.

As causas da inserção

A inserção do protestantismo no Rio Grande do Sul não acontece por acaso. Por acaso também não está acontecendo a crise, na qual se diz que o protestantismo brasileiro está mergulhado. Ouso dizer que as causas de nossa crise atual, isto é, no protestantismo tradicional, devem ser procuradas no momento histórico-social do Brasil à época em que aqui se inicia a implantação do protestantismo. Em 1824, o Brasil está saindo de uma sociedade colonial tradicional, na qual predomina o capitalismo de mercado e está ingressando na sociedade liberal-moderno-burguesa, na qual vai predominar o capitalismo industrial. No campo político, estão triunfando as correntes liberais-modernizadoras, que produzem as condições para o ingresso do protestantismo. Na "questão religiosa", missionários protestantes vão dar apoio aos políticos liberais e apóiam-se na maçonaria. O liberalismo, aliás, virá a ser o grande aliado do protestantismo no Rio Grande do Sul. Corrêa vai louvar o povo riograndense, dizendo que "o espírito do povo era liberal, cansado já dos embustes do Romanismo e ávido das verdades do Evangelho (sic)". Carlos von Kose-ritz e Gaspar Silveira Martins não se cansarão de apoiar protestantes. Em geral, tem-se a convicção de que protestantismo traz progresso. Essa idéia, aliás, não está presente apenas nos círculos dirigentes brasileiros. Encontramo-la também nas juntas americanas que enviam seus missionários ao Brasil, ou nas sociedades missionárias alemãs. No "american way of life" ou no "deutsches Wesen" o mundo haverá de alcançar redenção. O protestantismo há de livrar o Brasil e o Rio Grande do obscurantismo. A pregação protestante vai ser do tipo evangelístico: transforma o convertido em tipo ideal para a nova sociedade que se quer criar – individualista. Ele é sujeito de sua própria existência. A religião é dele e não mais da família. Básica é a relação Eu e Deus. O novo homem da conversão é o homem moderno: responsável, honesto, progressista, que busca a cultura. O católico, não convertido, será para ele o contrário de tudo isso: irresponsável, desonesto, reacionário e inculto. Mas, essa não é toda a realidade do protestantismo gaúcho. Aqui, o protestantismo vai ser moldado também por todo um povo protestante que imigrara para a Província de São Pedro. Este povo se estabelece no Rio Grande muito antes da vinda de missionários. Ele cria a sua própria vida eclesiástica, para o horror dos missionários chegados mais tarde. Em 1903, o presbítero presidente Michael Dickie se queixa de que a grande fraqueza da obra metodista riograndense se deve ao fato de que ela se compõe principalmente de alemães e de italianos (Reily). Os missionários luteranos, chegados em 1864, farão relatos apavorados sobre a vida religiosa do povo que pretendem pastorear.

O que os missionários nunca chegaram a perceber com clareza foi que os protestantes imigrantes foram usados por interesses mundiais e nacionais. Portugal beneficiou-se dos imigrantes, como também o Brasil. Também a Europa Central e a Inglaterra se beneficiaram com a vinda de imigrantes protestantes ao Brasil. A Europa Central livrou-se de boa parte de seus excedentes populacionais. Houve comunas que pagaram a via-



gem de seus mais pobres para o Brasil. A marinha mercante da Europa Central sofreu grande incremento, o que também ocorreu com a indústria naval. Com os lucros da marinha mercante e da indústria naval, os capitalistas de Hamburgo vão comprar terras no Brasil para negociar, vão poder levar produtos, matérias-primas do Brasil e trazer manufaturadas europeias.

No âmbito interno, os imigrantes serão usados no plano diabólico de **branqueamento da raça**. Sabemos que as leis abolicionistas foram, em boa parte, promulgadas para branquear a raça. No lugar do escravo foi introduzido o colono branco, o qual recebia terras a baixo custo e ao qual se proibia a posse de escravos. Para poder fazer concorrência ao latifundiário tem que ter família numerosa, contribuindo, assim, indiretamente, para o branqueamento da raça. O imigrante também será usado para a **eliminação das nações indígenas**. Os imigrantes, em geral, serão colocados em áreas de grande concentração indígena. Dessa forma, os imigrantes italianos são colocados no Rincão dos Bugres, hoje Caxias do Sul, para ajudar a limpar a área. Vão servir a uma política de **segurança nacional**. O protestantismo começa pelo Rio Grande do Sul, pois há a necessidade de povoar o território riograndense, área de contínuo litígio entre o Império e os Estados do Prata. Não podemos esquecer que o imigrante também será útil à **valorização fundiária**. O imigrante dos primeiros anos ganha de presente as terras mais baixas, menos produtivas. As terras ao redor se valorizam e podem, posteriormente, ser vendidas por bom dinheiro. Em muitas regiões, ao ser colocado próximo de latifúndios, o imigrante se torna **mão-de-obra barata**. Muitas vezes os colonos protestantes também foram colocados em áreas onde deverão ser **construídas e conservadas estradas**. Finalmente, o colono imigrante protestante faz parte do plano de **criação de uma classe média brasileira**.

Núcleo Sul. O Programa de Assessoria à Pastoral Protestante arma suas tendas no Sul (festa de inauguração).

Pouco após a chegada da família real portuguesa ao Brasil começaram a ser dados os primeiros passos para a implantação da pequena propriedade no País. Essa pequena propriedade deveria desenvolver-se ao lado do latifúndio; sem com ele concorrer, ocuparia os espaços vazios, promovendo a valorização fundiária, promoveria o surgimento de uma classe social intermediária entre os escravos e os latifundiários. Essa classe intermediária seria, a um só tempo, mercado consumidor, ofereceria braços e produziria aqueles gêneros que o latifúndio não produzia. Esperava-se que essa classe intermediária criasse as condições para uma mudança social e econômica no País. Esses planos da elite brasileira são também os planos da nação dominante no campo econômico, a Inglaterra, que vê no trabalho escravo o perigoso concorrente para o trabalho industrial assalariado, para a circulação de mercadorias, pois o escravo não pode comprar. Assim casam-se os interesses econômicos e sociais de grupos que vão usar o imigrante contra o negro para propiciar o surgimento da classe média brasileira. Enquanto durar o projeto liberal-modernizador no Brasil, o protestantismo de imigração será protestantismo de classe média. Ele também cresce e tem projeção enquanto a classe média tiver peso; quando ela começa a perder em importância, devido à crise econômica, esse protestantismo também acaba por entrar em crise.

A área de inserção

O protestantismo de imigração tem seus núcleos iniciais em São Leopoldo, Santa Cruz, Agudo, Nova Petrópolis, Teutônia e São Lourenço. Sua expansão vai-se dar à medida em que surgirem excedentes populacionais. Note-se que, em boa parte, estes núcleos iniciais se encontram junto a rios para facilitar o escoamento dos produtos. Do núcleo de São Lourenço vai-se dar a penetração do sul do Estado. Dos excedentes das demais áreas vai sair a população protestante que irá povoar o Planalto Gaúcho, penetrando após na Região das Missões. Esse tipo de protestantismo sempre seguirá a rota das migrações internas em busca de novas áreas produtivas. Não nos referimos apenas aos luteranos, mas também aos congregacionais, aos batistas e adventistas. Parcialmente esta observação também vale para os metodistas.

A inserção dos anglicanos ocorrerá primeiramente a partir de Porto Alegre, de onde vão ser atingidos Santa Rita do Rio dos Sinos (Canoas), São Leopoldo, Viamão e Gravataí; depois, a partir de Rio Grande, de onde vão ser atingidos Pelotas, São José do Norte, Canguçu, Pinheiro Machado. A atividade missionária subsequente levará pregadores episcopais a localidades que se encontram ao longo da via férrea: Bagé, Santa Maria, São Gabriel, Montenegro, Rosário do Sul, Erechim, Cacequi, Livramento. E também a outras localidades: D. Pedrito, São Francisco de Paula, Ivo Ribeiro, Caçapava do Sul, Torres. Não é por acaso que o Rev. Ezequiel do romance de Josué Guimarães também seja telegrafista da Viação Férrea. Lembro que o Rev. Ezequiel é pastor da Igreja Episcopal Brasileira.

Já a inserção dos metodistas vai ser preparada pelo serviço de colportagem de João da Costa Corrêa. Inicialmente há dois pontos de irradiação do metodismo: Porto Alegre e Bento Gonçalves. Neste último local, o trabalho metodista vai-se iniciar no atendimento de colonos valdenses.

De lá o trabalho se expande para Alfredo Chaves e Forqueta. Novo ponto de penetração acontece em Cruz Alta e, posteriormente, em Santa Maria. Entre os primeiros centros irradiadores, devem ser mencionadas ainda as localidades de Cachoeira do Sul, Uruguaiana, Livramento, Passo Fundo, Carazinho. Dessas primeiras localidades se dará a penetração posterior para Santo Antônio da Patrulha, Osório, Caxias do Sul, Gramado, Canela, Arroio dos Ratos, Butiá, Xarqueadas, Guaíba, Barra do Ribeiro, Tapes, Rio Pardo, Rosário do Sul, São Gabriel, São Borja, Itaqui, Quaraí, Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Ijuí, Santa Rosa, Porto Lucena, Soledade, Lagoa Vermelha e Erechim. Também aqui, boa parte da penetração metodista se faz ao longo das vias férreas. Em 1957, os metodistas contavam com nove mil membros comungantes e seis mil aderentes.

Se olharmos o mapa do Rio Grande do Sul, vamos ver que poucas são as localidades em que luteranos, metodistas e episcopais vão estar presentes simultaneamente.

As escolas

Aspecto sem dúvida notável na história do protestantismo tradicional no Rio Grande do Sul são as escolas. Os imigrantes antes de construírem sua capela construíram escola. Essa escola, muitas vezes, serviria também de Igreja. Em tais escolas desponta, como característica, o fato de serem escolas de catecismo. A finalidade era ensinar às crianças a leitura para que pudessem aprender o Catecismo Menor de Lutero. Poucas foram as escolas que posteriormente se desenvolveram para formar estabelecimentos de segundo grau. Aqui merecem destaque localidades como Panambi, Ijuí, Santa Rosa, Três de Maio, Novo Hamburgo, Estrela, Lajeado, Teutônia, Santa Cruz do Sul, Cachoeira do Sul, Venâncio Aires, Roca Sales, Horizontina, Ivoi, São Leopoldo. As dificuldades da Segunda Guerra Mundial desarticularam em boa parte as escolas luteranas. Entre os episcopais e metodistas, merece destaque o fato de que sempre, ao lado da criação da congregação episcopal ou metodista, cuidaram os missionários de criar escolas. Os episcopais têm seus principais colégios em Porto Alegre (Cruzeiro do Sul), Pelotas, Livramento, Erechim e Pinheiro Machado. Um grande empreendimento educacional em Montenegro teve que cerrar suas portas por questões de ordem financeira. Já os metodistas têm seus principais centros de formação em Porto Alegre (Instituto Porto Alegre, Colégio Americano), Santa Maria (Colégio Centenário), Passo Fundo (Instituto Educacional Passo Fundo), Uruguaiana (Instituto União).

No setor de formação, deve também ser mencionado que durante bastante tempo as duas Igrejas Luteranas (IECLB, IELB), metodistas e episcopais tiveram no Rio Grande do Sul seus centros de formação teológica. Metodistas e episcopais posteriormente transferiram esses centros.

Centros assistenciais e hospitalares

Não se deveria esquecer aqui o grande número de obras diaconais, mantidas pelas diferentes denominações do protestantismo gaúcho. Deixo de mencioná-las aqui em toda a sua extensão. No entanto é necessário que

se mencionem algumas instituições. Lembro o Lar Metodista de Santa Maria, o Lar de Meninos do Exército de Salvação em Pelotas, os asilos Pella e Betânia, da Igreja Luterana (IECLB), em Taquari, a Instituição em Moreira, da Igreja Luterana (IELB), as instituições criadas por Ernesto J. Bernhoeft em Montenegro, as quais, hoje, infelizmente não mais existem. Este número poderia ser continuado.

A vida comunitária

O protestantismo gaúcho, sem dúvida, não diverge essencialmente do protestantismo do restante do País. Mas, quando protestantes de outras áreas vêm ao nosso Estado têm dificuldades com os luteranos por causa de sua vivência comunitária. Muito protestante de outras áreas já fez a pergunta: "Mas, isso ainda é protestante?" Diferentemente de outras áreas, o protestantismo gaúcho está numa proporção de quatro a um na relação de protestantismo tradicional para protestantismo pentecostal. Isso talvez lhe dê características distintas. Não é por acaso que é aqui no Sul que acontece a maioria das reuniões do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).

Na vida comunitária do protestantismo gaúcho prepondera a atividade feminina. As sociedades de senhoras são o esteio dessas congregações, geralmente dirigidas por homens. No entanto, o Rio Grande do Sul parece-me ter sido o Estado, em termos de protestantismo tradicional, que por mais tempo opôs restrições ao ministério feminino ordenado na Igreja.

Destaque merece a atividade da Escola Dominical, dos grupos de jovens e de esporádicos grupos de homens. Característica do protestantismo gaúcho parece-me ser sua capacidade de dividir a família: crianças para um lado, adolescentes para o outro, marido e mulher, cada um para o seu lado.

Uma pergunta deve ser dirigida à estrutura litúrgica de luteranos e epis-copais: até que ponto ela ainda fala ao gaúcho?

Literatura evangélica

Se olharmos as publicações evangélicas gaúchas ficamos impressionados com a quantidade de títulos. Menciono apenas três editoras a serviço da literatura evangélica: Metrópole, Concórdia e Sinodal. Dentre os muitos títulos que encontro gostaria de lembrar as publicações metodistas: Voz Missionária, Cruz de Malta, Bem-te-vi, Em Marcha, No Cenáculo, Testemunho. Não deveríamos esquecer a publicação anglicana: Estandarte Cristão, além de outras publicações de mais curta duração: A Estrela do Oriente, O Semeador, O Militante, Unitas, O Arauto Cristão, etc. Dentre as publicações luteranas destacam-se: Folha Dominical, Jornal Evangélico, Revista da Juventude Evangélica, O Amigo das Crianças, Igreja em Nossos Dias, Presença, etc. Mensageiro Luterano, O Pequeno Luterano, O Lar Cristão, Anuário Evangélico, etc.

A RELAÇÃO INTERECLESIÁTICA

A relação entre as diversas denominações protestantes é, no máximo, morna. Nos primórdios havia um certo grau de colaboração. Presbiterianos cederam seu campo de trabalho aos episcopais. Episcopais e metodistas cuidaram de trabalhar em áreas distintas. Nos primórdios, luteranos, metodistas, episcopais trocavam saudações em seus concílios. Corrêa visitou concílios luteranos. Kinsolving esteve presente a outro Concílio. Rotermund fez-se presente em concílios episcopais e metodistas. A primeira Guerra Mundial esfriou as relações entre luteranos e episcopais. As duas igrejas luteranas tiveram por muito tempo dificuldades de diálogo. Em relação às demais denominações, as denominações mencionadas sempre tiveram grandes dificuldades. O único momento em que as diversas denominações tiveram trabalho conjunto foi quando criaram a Liga Pró-Estado Leigo. Aí, auxiliadas pela maçonaria, cujo grão-mestre era também presidente da Liga, os protestantes gaúchos protestaram contra a introdução do ensino religioso obrigatório nas escolas. As vicissitudes da Segunda Guerra colocaram luteranos de um lado, e as demais denominações de outro. Só mais recentemente reencetou-se trabalho conjunto, o qual culminou na criação do CONIC, onde, no entanto, só três denominações do Rio Grande do Sul se fazem presentes.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ATUALIDADE

Faço estas colocações muito a contragosto, pois faltam-me os elementos necessários para uma avaliação. No todo, quer-me parecer que o protestantismo tradicional está estacionário no Rio Grande do Sul. Há muito foi-se o zelo missionário das denominações tradicionais. Vejo crescimento nos batistas independentes (Betel). A Assembléia de Deus já viu crescimento maior em outras épocas. A Igreja do Evangelho Quadrangular consegue expandir-se em determinadas áreas. Crescimento acusa o neopentecostalismo, o qual vem atendendo os mais pobres dos pobres. O protestantismo tradicional está correndo atrás de seus fiéis, postos em marcha pela migração interna e pela crescente urbanização. Seu discurso vem, preponderantemente, de uma época em que a maioria de suas congregações era de classe média e rural. A rigor, o protestantismo gaúcho nunca teve real penetração no meio operário. No fim está o projeto dentro do qual o protestantismo gaúcho tradicional se inseriu. A classe média foi criada e morreu, a raça foi branqueada, as nações indígenas foram eliminadas, a segurança nacional garantida, a valorização fundiária alcançada, a mão-de-obra barata existe em profusão, as estradas estão construídas. O catolicismo assumiu premissas protestantes, não se pode mais ser simplesmente anticatólico.

Para entender o protestantismo brasileiro

Síntese da exposição de Antônio Gouvêa de Mendonça

A coisa mais difícil é entender o protestantismo brasileiro, porque tantas foram as correntes que chegaram, filtradas através dos Estados Unidos, que dificilmente podemos perceber o espírito desse protestantismo.

1. Antes de mais nada eu diria que o protestantismo é um racionalismo. Quero dizer que o protestantismo é um saber. Essa questão foi muito bem explorada no livro do Rubem Alves, "Protestantismo e Repressão", em que ele apresenta o protestantismo como sendo uma religião da reta doutrina. O que é doutrina? O enunciado da fé. Todos aqueles que aceitam esse determinado enunciado da fé são protestantes, ou são evangélicos, ou aceitam a forma de religião enunciada nesses princípios. O protestantismo se constitui de alguns enunciados de fé que são compartilhados intelectualmente por uma multidão de pessoas. E, através desse enunciado, são julgadas na sua fidelidade ou na sua infidelidade.

Essa questão pode ser demonstrada historicamente através da experiência de quem é protestante no Brasil, e através dos documentos das Igrejas que nos levam à percepção muito clara de que as pessoas entram para a maioria das Igrejas brasileiras através da declaração da sua fé. As Igrejas que possuem Confissões, exigem que seus adeptos aceitem essas declarações como sendo expressão bíblica da fé cristã, e, a partir daí, são admitidas aos deveres e privilégios da sua congregação. A experiência cristã e outros fatores, não são os elementos fundamentais. O importante é revelar certo conhecimento. No entanto, isso tem um lado positivo, o afã educativo das Igrejas Protestantes.

2. Uma segunda característica do protestantismo brasileiro, é o pietismo. O pietismo é um monasticismo secular. O que nos interessa nesta palestra é dizer que o pietismo é uma forma de vivência religiosa extremamente individualista e que recusa terminantemente qualquer intermediação entre sua fé e Jesus Cristo. É um esforço para manter a comunhão com Cristo através da sua devoção individual, donde o uso tão difundido no Brasil desses devocionários como o "Cenáculo", que tem oitenta mil exemplares de edição. Esses devocionários são característicos do movimento pietista. O monasticismo na Igreja Católica significa a retirada do devoto da vida secular, seja se internando no deserto, na floresta, ou num mosteiro onde vive longe das influências do mundo, à procura de maior perfeição na sua vida religiosa. O protestante não tem essa prática pois a Reforma recusou essa maneira de vida cristã, então ele vive esse monasticismo através de sua ética, de seu comportamento. Recusa o mundo, estabelece entre ele e o mundo uma barreira intransponível.

3. A terceira característica é a ética. A ética seria a crença numa ordem moral do mundo, mantida pela providência de Deus. Até aqui, pouca novidade, pois outras correntes filosóficas também afirmaram uma ordem moral do mundo, como o racionalismo do século XVIII. Mas essa ética protestante leva a ver o mundo de modo bipartido: há o universo bom e o universo mau, o universo de Deus e o universo do Diabo, o que leva a uma forma de vida que chamamos de maniqueísta. Há um esforço de afastamento deste mundo maligno e sua condenação, e um comportamento característico em relação a este mundo maligno que está condenado antecipadamente à perdição eterna. Isso leva o protestante a se isolar da realidade da sociedade. Acredita que a sociedade está perdida, condenada, e não faz nada para melhorar essa sociedade, para colaborar com ela, para salvar as pessoas que estão dentro de estruturas malignas. Esta ética se liga bastante ao monasticismo secular dos pietistas, embora abranja também os que não são necessariamente pietistas. Pode ser que essa tentativa de caracterizar o protestantismo não seja muito fiel para o sul do Brasil, que não conheço bem, mas estou afirmando isto a partir dos presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais da região que conheço melhor.

RELIGIÃO NO BRASIL

A sociedade brasileira é extremamente difícil de analisar, é complexa, e está em transformação constante. Quanto à religião, há um catolicismo ibérico, que é diferente do catolicismo romano, alemão ou francês. É "sui generis", cheio de festas, de santos, de crenças paralelas ao catolicismo, mas sancionadas de certo modo pela fé católica. Esse catolicismo ibérico se transfere inteiro para o Brasil na época da colonização e é mantido até hoje, de certo modo, na estrutura mental do povo brasileiro como componente da sua cultura. A esse catolicismo ibérico, adicionamos o animismo indígena mais o africano, de maneira que é indissolúvel da mentalidade brasileira em geral a idéia de que o mundo é povoado de espíritos maus ou bons. Essa crença misturou-se à mentalidade religiosa brasileira como mais um elemento a se colocar no amálgama de difícil compreensão que é o catolicismo ibérico.

Quanto às classes sociais, uma análise rápida nos indica a existência de uma elite muito pequena, que a gente nem conhece. Toda cidade brasileira possui essas pequenas elites que nem sequer são conhecidas. Sabemos que têm muito dinheiro e que sequer dirigem os negócios donde tiram suas fortunas. Uma classe média recém-saída das classes populares e que está agora voltando às classes populares; e as classes populares. A sociedade brasileira é uma sociedade piramidal. Penetraram na elite, em São Paulo, imigrantes estrangeiros que se enriqueceram no comércio, indústria e lavoura, primeiro italianos e posteriormente sírios e libaneses. Nas classes populares mantém-se uma certa mentalidade de classe média por causa da aspiração de ascensão social que existe nelas, notadamente no meio protestante. Estou querendo dizer que numa igreja protestante da periferia, composta de operários ou outras pessoas de baixos salários, eles não têm mentalidade de operários mas de classe média, porque a mentalidade protestante é burguesa.



"O protestantismo se revela no Brasil como uma inviabilidade teológica, filosófica e sociológica" (Antônio Gouvêa de Mendonça).

TEOLOGIA PROTESTANTE: INVIAILIDADES

A crítica (no sentido de um exame em profundidade) do protestantismo recai sobre sua teologia. O protestantismo se revela no Brasil como uma inviabilidade teológica, filosófica e sociológica. A somatória do pensamento protestante no Brasil nos mostra que ele é totalmente voltado para um mundo estranho àquele em que estamos vivendo. É voltado para o mundo do futuro. O protestante é levado a ignorar a História e a se voltar permanentemente para a segunda vinda de Cristo, inauguração do Milênio. O pensamento milenista é totalmente dominante no Brasil e derrotou o oposto, o pós-milenismo. Isso nos leva a desvalorizar completamente este mundo presente.

A inviabilidade filosófica se verifica na tradição arraigada de enunciarmos a fé cristã através de postulados metafísicos. Nossa própria visão de Deus é totalmente metafísica. O Deus da nossa mente é um Deus grego, que está no Olimpo e não se digna descer. Cristo é um Cristo no Céu, não o Cristo que viveu em Nazaré, não temos consciência de sua presença neste mundo.

A inviabilidade sociológica se refere precisamente ao nosso apego à mentalidade de classe burguesa. Estamos numa situação de empobreecimento, numa tentativa de nos envolvermos com os pobres, com a periferia, mas nosso discurso é um discurso pequeno-burguês, inteiramente voltado para uma realidade que não é a nossa, a qual tentamos ignorar e levar os outros a ignorar, voltado para um desapego quanto à problemática do dia-a-dia, de maneira que é um discurso sociologicamente desajustado.

A sociedade brasileira, como qualquer outra, se ajusta normalmente. Então, como a sociedade brasileira se ajustou dentro do problema religioso? Veremos que há duas formas de ajuste à inviabilidade da religião. Quanto à Igreja Católica, ingressa na romanização ao fim do Império, isto é, é levada a assumir postulados institucionais emanados de Roma, em desfavor da sua crença popular, ibérica. Nesse período a sociedade brasileira começa a promover uma acomodação entre aquele tradicional catolicismo popular e as religiões afro-brasileiras. Estas são realmente populares, embora hoje muita gente de classe média esteja ingressando nelas. O catolicismo popular procura resolver os problemas do cotidiano; o católico invoca o santo para resolver problemas práticos, imediatos, e não problemas de vida eterna, de salvação. E os terreiros ajudam a resolver esses problemas, e da mesma forma os exus são invocados para ajudar na solução de problemas do dia-a-dia.

MOVIMENTO PENTECOSTAL

No protestantismo tivemos um esforço de ajuste que se caracterizou nos movimentos pentecostais. Para conceituar os pentecostais temos de ir das Tendas de Cura Divina até às Igrejas institucionalizadas como Assembléia de Deus ou Brasil para Cristo. Não podemos confundir as Tendas de Cura Divina e as Igrejas como Assembléia de Deus. Entretanto, o movimento pentecostal tende também a se transformar numa religião

prática voltada para o cotidiano, resolvendo problemas imediatos. Observa-se atualmente uma certa tendência no pentecostalismo para as coisas de "cima" (a qual que em sociologia da religião chamamos de tendência para Igreja), uma preocupação maior com a vida eterna, resultado das Igrejas Protestantes nas quais as Igrejas Pentecostais se alimentaram.

De qualquer modo o que chamaríamos de protestantismo popular é um ajustamento do protestantismo de mentalidade de classe média (preocupado com a vida futura) para a solução dos problemas da vida diária. Não que os pentecostais não tenham mentalidade pequeno-burguesa, mas a prática de resolver problemas do cotidiano permanece como componente importante da vida dessas igrejas.

RESISTÊNCIA QUE ENFRENTAMOS

Se nós temos um protestantismo que se está mostrando difícil de ajustar às novas necessidades da sociedade brasileira, como uma religião voltada para as necessidades da sociedade brasileira (o protestantismo no Brasil ainda é um protestantismo estrangeiro), quais são as resistências que enfrentamos? Primeiro, de ordem psicológica: os protestantes não aceitam a realidade de que eles estão diminuindo no Brasil, ou pelo menos paralisados. Há alguns anos, como redator do jornal "Estandarte", fiz uma série de levantamentos que me levaram à conclusão de que a Igreja tinha regredido. Escrevi um editorial chamando a atenção para aquele fato e pedindo que a Igreja abrisse um debate sobre o fato; pois até hoje, dez anos passados, ninguém tocou no assunto. Temos "mentalidade de avestruz" e não reconhecemos que estamos sofrendo uma queda.

Em segundo lugar há um problema de ordem social. Os protestantes não abrem mão de sua mentalidade de classe média pequeno-burguesa; isso nos impede de compreender a realidade da imensa pobreza da nação, as carências sociais que nos desafiam de todo lado, pois pensamos: "é porque não trabalham", "porque bebem muita pinga", "só se preocupam com futebol e carnaval", "fazem muitos filhos", é culpa deles. É a mentalidade dos puritanos; não queremos ver que por trás de tudo isso há mecanismos que levam o povo a essa situação "Deus abençoa a quem trabalha", mas não vemos que não há trabalho para todos, e quando existe há uma espoliação de parte do trabalho.

CONCEITO DE "VERDADE"

Na ordem filosófica e teológica, os protestantes não abrem mão do conceito de "verdade" em favor da praxis. Não sabemos bem o que é a verdade, e quando nos apertam muito dizemos "a verdade é o Evangelho", "Cristo é a verdade". Mas por que o Evangelho, Cristo, é a verdade? Respondemos com um enunciado metafísico, voltado para a irrealidade e a inatividade, pois enunciados metafísicos são imóveis. Então, se temos essa dicotomia, não conseguimos partir para uma praxis, para uma ação. Queremos que as pessoas aceitem uma verdade, mas essa verdade não

age, não realiza, não faz nada. Mas há também um conceito de verdade em que a verdade é a expressão da ação humana sobre a realidade. Este é um conceito da Teologia da Libertação. A verdade na Teologia da Libertação é expressa na medida em que há uma ação sobre a realidade. É ativa, é dinâmica. Mas não conseguimos nos desvincilar de uma verdade metafísica em favor de uma verdade que se realiza na praxis, na vida. O debate tem que se circunscrever ao problema de ordem psicológica (resistência do protestante a reconhecer sua inação, seu fracasso, sua inabilidade), uma resistência de ordem social (por causa da nossa mentalidade pequeno-burguesa), e um problema de ordem filosófico-teológica (por causa do conceito abstrato que temos a respeito das verdades religiosas a respeito da sociedade).

SERIA POSSÍVEL UMA AÇÃO PARA MUDAR ESTE NOSSO PROTESTANTISMO?

Num debate em São Paulo, há alguns anos atrás, propus que deveríamos fazer uma revisão dos conceitos teológicos que usamos com tanta liberdade, tais como, pecado, salvação, ética, Bíblia, etc., pois esses conceitos são metafísicos e os usamos metafisicamente. Salvação! É preciso aceitar a Salvação! Eu desafio a vocês que me respondam o que é isso. Se apercebarmos bem um protestante ele responderá: "É ir para o Céu quando a gente morrer". E enquanto a gente não morrer?

Então, se quisermos debater com alguém, temos de concretizar esses conceitos de salvação, de pecado. O que é Bíblia? É a palavra de Deus. Mas se é meramente algo que está escrito, que eu leio, achando que Deus falou aquelas coisas, isso não me leva a nenhuma ação que possa transformar esta Palavra de Deus em algo vivo e concreto para este mundo e esta sociedade brasileira atual.

Eu acho que, no Brasil, temos que começar um movimento para um reajustamento total do nosso protestantismo, que tem de partir de uma revisão de base da teologia. Levantei a questão, há alguns dias, dizendo: "É necessário que façamos uma verdadeira Revolução Cultural no protestantismo".

Acho que devemos começar essa revisão, doa a quem doer, venha donde vier; vai-nos custar caro, mas a Reforma também custou caro. Acho que não haverá outra saída a menos que partamos para uma revisão total do nosso protestantismo.

Esta revisão deve ser feita partindo da prática. Por exemplo, o conceito de pecado na Revolução Wesleyana na Inglaterra do século XVIII, posteriormente transferida para os Estados Unidos no final do século, começo do século XIX, era excelente, pois a pregação wesleyana era dirigida a uma sociedade totalmente corrupta, abatida nas suas bases. Era uma pregação para reformar a sociedade, de maneira que os conceitos de pecado, de conversão, de salvação, eram perfeitamente justos. Mas no momento em que a sociedade se transforma, esse conceito se torna meramente ideológico e metafísico, porque não tem correspondência na realidade. Então, o que eu proponho é que façamos uma revisão e uma nova aplicação, porque estamos numa nova realidade.

OBSERVAÇÕES ÀS EXPOSIÇÕES DO PAINEL

A igreja que está acontecendo

Rev. Horácio Bueno Filho – Igreja Episcopal do Brasil

Os números que Dreher apresentou não foram uma provocação e sim um desafio a nós como Igrejas. O que mais nos escandaliza é o que existe por trás das coisas; muitas vezes, sem saber, estamos sendo usados, como foi o caso de missionários que vieram para o Brasil para “branquear a raça”. Isto é inconcebível dentro da mensagem do Evangelho; não que eles viessem para cá com essa intenção, mas foram usados. A palavra do Dreher foi um desafio e uma advertência.

A Igreja Episcopal de comunhão anglicana, é uma Igreja católica, com estruturas católicas, com devoções que muito lembram a Igreja Católica Romana, e, ao mesmo tempo, é uma Igreja Evangélica, porque sempre esteve aberta ao Espírito de Deus que intervém na História e na Igreja.

As escolas, hoje, sofrem problemas de ordem econômica, e por isso algumas fecharam. Escolas que em sua filosofia seriam para a propagação da Igreja, na prática não foram utilizadas por nós. Temos o exemplo de Érico Veríssimo, interno no Colégio Cruzeiro do Sul, que foi um agnóstico, a despeito da simpatia com que falava da Igreja Episcopal.

Dreher também falou sobre o Livro de Oração Comum que é repositório de toda a devoção da Igreja Episcopal, mas que tem sido às vezes contestado porque é uma tradução de um Livro de Oração de uma realidade completamente diferente da nossa. Existe uma comissão para reformá-lo e introduzir coisas próprias da nossa experiência como Igreja na América Latina.

Nós cremos numa Igreja que caminha junto com o povo pobre, que faz do sofrimento e das agruras dos oprimidos, dos deserdados, dos sem-Deus, dos sem-terra, o seu próprio sofrimento. Nós cremos numa Igreja não divorciada do humanismo, ou da realidade na qual está inserida, mas comprometida e inserida no contexto da miséria e da indigência, que busca não fórmulas empíricas ou mágicas de justificação, mas sim se integra no processo da própria libertação. Cremos numa Igreja que não tenha medo de se confrontar, de se autopenitenciar, de fazer um “mea culpa” pela omissão até hoje vivida em relação a uma pastoral popular. Nós cremos que esta Igreja já está acontecendo aqui, sob inspiração do Espírito de Deus, e a presença de todos vocês é um compromisso com o Evangelho colocado em termos concretos. Vivemos uma hora privilegiada de uma verdadeira efervescência da vida eclesial que revigora todo o corpo. Aqui estão presentes as bases na caminhada da renovação, e é importante que as cúpulas eclesiásticas acompanhem esta renovação, sob pena de serem levadas de roldão. O que se procura com uma premência tão grande, e provavelmente resultará deste seminário, é, não uma roupa-gem nova, mas sua verdadeira face oculta até hoje, de uma Igreja com-

prometida com os mais fracos, uma Igreja peregrina aberta aos sinais dos tempos e ao Espírito de Deus; uma Igreja que caminha com os pobres na periferia de nossas cidades, assumindo seus sofrimentos, suas angústias, seus medos e seu papel profético de denúncia e de exigência de justiça no relacionamento humano. E essa justiça não haverá enquanto existirem esses incríveis e cruéis desníveis em que a riqueza e os meios de produção se concentram em mãos de meia dúzia de privilegiados em detrimento de um imenso exército de pessoas miseráveis que tentam desesperadamente sobreviver com um salário infame. Não haverá justiça enquanto existirem estruturas de morte que reduzem as pessoas à vivência em condições infra-humanas.

Nosso compromisso com os pobres é um compromisso com o Evangelho, e o compromisso com o Evangelho pressupõe um compromisso político. E ao fazermos esta nossa opção preferencial pelos pobres, estamos também assumindo um compromisso político, que não nasce e nem é fruto de paixões partidárias, mas tem sua nascente na própria reflexão de nossa fé, que exige mudanças dessas estruturas infíquas, geradoras de pobreza, de miséria e marginalidade. Santo Irineu, um dos Pais da Igreja, dizia que a maior glória de Deus é o homem vivo em toda sua dimensão. Que sirva para nós a advertência contida no Livro de Provérbios (21.13): “Aquele que fecha seu ouvido ao clamor do fraco, também clamará e não terá resposta”.

A presença da Igreja Episcopal neste seminário através de seus pastores, e do grande número de jovens, representa a aceitação deste desafio que lhe é proposto em comunhão fraterna com as Igrejas irmãs. Sabemos que não existe na nossa diocese, pelo menos em termos institucionais, uma pastoral de periferia; o que existe são tentativas isoladas, mas altamente positivas, da parte de clérigos jovens, de seminaristas e da juventude, que o Espírito de Deus está suscitando em nossa Igreja. Estes já têm consciência de seu papel construtor e transformador de uma nova sociedade igualitária, justa, onde todos se reconheçam e se sintam como irmãos.

Três significados da pastoral de periferia

Bispo Isaac Aço da Igreja Metodista

Como foi dito pelo Dreher, o protestantismo, de alguma forma, é um fenômeno periférico, e o metodismo começa assim na sua origem inglesa. O metodismo, como as outras Igrejas Protestantes encontrou, ao chegar ao Brasil, uma forte reação católica. O metodismo chegou com uma proposta liberal e uma atitude de contestação, mas pelas diversas alianças que teve que fazer para garantir a liberdade religiosa, acabou por se acomodar à situação social. Os próprios colégios, cujo peso é tão importante para a Igreja no Rio Grande do Sul, e que tinham uma proposta liberal diversa da proposta educacional católica, na sua tentativa de preparar as elites, acabam tornando-se uma força conservadora dentro do metodismo. Hoje a maior reação à caminhada da Igreja para o movimento popular vem justamente dos colégios, que chegaram ao Brasil com uma proposta renovadora mas que, na caminhada, pela sua própria identificação com a classe média, acabaram por se acomodar.

A Igreja Metodista no Rio Grande tem uma tradição renovadora mas que precisa de um esforço desmesurado para reatar essa tradição e romper com a acomodação que foi acontecendo nos últimos trinta ou quarenta anos. Para nós, hoje, uma pastoral de periferia significa três coisas:

a) Uma tentativa de encarnação e uma afirmação de fidelidade à própria origem metodista. A presença da Igreja nas fronteiras onde todo o sofrimento se abate, onde se espelha a nossa sociedade brasileira como uma sociedade injusta que produz povos marginais, miséria, desemprego, é uma tentativa de encarnação. E esta encarnação é coerente com a nossa origem metodista, pois começamos na boca das minas na Inglaterra, nas praças públicas com as crianças – donde surgiu a Escola Dominal –, nas prisões, assistindo prisioneiros e famílias.

b) Significa uma motivação missionária. Temos de abrir janelas no esquema pastoral tradicional que nos tem caracterizado, para que sobre um vento renovador nessa Igreja que precisa ser revitalizada, já que o projeto de Igreja de pequena burguesia está fracassado. As estatísticas são claras: deixamos de crescer há muitos anos. Há cinqüenta anos foram implantadas igrejas em todas as cidades de certa importância, e hoje praticamente continuamos com as mesmas igrejas que já existiam naquela época. Tomara que por essa janela que se abre sobre um pouco do vento do Espírito sobre nós e coloque a Igreja face a face com o desafio missionário.

c) É o reverso da Missão. Esperamos que a ida para a periferia questione essa Igreja que existe, que a missão passe a existir de lá para cá. A Igreja Metodista, no seu último Concílio, assumiu teoricamente, uma proposta renovadora. Na prática, essa proposta está sendo implantada, com dificuldades. Mas, o mais importante é que a colocação dessa proposta e a abertura destas portas estão questionando profundamente a Igreja.



“Presença da Igreja nas fronteiras, onde todo o sofrimento se abate” (Bispo Isaac Aço).

Ser igreja protestante no Brasil: desafios

Pastor Gunter Wehrmann da Igreja Luterana (IECLB)

Senti, neste Seminário, um desafio constante, que eu desejo chamar de contextualidade. Parece que a Igreja Protestante, não só a Igreja Luterana (IECLB), está sentindo, com muita insistência, a necessidade de ser Igreja Protestante no Brasil, neste contexto bem específico. Isso não acontece só por causa de um nome bonito, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, pois com isso ainda não estamos nele. Viemos cultivando conceitos que não dizem muita coisa, para não dizer, nada. Quero sinalizar esse desafio a partir da ótica da Igreja Luterana (IECLB).

Em 1970, a Igreja Luterana publicou um manifesto, denominado "Manifesto de Curitiba", onde tentou pela primeira vez definir um relacionamento crítico entre Igreja e Estado. Poucos anos depois, a Igreja emitiu um documento que se chama "Nossa Responsabilidade Social". Por incrível que pareça, na época esse documento não suscitou inquietação, o que deveria ter acontecido. Mas aos poucos aquele conteúdo foi penetrando na Igreja.

A nossa Igreja lançou em 1981, para tema do ano "Homens e mulheres unidos na missão". O tema tem dois enfoques; relacionamento homem-mulher, e missão. Nesse momento, parece que nos conscientizamos da nossa existência como gueto, não só no Brasil mas no centro da paróquia. Achamos que estamos muito bem instalados e não conseguimos enxergar, e muito menos ir para a periferia. Tentamos deixar-nos desafiar pelo Evangelho, que nos envia para a comunidade, mas arranjamos muitas desculpas para nos esquivar desse desafio.

Em 82, o tema foi "Terra de Deus, Terra para Todos". Esse tema mexeu com as comunidades como nenhum outro antes, pelo simples fato de que a Igreja, com ele, não mais fez um discurso que poderia ser facilmente neutralizado, ou diante do qual se pudesse recuar. Foi um desafio muito direto. E a reação dos pequenos agricultores foi essa: pela primeira vez ouvimos nossa Igreja falar em nossa língua. Dentro desse contexto, pequenas tentativas foram feitas, como o "Centro de Aconselhamento ao pequeno agricultor". São pequenas tentativas, mas sentimos dificuldades quando a comunidade, como um todo, não percebe que o Evangelho tem a ver com essas coisas bem práticas da vida. Ele foi escrito a partir da vida concreta e dirigido para essa vida concreta. Existem outras tentativas de pastoral no meio suburbano, como a experiência do pastor Machadinho.

O que está acontecendo, na prática, com esses modelos? Parece que o Espírito Santo está colocando algo de novo, algo que nos causa medo e nos desafia; traz insegurança, porque o novo sempre intransqüiliza. A meu ver, o primeiro desafio teológico está no fato de aprendermos a viver a tensão entre carisma e instituição; uma necessita da outra. O

segundo desafio é nós aprendermos novamente que a Bíblia parte da vida e quer falar hoje à vida concreta. E se nossos membros não percebem que a Bíblia nos manda falar dessas coisas, eles nunca se vão colocar a caminho. As comunidades têm de perceber que a Bíblia nos fala da vida concreta e nos manda ir também à periferia. O terreiro, é a contextualização. A nossa maneira de viver de fé, de prestar culto a Deus é bastante marcada ainda pela maneira do além-mar, seja na América do Norte, seja na Europa. Acho que temos que fazer esse trabalho de Teologia da Missão que Paulo fez ao se perguntar: "A comunidade de Jerusalém tem de viver sua fé do mesmo modo como a comunidade de Corinto?" Claro que não, Jerusalém e Corinto são contextos diferentes. A Liturgia, que é para ser uma maneira de louvar a Deus pelas misericórdias que ele oferece a seu povo, precisa ser muito mais brasileira. A última questão está ligada à espiritualidade. Em nossa Igreja existe a polarização entre uma fé "evangelical" e uma fé engajada. O que temos que descobrir é uma espiritualidade luterana tal que o "Orar e trabalhar" de Lutero ganhe agora forma em nossa realidade.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Observação: Quando os totais não fecharem, a diferença está nas respostas deixadas em branco.

DADOS GERAIS

Número de Participantes

Denominação	Homens	Mulheres	Total
Luteranos	25	15	40
Metodistas	13	11	24
Episcopais	23	12	35
Total	61	38	99

Locais de Procedência

Cidade	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Pelotas	2	—	5	7
Canoas	4	2	3	9
N. Hamburgo	3	—	—	3
Esteio	1	—	—	1
Alvorada	4	—	—	4
São Leopoldo	22	—	2	24
Porto Alegre	1	7	17	25
Tramandaí	1	—	—	1
Santa Maria	—	5	—	5
Cruz Alta	—	1	—	1
Uruguaiana	—	7	—	7
Santo Ângelo	—	1	—	1
Viamão	—	1	—	1
Caxias	—	—	1	1
S. Francisco	—	—	2	2
Rio Grande	—	—	2	2
Canguçu	—	—	1	1
Horizontina	—	—	1	1
Erexim	—	—	1	1
Alemanha	1	—	—	1
Total	39	24	35	98

Profissões

	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Aposentado	2	1	-	3
Professor	4	4	1	9
Pastor	11	4	9	24
Enfermagem	2	2	-	4
Seminarista	5	-	9	14
Bancário	1	-	-	1
Do lar	5	-	3	8
Engenheiro	1	-	-	1
Aux. Escritório	1	1	1	3
Pedreiro	2	-	-	2
Metalúrgico	1	-	1	2
Estudante	1	2	2	5
Jornalista	1	-	1	2
Calçadista	1	-	-	1
Operário	1	1	1	3
Eletricista	-	2	1	3
Comerciário	-	1	1	2
Ferroviário	-	1	-	1
Protético	-	1	-	1
Farmacêutico	-	1	-	1
Bispo	-	1	-	1
Func. Público	-	-	1	1
Digitador	-	-	1	1
Advogado	-	-	1	1
Secretária	-	-	1	1
Comerciante	-	-	1	1



"Trabalhamos todo um dia para trocar experiências, partilhar descobertas, angústias, esperanças e desalentos" (grupo de estudos).

Faixas Etárias

Faixas	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
15 - 18	-	-	2	2
19 - 22	2	2	5	9
23 - 26	5	5	7	17
27 - 30	7	4	6	17
31 - 34	8	2	1	11
35 - 39	5	4	2	11
40 - 43	2	-	5	7
44 - 47	4	-	3	7
48 - 51	1	3	1	5
52 - 55	-	-	1	1
56 - 59	2	-	1	3
60 - 63	-	2	-	2

Comentário

Quanto ao número de participantes, notamos um equilíbrio entre Denominações girando em torno de trinta participantes, conforme o combinado. A presença maior de luteranos se deve ao fato de São Leopoldo ser um centro dessa denominação e pela presença dos irmãos da Vila Antônio Leite.

Quanto à procedência dos participantes, notamos novamente que o combinado com as denominações foi cumprido, trata-se de pessoas ligadas a cidades de porte, em sua maioria absoluta. A presença da Grande Porto Alegre, constituiu 67,6% dos participantes do Seminário. Destes, trinta e cinco eram luteranos, dez metodistas e vinte e dois episcopais.

Quanto à profissão das pessoas do grupo constatou-se a presença forte do laicato das Igrejas. Esta qualidade do grupo criou oportunidade para relacionar a teoria mais imediatamente com a situação real das comunidades. A presença do "clero" (agentes, pastores, professores...) foi de 55,6%, praticamente a metade. Os leigos, em sua maioria absoluta, eram assalariados, quatorze ligados ao setor terciário e doze ligados ao setor da produção. Foi uma composição social bastante próxima da composição social encontrável nas periferias urbanas, alvo de nosso projeto.

Quanto à faixa etária, notamos uma predominância da juventude entre os episcopais. Sendo que mais da metade (cinquenta e seis participantes) encontram-se entre os vinte e três e os trinta e nove anos. Acima dos quarenta tivemos vinte e cinco participantes.

2. DADOS ECLESIASIAIS

Cargos nas Igrejas

	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Serviço Social	2	1	-	3
Professor de Escola Dominical	1	6	7	14
Professor	4	-	-	4
Pastor	10	1	8	19
Pastoral de Periferia	1	2	-	3
Administração de Comunidade	1	1	-	2
Leigo/Liderança	8	-	12	20
Administração Regional da Igreja	2	3	1	6
Seminarista	3	-	9	12
Enfermagem	1	-	-	1
Guia-Leigo	-	2	-	2
Evangelista	-	2	-	2
Presidente Mocidade	-	1	-	1
Músico	-	1	-	1

Comentário

O fato de não haver coincidência entre as diversas profissões e os cargos ocupados na comunidade eclesial indica a grande pluralidade do trabalho pastoral. O número de pastores profissionais e pastores em atividade indica a presença de pastores que não estão ligados a comunidades locais, mas a atividades pastorais supracomunitárias. É o caso do Dítor do Departamento de Promoção Comunitária da Região IV da IECLB, do coordenador da Pastoral de Periferia da Igreja Metodista, por exemplo.

Constatamos a presença de jornalistas do Jornal Evangélico (IECLB), do Estandarte Cristão (IEB) e uma do Estandarte Cristão.

Também é marcante a presença de leigos em atividades da pastoral: catequistas, evangelistas, leitores, etc.

Atividades Eclesiais

Descrição	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Direção de grupos de periferia	2	1	-	3
Educação Popular	1	-	-	1
Crianças Carentes	1	1	1	3
Redação, elaboração de material a nível geral	3	2	1	6
Direção leiga	1	1	-	2
Atendimento pastoral	5	4	17	26
Escola	1	2	-	3
Pastoral da saúde	1	1	-	2
Atendimento a doentes	1	1	-	2
Escola Dominical	1	6	10	17
Juventude	-	2	3	5
Pastoral Operária	-	11	-	11
Trabalho com senhoras	-	-	2	2
Estudos bíblicos	-	-	1	1

Comentário

Foi bastante difícil tabular estes dados devido à diversidade de atividades eclesiás descritas pelos participantes. A predominância de atividades eclesiás tradicionais (atendimento pastoral no culto, na formação, etc.) representa 80% das respostas a esta questão. Efetivamente a maioria absoluta dos participantes possui intensa relação com suas Denominações.

Entendemos importante esse dado para o futuro do seminário. Uma pastoral de periferia, a partir deste grupo de pessoas e igrejas, tem que necessariamente levar em conta este dado: o trabalho pastoral tradicional. É a partir dele que teremos que desenvolver com criatividade propostas de atuação na periferia.

Também é significativa, mesmo sendo numericamente pequena, a presença atuante das igrejas na periferia. Atuamos com maior força na assistência social: crianças, velhos, doentes. Se o assistencialismo tem claras lacunas, possui o mérito de colocar as comunidades diante da miséria de nossas periferias. O assistencialismo é possível pelo forte sentimento de piedade presente em nossos fiéis. A organização popular pode, a partir desta piedade, demonstrar que uma ajuda efetiva aos pobres é a própria decisão de organizar-se como cidadãos com direitos assegurados.

MEIOS PARA ESTA ATUAÇÃO

Meios para esta Atuação

Descrição	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Comunidade eclesial	13	8	24	45
Escola	4	7	3	14
Assistência Social	8	5	8	21
Sindicatos	1	—	—	1
Movimento Popular	4	3	3	10
Grupos	5	—	—	5

Comentário

Esta pergunta buscava ver quais os meios utilizados nas atividades eclesiás. Repete-se o dado anterior: o trabalho se dá a partir da comunidade eclesial. Um segundo mecanismo utilizado é a assistência social, seguido pela escola.

Os meios utilizados no geral pelo movimento popular já têm expressão dentro das igrejas, embora com menor força. Isso implica em pensar a possibilidade de avançar a pastoral de periferia a partir das instituições eclesiás existentes. Essa idéia, controvertida, é verdade, destaca-se pela presença das escolas metodistas neste seminário, possivelmente a partir da decisão da Igreja em criar pastorais escolares em suas instituições para efetivar o Plano Vida e Missão.

Descrição da Atuação

Devido ao pouco número de respostas a esta questão, decidimos publicar na íntegra as respostas. Com isso aumentamos a quantidade de material a ser lido, mas evitamos uma tabulação difícil de ser feita e que alteraria o pensamento dos participantes.

Luteranos

- “Visitações a pessoas carentes, coleta e distribuição de recursos, e colocação de pessoas desempregadas.”

- “Sou educador de educação religiosa, embora o colégio não seja de periferia, eu sei e vivi experiências em Comunidades Eclesiais de Base.”
- “Desenvolvemos cursos (costura, crochê, tricô) e conscientização referente a higiene, saúde, alimentação e emprego.”
- “Um trabalho de conscientização e evangelização.”
- “Teologia a partir e com o movimento popular.”
- “Recreação com crianças e orientação com os doentes e deficientes.”
- “Pontos de pregação com cultos, estudos bíblicos, etc. Distribuição de ranchos, empregos, cursos de higiene, alimentação e saúde.”
- “Cultos dominicais, contatos pessoais com carentes de qualquer tipo, reuniões com pessoas assistidas, visando desenvolvimento integral.”
- “Sou secretário na Associação de Amigos da Vila Antônio Leite (São Leopoldo) e vice-presidente da União das Associações de Bairro. A atuação vai no sentido da educação popular, visando o fortalecimento do movimento popular, a saber: melhor formação da liderança comunitária, unificação e sustentação das lutas populares, organização ‘burocrática’ das associações, para que estas sejam representativas e um melhor entrosamento com outras frentes de organização popular.”
- “No Bairro Feitoria temos cinco núcleos que se reúnem periodicamente para reflexão, visitações e estudos bíblicos. Estamos iniciando um curso sobre a igreja (primitiva e atual) com audiovisuais.”
- “Professora de ensino religioso evangélico em escola estadual de primeira a quarta séries. Participo em reuniões com pais e tento contato com os pais e alunos fora da escola.”
- “Atuação na comunidade executando projeto de saúde.”
- “Grupos de bairro, hortas comunitárias.”
- “Não é uma atuação direta minha na periferia. Ela acontece no refletir e fazer outras pessoas, grupos, comunidades conhecerem a realidade periférica, colocando à disposição o material do Centro de Elaboração de Material, tentando colher experiências e envolver pessoas (leigos ou profissionais) da periferia na elaboração do material.”
- “Sistema de cursos e programas que levam a uma libertação pessoal e integral da pessoa: higiene, alimentação, escola, educação, mobilização, cultura, casos, música.”

Episcopais

- “Discussão dos problemas comuns do povo. Em vez de sermão, o povo expõe as suas dificuldades e problemas.”
- “Estamos trabalhando numa área missionária com gente carente, pobre mesmo.”
- “Através da Escola Dominical, na educação das crianças, não só epis- copais.”

- “Desenvolvendo um trabalho com crianças e fazendo visitas.”
- “É atuação relativamente fraca, visto tratar-se de somente dirigir aulas para crianças (de duas em duas semanas). Não se trata de ação social, apenas educação cristã.”
- “Como presidente do Centro Comunitário Cristo Redentor. Este Centro dá atendimento às pessoas carentes da periferia.”
- “Atividades paroquiais em geral, capelania do Colégio Santa Margarida e Instituto Reverendo Severo da Silva e filantropia pela Paróquia do Redentor.”
- “Encontros de reflexão em pequenos grupos e celebrações. Assistência material aos carentes e, criando a oportunidade de uma maior integração destas pessoas na comunidade.”
- “Participo da diretoria do Orfanato Reverendo Severo da Silva (feminino).”
- “Somos uma missão da Igreja Anglicana nesta região e estamos iniciando nosso trabalho com visitação e conhecimento da realidade.”
- “Preparação de professores de escola dominical, estudos bíblicos.”
- “Damos atendimento aos domingos, fazemos visitas, estamos tentando organizar as reuniões com jovens e crianças.”
- “Missões da Igreja Episcopal (IEB), para aqueles cujas necessidades física e espiritual são marcantes. A carência de amor e a aproximação de uma solidão neurótica deixam uma trajetória visível que precisa ser detida com uma atuação mais compromissada.”
- “Pontos de missão nas casas do Pró-Morar. Na área da escola projeto de organizar associações de bairro.”
- “Roupas, sapatos, alimentos, remédios.”
- “Realização de cultos aos domingos e ocasiões especiais, com pregação da Palavra de Deus e administração dos sacramentos, incluindo algumas atividades sociais e assistenciais.”
- “Entrega de leite pela LBA. Cursos de trabalhos manuais visando sempre o entrosamento dos elementos.”

Metodistas

- “Futuro projeto de periferia da escola (montagem e coordenação).”
- “Vamos começar ainda.”
- “Na escola dominical com jovens.”
- “Pregando o Evangelho.”
- “Projeto de atendimento às crianças carentes. Treinamento de monitores para atuarem na área de recreação.”
- “Cuidar de pessoas idosas, física e espiritualmente.”

- “Atendo no Centro de Saúde, faço atendimento pediátrico com crianças de zero a quatorze anos.”
- “Formação de grupo de música, ensinando-os a ter uma noção de partitura, acompanhamento instrumental das músicas, etc.”
- “Projeto em organização – Pastoral Escolar do Instituto Metodista Centenário.”
- “Formação de grupos de reflexão e projetos de trabalho.”
- “Através da Pastoral da Periferia.”
- “Trabalho com crianças.”

DIFICULDADES NO TRABALHO

Dificuldades no Trabalho

Descrição	Luteranos	Metodistas	Episcopais	Total
Recursos Materiais	4	3	2	9
Recursos humanos	4	4	6	14
Compreensão dos idosos	1	–	1	2
Passividade das pessoas	3	–	2	5
Consciência baixa	1	1	–	2
Tempo	1	4	–	5
Local adequado	–	2	2	4

Comentário

Existiram mais dificuldades mas não foi possível quantificá-las. Chama a atenção para o fato de que as dificuldades não se centraram em questões financeiras. Houve um peso relativamente igual entre este tipo de dificuldade e a dificuldade mais a nível de consciência.

A superação das dificuldades, a partir destes dados, parece não ser de ordem econômica, mas ideológica, digamos assim. O que mais faz falta é a preparação adequada dos agentes eclesiais e das bases para uma atuação mais efetiva da pastoral.

Essa formação não é necessariamente acadêmica, por certo. Um dos objetivos do segundo seminário permitirá uma troca de experiências e poderá servir como ponta de lança nessa formação melhor dos envolvidos.

Conclusão Final

Descobrimos que já existe uma presença evangélica na periferia. É, além disso, uma existência muito fecunda e bastante diversificada, variando

desde a distribuição de leite até a inserção no movimento sindical, expressão maior do movimento popular.

Pela análise dos trabalhos e das suas dificuldades, podemos arriscar uma afirmação: Para resolver as dificuldades e enfrentar os desafios que nos vêm da periferia, temos em nós mesmos as soluções e o amparo. Apenas precisamos desenvolver nosso ecumenismo a nível do trabalho prático. A este desafio só responderão os que estiverem atuando e sentindo a necessidade de aprofundar tal atuação.

CAPÍTULO IV

Segundo passo da caminhada: experiências com o povo

SEGUNDO SEMINÁRIO



Vila Antônio Leite: residência do pastor Machadinho e lugar de reunião de grupos.

MERGULHO NA REALIDADE DA PASTORAL

O Segundo Seminário (20, 21 e 22 de setembro), buscava a prática da pastoral protestante já existente. O centro dos trabalhos foi a periferia. Os pobres compartilharam conosco suas riquezas. Visitamos, durante todo um dia, os trabalhos concretos de cada pastoral. Felizmente, na região da Grande Porto Alegre, pudemos contatar experiências pastorais de cada uma das Igrejas. Divididos em grupos menores, nos espalhamos por Viamão, São Leopoldo, Alvorada, Porto Alegre e Canoas.

Depois desse mergulho na realidade da pastoral, trabalhamos todo um dia para trocar experiências, partilhar descobertas, angústias, esperanças e desalentos. Para muitos de nós foi a primeira aproximação com o povo pobre e lutador. Muitos se surpreenderam. Alguns preconceitos foram abalados. Um dos participantes, com profunda sinceridade, perguntava-se “até que ponto o povo tinha o direito de tomar a terra à força?” Uma afirmação dogmática do protestantismo, incutida no mais profundo cerne da fé protestante, transformava-se para este irmão em uma pergunta existencial. Assim como com este companheiro, os pobres que já estão participando na pastoral ecumônica de periferia, estão mudando as nossas concepções teológicas. Muito mais que isso estão mudando nossas Igrejas. Isso nos deixa inseguros, mas sentimos o sopro do Espírito que nos

Na troca de experiências em grupo, o enriquecimento comum.



Em grupo: apresentação das experiências de visitas às comunidades de periferia.

Celebração de encerramento: “Festa do Amor”.



faz trilhar caminhos novos, desconhecidos, assustadores mas que são novidade de vida para as Igrejas.

Na palavra de avaliação de alguns:

- "Temos um grande futuro."
- "A união das Igrejas no trabalho de periferia é o único caminho para fugir do assistencialismo paliativo e partir para uma eficaz construção de/em comunidade."

UM POUCO DE GAUCHISMO

Não se conhecem favelas no Rio Grande do Sul. Lá existem apenas vilas. As vilas, em tudo, são idênticas às favelas cariocas ou paulistanas. Os moradores das periferias gaúchas são migrantes recentes. Expulsos da terra pela concentração fundiária e a mecanização trazidas para os pagos. Nos pampas gaúchos, nas colônias de migrantes europeus, a vila era o local da reunião de muitos. Para a corrida de cancha reta, para o fandango, para missa ou o culto. Quem sabe, por essa razão, os gaúchos tênhiam chamado as grandes concentrações periféricas de vilas.

O motivo também pode ser outro. Os grandes criadores de gado, os latifundiários, possuíam, na cidade grande, uma residência luxuosa, mansões que chamavam de vilas. Quando os próprios peões foram tangidos para a capital, quem sabe num protesto inconsciente, chamaram seus barracos e amontoados de vilas.

Talvez ainda haja outros motivos. Não há no Sul grandes favelas como a Rocinha no Rio. As favelas são mais recentes e muito espalhadas. Os terrenos onde foi possível construir uma vila eram menores. Com isso, as sub-habitações formaram comunidades mais ou menos delimitadas, ganhando o aspecto de vilas, propriamente ditas. Também existem características próprias em cada uma dessas vilas. Podem-se encontrar famílias inteiras morando em barracos próximos. Pai, avô, filho, neto, sobrinhos mantêm a tradição familiar. É comum encontrar vilas onde há predominância específica de uma região de origem. Três Passos, Santa Rosa, o vale do Rio Uruguai e do Rio dos Sinos, formam, praticamente, vilas próprias, são como extensões de uma região de agricultura familiar conquistada pelo império do modelo político agrícola exportador.

Os costumes das antigas vilas interioranas, na medida da resistência popular, foram mantidos. O chimarrão reúne os vizinhos nas manhãs e tardes domingueiras. Encontram-se também muitos que ainda criam seus animais, plantam suas hortas. O transporte animal é ainda importante na grande capital. Muitas famílias sobrevivem, como no interior, à custa do cavalo. As canchas de bocha, o jogo do osso, relembram a cultura popular. As favelas do Sul são vilas, de fato.

Vila Santo Operário.



VILA SANTO OPERÁRIO

Canoas, uma das mais industrializadas cidades do País, que reúne o maior contingente populacional do Estado – depois de Porto Alegre – possui dezenas de vilas. Uma delas tem seu nome escrito a sangue. É a Vila Santo Operário. Homenagem reconhecida dos trabalhadores ao mártir Santo Dias, caído exatamente na época em que se levantava a invasão do terreno que daria origem à vila.

A Santo Operário carrega uma história em cada rua, uma vida de luta operária em cada barraco. A Romaria da Terra, a maior manifestação política e religiosa dos sem-terra, dos operários, dos jovens, já atravessou aquelas ruas estreitas e esburacadas.

A coragem da mulher trabalhadora marca a história da Santo até hoje. Aliontina Hegele iniciou a invasão de uma granja de arroz, uma tira de terra de cinco quilômetros de extensão, por quinhentos metros de largura. Enfrentou a polícia, resistiu às intimidações da prefeitura (Canoas era, então, área de segurança nacional) e aos capangas da família que se considerava proprietária da área. Aliontina arrumou coragem buscando a união popular. Incentivando outros sem-terra da cidade a se unirem e buscarem o chão que os salários lhes negavam. Também buscou refúgio e ajuda na fé, encontrando o irmão marista Antonio Cechin.

O povo animou-se. As invasões organizavam-se nos fins de semana. Com o aumento da repressão e das ameaças das autoridades policiais, as mudanças/invasões/instalações passaram a ser noturnas. No Advento de 1979 começa a preparação da novena. O povo se reúne na leitura das histórias natalinas. Descobrem, meio surpresos, que num momento de aperito e necessidade, Maria grávida e José invadiram e ocuparam a estreba-



Creche "Vô Maria" na Vila Santo Operário.

Hora do lanche na creche "Vô Maria".

Forno comunitário da Vila Santo Operário.

ria. Jesus menino nasceu numa invasão. A invasão ganha novo fôlego. Esta Palavra de Deus incentivou a tomada da terra. Afinal, eram pobres em necessidade. Nesse processo, um advogado foi buscado e aliou-se aos moradores. Seu trabalho, na luta dos moradores, era fornecer atestados de pobreza. Os moradores, assim, achavam-se respaldados juridicamente para procederem à invasão. Afinal, a lei os reconhecia como pobres. Como pobres, reconheciam a si o direito bíblico de terem o seu chão. No grande feriadão de Natal e Ano Novo, por um certo relaxamento na vigilância policial e da prefeitura, mais de duzentas famílias tomaram posse da terra. Em março do ano seguinte, já estavam assentadas no local cerca de cinco mil famílias. As ruas, as quadras, e a demarcação dos lotes foram organizadas pelos moradores, auxiliados por um engenheiro. Em 25 de maio de 1985 ocorreu uma Assembléia Geral da Vila que oficia-

lizou o nome e a fundação da Vila Santo Operário. A associação que já existia ganhou também o nome do Santo.

Os terrenos formam um arruamento perfeito. Os nomes das ruas demonstram a recuperação da consciência histórica que consegue o povo unido e organizado na luta. Há a Rua Sepé Tiaraju, índio missionário, quase santo, verdadeiro mártir, morto pelos portugueses ao defender o solo missionário da invasão dos escravagistas. A rua Zumbi orgulho da raça negra, une os povos na defesa da liberdade. Negrinho do Pastoreio, é a rua que relembrava a resistência da criança oprimida pelo latifundiário. Relembra também, na teologia campeira, que Nossa Senhora é a madrinha dos pobres. A rua dos Metalúrgicos e a dos Biscateiros carrega a lembrança das lutas dos pobres de hoje.

Embora a vila não conste do mapa de Canoas, estas cinco mil famílias conquistaram, a duras penas, a rede de água e luz. Uma vitória que consolida a vila. Mas sua organização persiste. As mulheres organizam-se em grupos de cinco senhoras, em torno de um projeto chamado **Fornos Comunitários**. São treze fornos de pão, como os que existiam nas colônias. Os clubes de mães, em número de sessenta e cinco, reúnem para amassar o pão. Enquanto esperam que assem, aprendem a conversar sobre si mesmas, a Bíblia, a vida... Também trabalham e ensinam outras atividades manuais. Um pão sempre é cozido para a partilha com outros companheiros. Muitas vezes, o pão consagrado entre os sem-terra de Ronda Alta e, hoje, entre os acampados da Fazenda Anoni sai do suor destas senhoras do povo. O pão da eucaristia de encerramento do segundo seminário foi levedado e assado por elas, trazendo o gosto amoroso de suas mãos.

Da luta organizada pela Associação, nasceu também uma creche, instalada no centro da vila. Os moradores mesmos a ergueram com material conquistado à prefeitura. A creche funciona desde 1981. É também trabalho da associação organizar a invasão e dividir os lotes. A defesa da terra, no entanto, não acontecia apenas contra a polícia, prefeitura ou proprietários. O pastor Marino Moreira, da Igreja Pentecostal Deus é Amor, resolveu reservar uma área para a sua obra. Invadiu uma área de duzentos por cento e vinte metros, cercou-a e colocou capatazes armados para defendê-la. Apesar disso, a associação recuperou essa área preciosa aos moradores.

A luta presente, especialmente nos Clubes de Mães, refere-se à legalização da posse, à conquista do esgoto, do calçamento, às questões de saúde e alimentação (horas caseiras e comunitárias), ao desemprego e à educação. Também desenvolvem a "Pastoral da Criança". Com algumas balanças pediátricas doadas pela UNICEF, as mães procuram controlar o desenvolvimento e a saúde das crianças de zero a cinco anos. Mensalmente as crianças são pesadas e são verificadas as suas condições de saúde. As mães organizaram um curso de medicina caseira e usam este conhecimento no trabalho de saúde popular.

Na Assembléia que assume o nome Santo Operário, são também aprovados "Os Mandamentos dos Moradores" que norteiam a vida comunitária daquela gente:

1. Louvar a Deus que nos deu esta terra. Para isto participar sempre da oração da comunidade.
2. Cada família de operário ocupe um terreno de doze por trinta metros e não mais que um, a fim de que haja lugar para todos.
3. Não negociar a terra. O que de graça se recebeu, de graça deve ser dado.
4. Deus deu esta terra aos pobres, por isso, aqui só deve morar quem não é proprietário.
5. A terra que foi conquistada pela união, só pela união estará garantida. Por isso, participar da Associação que é nossa ferramenta de luta.
6. Todo morador deve sempre comparecer às assembleias.
7. Todos devem participar da luta de todos.
8. Não permitir que continuem estragando nosso chão, carregando lixas daqui.

Um símbolo da luta da Santo ganhou o Rio Grande: o Sino... Quando a invasão estava acontecendo, havia seis sinos espalhados pela vila. Quando alguma ameaça se aproximava, o toque do sino reunia o povo para a defesa. Cinco foram roubados pelos oressores. Restou apenas um, que ainda é o toque da reunião e união dos moradores. Um sino também foi o símbolo das heróicas greves dos professores gaúchos. Um sino que não pára de badalar, acompanhou a "Romaria Conquistadora da Terra" dos sem-terra acampados na Fazenda Anoni.

VILA CRUZEIRO DO SUL

Um pouco impressionados, foi isso que aconteceu ao chegarmos a Vila Cruzeiro do Sul, num sábado. O simples fato desta vila se estar organizando apenas agora, através de uma Associação de Moradores, já é uma demonstração de desleixo e miséria gritantes aos nossos olhos. A falta de confiança na diretoria da Associação – e não se pode deixar de falar do "deslocamento" de dinheiro e comida feito pelas diretorias anteriores – o lixo, a falta d'água, o esgoto, tudo isso e mais o temor de perder os barracos com as constantes ameaças de despejos, fazem parte da vida diária desta vila. O pastor Orvandil, da Igreja Metodista, mostra o fiozinho de água que corre da mangueira comum a todos os vizinhos e que, na hora em que chegamos ao barraco da Igreja Metodista, estava sendo usada para fazer o sopão para o nosso almoço comunitário. O lixo na frente dos barracos e que freqüentemente entra porta adentro, o esgoto a descoberto e as crianças brincando dentro dele, tudo isso foi presenciado por nós com uma ponta de culpa. Este estado de miséria deve-se a nós que não paramos para pensar e assumir uma postura de trabalho que possibilite transformar um pouco tal estrutura de subvida de nossos irmãos.

A Vila Cruzeiro do Sul é um exemplo de pobreza que deve ser analisado, porque devemos e podemos nos unir e compartilhar a nossa vida com eles e mostrar o outro lado dela, mais humano, mais alegre e mais digno".

A jornalista Carmen Leite Rovira, juntamente com um grupo de participantes do Segundo Seminário, participou da visita e do convívio com



Uma imagem da pobreza das periferias das grandes cidades (Vila Cruzeiro do Sul).

os moradores da Vila. O primeiro impacto foi a recepção feita em torno de um panelão que fervia a sopa comunitária. Um dos visitantes anotou o vasto cardápio: Para o sopão comunitário siga a receita: Junte alguns tijolos, um panelão, coloque fogo na lenha e na conversa. Depois encha o panelão com a pouca água que corre da "bica" (torneira pública), vá juntando aos poucos a massa, couve, tomate, mocotó, carne, caldo industrial, batata, salsa, cebolinha, beterraba, mandioca, cebola, repolho, batata-doce, moranga, xuxu, espinafre e mondongo. Sirva bem quente em potinhos plásticos de margarina. As crianças da vila foram as que mais apreciaram esta estranha receita.

A Vila é das mais antigas de Porto Alegre, com quarenta anos de sofrimento nas costas. Quatro mil famílias compõem a população de vinte mil

Centro Comunitário na Vila Cruzeiro do Sul.



pessoas. No meio delas a Igreja Metodista tenta aprender a testemunhar o Evangelho num barraco igual a tantos outros. O pastor vê, como básicas, as lutas por água, que não chega com pressão suficiente à torneira, da qual partem todas as ligações para as casas; a luta pelo saneamento da vila onde o esgoto mistura-se ao pátio em que as crianças brincam; pelo recolhimento do lixo que se amontoa entre os casebres.

O grupo visitante também pôde participar de uma reunião regular da diretoria da Associação. "Seu" Felisberto, vice-presidente, saudou os visitantes, passando, logo depois, aos trabalhos da diretoria. Os casos discutidos foram registrados pelo grupo.

Dona Olívia é viúva e vendeu sua casa no dia 1º de agosto. Mesmo assim ela deseja continuar sócia da Associação, pois o falecido marido já havia pago as contribuições de todo o ano. Ela contou que a casa vendida fora roubada. Os gatunos levaram toda a instalação elétrica, a madeira das

repartições internas e toda a madeira da frente da casa. O novo proprietário, em função disso, pretende desmanchar a casa e construir uma menor. Ela pergunta se há problema. Dona Maria, a presidente, informa que a placa do DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação) deve permanecer, para evitar problemas.

Outro assunto tratado na reunião foi o de uma senhora que mora há quinze anos na vila e que cedera parte do seu terreno para o cunhado construir uma casa. Há necessidade, também, de mudar o local da "casiinha" (banheiro) que está escoando detritos para o terreno de uma creche. Isto é possível? Não há possibilidade de obras na vila por causa da fiscalização. A diretoria resolve visitar o local para ver o que pode ser feito.



Moradores da Vila Cruzeiro do Sul registram o encontro com participantes da Pastoral de Periferia.

Uma moradora que paga aluguel, para livrar-se dele comunica que conseguiu madeira para construir. Solicitou da Associação um terreno, no entanto, eles não existem. "Mas, ponderou um diretor, caso o proprietário venha a arrancar a casa", ela poderá construir ali. A fiscalização da prefeitura não permite construções na área e nem ao menos que sejam reparadas as casas existentes. Chega até a demolir novos barracos.

Uma moradora comunica e quer informações porque a placa do DEMHAB de sua casa fora marcada com um "X". Os diretores informam-lhe que isso significa que sua casa será removida ou recuada, mas que isso não acontecerá imediatamente. Caso a moradora esteja cadastrada ela não sairá da vila.

Um dos visitantes, tomando coragem, pergunta se os lotes estão legalizados. A resposta é que estão sendo, mas que o processo é vagaroso. Após a legalização é que os lotes serão demarcados, urbanizados e, então, os moradores passarão a pagá-los. Este processo foi iniciado há apenas seis meses. Outro visitante pergunta a respeito dos sócios. São menos da metade dos moradores, num total de mil e oitenta. Desses sócios, apenas uns quarenta pagam as mensalidades de duzentos cruzeiros! Muitos julgam ter a liberdade para não pagar, mas a associação está promovendo uma campanha de conscientização a respeito disso.

Junto com a luta pela legalização da terra, a Associação está mantendo um pré-escolar em convênio com o MOBRAL. Providencia o encaminhamento de documentos em convênio com a Fundação Sul Rio-Grandense de Assistência Senador Tarso Dutra (FUNDASUL). Em convênio com o SESI mantém assistência médica, além de diversos cursinhos.

Dentro dessa realidade e envolvida na luta, vive a comunidade. O pastor Orvandil entende o seu trabalho como um auxílio às famílias, como a creche, por exemplo. Não pretendem fazer um trabalho paralelo, mas somarem-se ao que já existe. Nas lutas da Associação, sua compreensão pastoral é a de que deve haver pressão para agilizar as solicitações dos moradores. Para tanto a igreja coloca à disposição o seu espaço físico.

A história da Vila é marcada pelo sofrimento. Surgiu a partir de despejos feitos em outras vilas, da própria migração do interior e da própria cidade de Porto Alegre.

O grupo fez um passeio pela vila, conhecendo os pequenos atalhos, pisando no esgoto, vendo o lixo amontoado na frente das casas. E a propaganda política nos casebres, principalmente do PDT, pois eram momentos importantes e finais da campanha eleitoral dos prefeitos das capitais.

Durante o almoço o bispo Isaac Aço, da Igreja Metodista, vem visitar, oficialmente e pela primeira vez, o trabalho. Ele comenta que estão trabalhando devagar, aprendendo a como fazer e fazendo junto com a comunidade. Os objetivos são atingir a organização do bairro, ampliar e consolidar o trabalho com crianças e trazer uma palavra evangélica de esperança ao povo sofrido.

O mesmo grupo visitou a comunidade metodista de Viamão, uma cidade dormitório da Grande Porto Alegre, talvez o município com o maior número de vileiros da área. Lá tiveram uma conversa com o povo: com o pedreiro Paulo, a aposentada Maria, o Alessander, o coureiro Érico, a Marli, a ascensorista Denise, o policial Ataídes. Algumas frases dessa prosa foram anotadas:

- "Quando tu falas em pobre, é pobre mesmo, pobre moral, social... que rouba do próprio irmão."
- "Para subsistimos devemos levar a subsistência espiritual para os outros. Quem não evangeliza desaparece."
- "O objetivo é levar a palavra aos pobres, aos quais o Reino é anunciado."
- "A Igreja prega bonito, fala bonito, mas não evangeliza os pobres. Temos poucos obreiros, humildes, inteligentes, respeitosos para serem Filhos de Deus."
- "O problema são os jovens sem liderança e as crianças."
- "Os mais deficitários, os mais carentes, repudiam certos tipos de teologia."

Uma senhora conta a sua história. Seu marido construiu o templo em Cachoeirinha, onde era leigo responsável. Transferido para Viamão, teve dificuldades financeiras para ir até o trabalho em Cachoeirinha. Fez um curso de evangelismo. Seus vizinhos são da umbanda, religião pagã, e precisam ser evangelizados. O sonho é construir um templo em Viamão. A Igreja tem três grandes terrenos.

Valas, mato, pobreza na Vila Antônio Leite.



VILA ANTÔNIO LEITE

A Vila Antônio Leite localiza-se na área inundável do Rio dos Sinos, no município de São Leopoldo, também cidade da Grande Porto Alegre. A maioria dos seus moradores é migrante do campo e ocupa-se na indústria do calçado destinada, quase que exclusivamente, à exportação. O depoimento, a seguir, foi dado pelo seminarista episcopal (hoje pastor) Francisco Paulo Leal Machado:

É sábado e o sol sorri depois de uma forte neblina que invadiu a madrugada. Estamos chegando na Vila Antônio Leite. É um lugar diferente de todos os lugares, e em lugar nenhum nos sentimos tão perto de Deus. A Susana, tão lutadora quanto o Machadinho (Vilmar dos Santos Machado, pastor da IECLB, assistente social), nos acompanhou durante todo o dia. O Encontro no Centro Comunitário foi espontâneo, coisas do coração que aquele povo coloca para fora com toda a simplicidade. Falaram da vida e da luta que empreenderam para construir aquele local. Contaram sobre a enchente, sobre a água, sobre o esgoto e sobre o dique. Nós, visitantes, que estivemos tão distantes da luta deles, os acompanhamos nos cânticos e nas orações. As crianças não paravam quietas e, volta e

meia, a Susana pedia que elas sentassem. No período da tarde, depois do almoço, nas casas do pessoal da vila, visitamos a Associação do Bairro, partindo depois para a visita ao forno comunitário...

A verdade é que o povo da Vila Antônio Leite possui a "síndrome da esperança adquirida". As enchentes vêm e vão, mas o povo permanece ali e constrói tudo novamente.

O trabalho pastoral na Vila Antônio Leite desenvolve-se num espaço bem delimitado, abrangendo a pequena área da Vila que conta com trezentas famílias. A vila nasceu da invasão organizada de uma área pantanosa dentro da Vila Campina. A área era desabitada pois periodicamente as cheias do Rio dos Sinos invadiam a área. Um candidato a vereador, cujo nome a vila herdou, por motivos eleitoreiros e populistas permitiu a entrada dos moradores na área. Logo perdeu o controle do processo, nem chegou a se eleger. Apesar desse início politiqueiro, um grupo de pessoas aproveitou-se da situação de forma positiva, iniciando de fato um trabalho de base. A partir, então, do assentamento estabeleceu-se um trabalho ecumênico de apoio às lutas por melhorias, integrado com a Associação dos Amigos da Vila Antônio Leite. A luta imediata surgia muito em função das constantes inundações. A cada inverno mais chuvoso, toda a vila tinha de ser evacuada e os moradores perdiam os poucos bens que possuíam. A Associação iniciou uma luta popular contra insalubridade. O objetivo era obrigar o governo federal, através do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS), a concluir a construção de um dique para controle das cheias. A obra se iniciou e foi construído o dique apenas no lado esquerdo do rio, controlando as cheias do centro da cidade de São Leopoldo. Do lado direito, onde está localizada a Antônio Leite, as obras foram interrompidas. As águas represadas apenas de um lado do rio, intensificam as cheias nas áreas mais populosas da cidade, especialmente na área da vila.

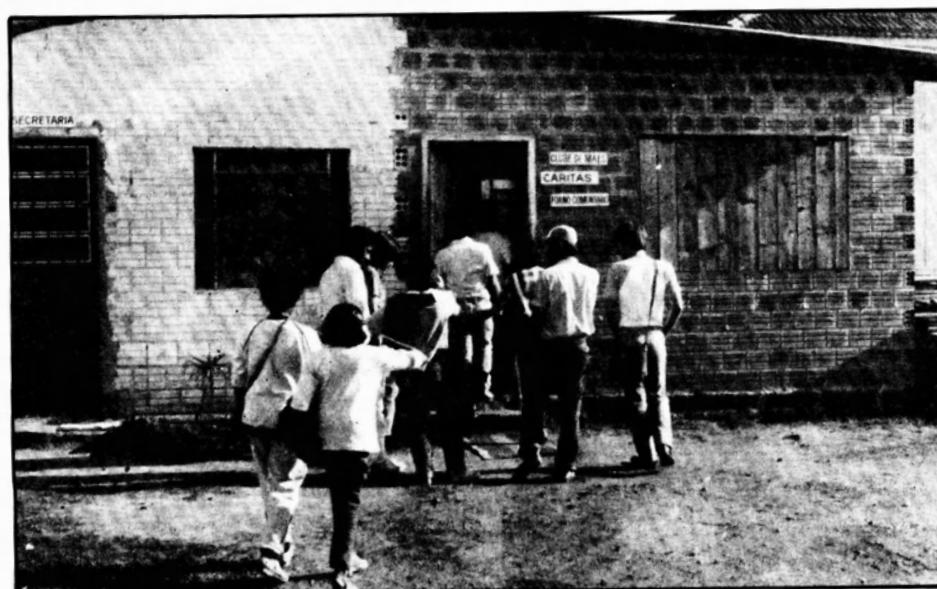
Os moradores organizados na Associação pressionam de todas as formas a Câmara de Vereadores, a Prefeitura mas, têm muita dificuldade de atingir o governo federal. Conseguiram melhorar as condições da vila com o aterramento e arruamento da área. As casas, embora num lugar aparentemente seco, são semelhantes às palafitas. A casa pastoral (uma casinha de madeira) possui quase dois metros de altura do chão. Recentemente as obras de contenção das cheias foram reiniciadas. O problema da vila agora é outro: Como evitar que a vila seja destruída pela especulação imobiliária? A valorização da área pela obra de saneamento, pode levar muitos a venderem suas posses.

Ainda não há solução para a questão da posse. A Associação luta pela legalização dos terrenos. Pretendem requerer usucapião da área ocupada. Mas o prazo legal de cinco anos ainda não foi atingido.

Todo este processo de formação recente da vila popular foi acompanhado de perto pela pastoral. A Igreja Católica atuou, numa linha pastoral libertadora, com a participação de agentes populares e clérigos. A atuação luterana brotou da iniciativa de poucos estudantes da faculdade de teologia localizada em São Leopoldo. O grupo não tinha afinidade com

as grandes questões da teologia da libertação, mas uma disposição de serviço evangélico ao próximo, uma vontade de conviver com o povo pobre. A partir deste início, a IECLB aprovou o projeto pastoral formulado pelo grupo e assumido pelo pastor Machadinho. Construiu-se uma pequena casa dentro da invasão, um centro comunitário bastante pequeno foi anexado à casa. O trabalho realiza-se em conjunto com a pastoral católica e, recentemente, iniciou-se uma comunidade luterana com os moradores que pertencem a essa denominação, quase todos migrantes do campo. Embora o trabalho pastoral mantenha sua dimensão coletiva e a cooperação com o organismo próprio dos moradores, mantém também a dimensão pastoral (do pastor propriamente) e de atendimento individual.

Visitação à Vila Antônio Leite.



Na visita, o convívio com moradores.

A espiritualidade marcada pela origem "evangelical" dos estudantes de teologia que iniciaram o projeto continua presente, sem que haja qualquer prejuízo à prática coletiva e política deste grupo, pelo contrário, é na espiritualidade que a comunidade encontra motivação e orientação para a luta

O grupo de visitantes, por opção da comunidade local da Antônio Leite, permaneceu grande parte do tempo em convívio com famílias da vila. Cada família acolheu um visitante, oferecendo um almoço e a conversa amigável.

A comunidade, a exemplo da Santa Operário, criou um forno comunitário que congrega as mulheres do Clube de Mâes. A dinâmica é idêntica à experiência mais antiga daquela outra vila.

A contribuição específica da visita à Antônio Leite foi a questão do atendimento pastoral nesta realidade específica. Geralmente, a pastoral de periferia é pensada em termos de mobilização, organização, luta popular. A experiência na convivência pessoal com uma família individualizada, levantou novos problemas para a pastoral de periferia. Entre os pobres existem questões de ordem familiar muito preponderantes. Levando o grupo a formular a seguinte questão: Como pode uma proposta de desenvolvimento comunitário ocupar-se também especificamente com questões individuais e familiares?

VILAS DE ALVORADA

Alvorada é um município da Grande Porto Alegre. Possui cento e quarenta mil habitantes, na maioria absoluta, vileiros. Dentro deste município visitamos duas vilas. A primeira delas é a Vila Piratini, onde se situa o Centro Comunitário Piratini da Igreja Luterana (IECLB) e a outra é a Vila Campos Verdes, certamente a vila mais organizada do Alvorada e sem qualquer trabalho pastoral.

O grupo entrou em Alvorada pelos fundos. Conheceu grandes extensões de terras improdutivas, verdadeiro latifúndio em plena região urbana. As terras pertencem a um membro destacado do Partido Comunista Brasileiro, dono da maioria das terras invadidas na área.

O Centro Comunitário Piratini atua em várias frentes de trabalho: possui duas classes de pré-escolar (convênio com MOBRAL e Prefeitura); um Grupo de Senhoras; oferece cento e vinte refeições diárias para crianças carentes; possui uma pequena biblioteca administrada pelos próprios alunos que emprestam os livros; atendimento médico e odontológico; assistência jurídica; distribuição de roupas. Estes serviços são a base do trabalho.

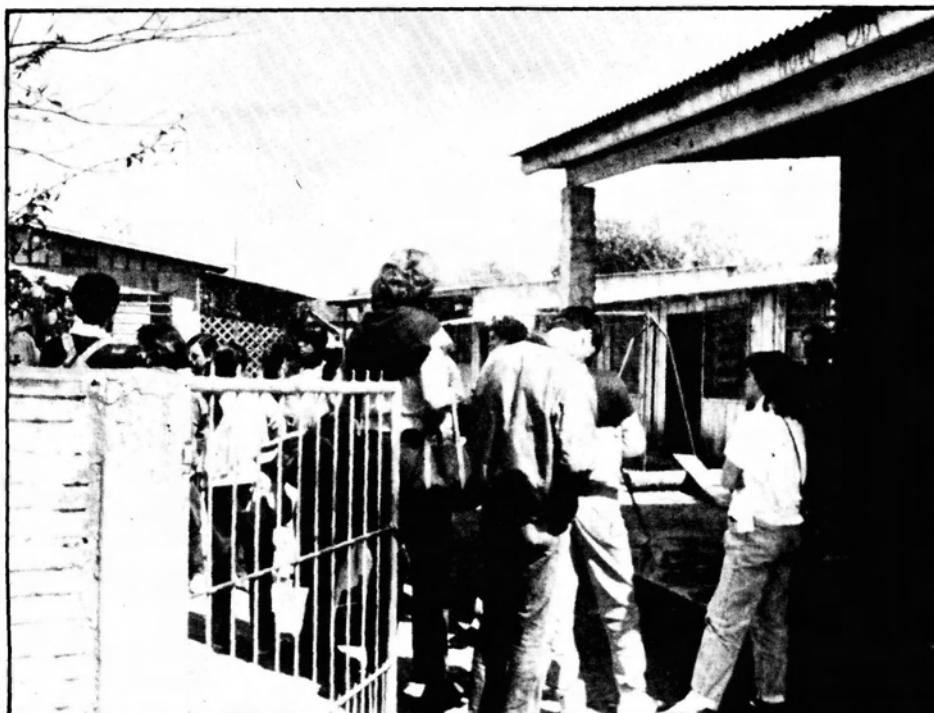
A partir desses serviços aconteceu o trabalho de conscientização. A vitória mais recente, na época da visita, foi obtida pela união e luta da população. A paróquia luterana, a Comissão de Direitos Humanos de Alvorada, quatro associações de moradores, a comunidade da capela católica e outras entidades conquistaram nove mil e seiscentas passagens escola-

res gratuitas mensais para crianças que não conseguem matrícula na escola da vila e precisam deslocar-se para outras escolas. Muitas crianças deixavam de estudar por não terem como pagar as passagens. Com muita pressão, mobilizações e concentrações na Secretaria Estadual de Educação, foram obtidas estas passagens, garantindo o direito constitucional de ensino gratuito até a oitava série do primeiro grau.

Para 1986, as associações cadastraram mil crianças que não conseguiram vaga na escola da vila e se deslocavam até o centro. Isso implicou num aumento considerável do número de passagens a serem fornecidas pela Secretaria de Educação e Cultura. O objetivo era conseguir cerca de trinta mil passagens escolares gratuitas. Tal quantidade representava quase toda a verba orçada para o Estado sob esse título. A luta foi muito mais exigente. Organizados pelas associações, os moradores lotaram cinco ônibus e, com quase quatrocentas pessoas, postaram-se por muitas horas diante da secretaria de Porto Alegre. Foi uma tarde inteira em que as crianças, as mães e muitos casais ficaram de pé, parados, no meio da rua. A luta acabou sendo vitoriosa com as associações distribuindo e organizando a população para conquistar as passagens.

Essa luta é a fase intermediária de uma luta maior que é a reivindicação da construção de um colégio estadual na vila. A exigência das passagens gratuitas é parte da tática popular de obrigar o Estado a construir tal colégio.

O Centro Comunitário Piratini participou também, junto com outras entidades do movimento popular, da inauguração simbólica do Hospital de Alvorada. Uma concentração na frente da Prefeitura reuniu cerca de três



Visita ao Centro Comunitário Piratini, em Alvorada.



Residências de moradores
nas proximidades do Centro
Comunitário Piratini.

mil pessoas. Desta concentração partiu uma passeata que marchou, por alguns quilômetros, até o prédio do hospital. Nessa passeata participaram doentes da Fraternidade Cristã de Doentes, alguns paralíticos foram carregados pelo povo. Um time de futebol fardado e com sua escola de samba marcava a cadênciâa da marcha. Na frente do hospital, ainda fechado, armou-se um palanque e se fez a inauguração simbólica do hospital. O prédio e o equipamento já estavam instalados há mais de anos. Depois da passeata, mesmo em regime provisório, o atendimento de emergência do hospital foi aberto.

Vila Piratini

Visitamos a presidente da Associação dos Moradores da Vila Piratini. Dona Anita contou sobre a formação e criação da Associação. Inicialmente ela e mais quatro mulheres começaram a discutir a questão da creche inexistente no bairro. O grupo foi aumentando devagar, até que reuniram setenta moradores e criaram a diretoria provisória. Mesmo ainda em formação, a Associação solidificou-se na luta. A primeira vitória foram os abrigos construídos nas paradas de ônibus. Conquistou-se, com muita mobilização, a iluminação pública da rua principal da vila. Além de ser uma das associações que lideram a luta pelo hospital, pela escola e pelo esgoto na vila.

Nessa Associação nós chegamos de surpresa para a conversa com a Dona Anita. Ela disse ser uma pessoa muito envergonhada, muito calada, até quando começou a participar das lutas. Hoje ela diz se sentir muito mais segura e se sente capaz de enfrentar qualquer discussão com as autoridades.

Vila Campos Verdes

Trata-se de uma invasão, no entanto, é uma invasão completamente diferente de outras. Os terrenos são urbanizados, as casas possuem um certo padrão, as ruas têm esgoto local e pluvial, os terrenos estão demarcados, as ruas possuem calçadas para pedestres. A iluminação pública é boa. A sede da Associação, onde também funciona a creche que controlam, é uma construção espaçosa e bonita. Certamente é a vila mais organizada de Alvorada. O passado de suas lutas está registrado no nome das ruas que os moradores escolheram e, inclusive, colocaram em placas: Rua Povo Unido, Zumbi, Travessa Revolução, Liberdade, Vitória do Povo, 23 de Dezembro (data de fundação da Associação).

A vila surgiu num banhado e cresceu rapidamente. O primeiro movimento organizado pelo povo foi a luta pela água. Já no primeiro contato com as autoridades, reuniram quarenta e cinco mulheres e três homens. Hoje, as assembléias, quando algo importante está para ser decidido, reúnem até oitocentos moradores. A tática que aprenderam na luta é bem simples. Quando estão nos gabinetes dos buracratas do governo e não são logo bem recebidos, comunicam logo à autoridade: Ou o senhor vai explicar por que não nos atende na Assembléia da Vila ou a gente vem com a assembléia aqui para o senhor explicar! Não é uma fórmula mágica mas o pessoal diz que tem funcionado.

Outro fato que chamou nossa atenção é a capacidade que os moradores desenvolveram para jogar com o complicado processo social. Aprenderam a jogar órgão do governo estadual contra órgão do governo estadual, com os interesses da política municipal, com os interesses da própria construtora que possui um conjunto habitacional nas proximidades da vila. E sempre apostando na capacidade de pressão. Certa ocasião deu-se o seguinte "causo": uma comissão de moradores precisava ir a uma repartição pública em Porto Alegre e não tinha dinheiro para a passagem. Resolveram então invadir um ônibus que fazia a linha. E foi. Tiveram dificuldades apenas para invadir um ônibus para o retorno. De outra feita, como dizem, tratores da Prefeitura estavam entrando na vila com a intenção de derrubar os barracos. Rapidamente a vila foi alertada. As mulheres formaram um cordão de isolamente entre as máquinas e os barracos, colocaram-se bem mais na frente as mulheres grávidas e com nenê no colo. Assim que os tratores pararam, os moleques com estilingue completaram o serviço. Os tratoristas, debaixo das certeiras pedradas dos piás, fugiram e abandonaram as máquinas.

Um episódio com as igrejas é relembrado no encontro da diretoria da associação e o nosso grupo. Logo depois da conquista da terra apareceram várias igrejas que queriam lotes para construir seus templos. Embora as igrejas não tivessem participado das lutas, a diretoria reconhecia que o

povo era religioso e tinha direito a receber essa assistência religiosa. Na discussão do assunto, os moradores perceberam que se cada igreja ficasse com um lote, iria faltar espaço para os moradores. A decisão foi simples. A Associação sugeriu a construção de um prédio único, onde todas as igrejas pudessem desenvolver seus trabalhos e cultos. Não foi aceita a sugestão, pois os católicos e os crentes não aceitaram o "batuque" (umbanda). Resultado a vila permanece sem nenhuma igreja.

A luta atual é pela permanência na área, tentando conseguir o máximo de benefícios com o mínimo de pagamento à COHAB. Participaram de todas as lutas mais gerais do município também.

CAPÍTULO V

Terceiro passo da caminhada: aprendizado e desafios

TERCEIRO SEMINÁRIO



Em plenário: permuta de experiências vividas pelos participantes.

INTRODUÇÃO

O Terceiro Seminário, encerrando um processo iniciado em junho (22 a 24 de novembro), tenta chegar a alguns acordos práticos no campo da pastoral. Partindo, neste momento, dos recursos dos próprios participantes, tentou-se elaborar um plano de ação. Houve todo um processo de discussão que irá desaguar na DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS BÁSICOS, cujo texto foi encaminhado para uma reunião das autoridades eclesiásticas, discutido, avaliado e assumido como orientação pastoral das Igrejas envolvidas.

PAINEL DE ABERTURA

No painel de abertura participaram o bispo Isaac Aço e o Rev. Luís Osório, representando o bispo Gastal.

No entender do bispo metodista, os seminários estão fazendo circular uma proposta que "vai abrindo possibilidades" dentro das Igrejas. Fazendo em nome das autoridades das três denominações, avalia que os bispos querem "ser porta-vozes desta proposta dentro das Igrejas". O terceiro seminário deve basear-se em três questões:

- a) Constatção de que as igrejas já estão presentes na periferia. "Já entramos nesse mundo". Este é o primeiro passo. "Mas temos que ir adiante, entendendo o que já fizemos, ouvindo o povo que já temos reunido."
- b) O desafio para este seminário, em sua opinião, é "aperfeiçoar o que já existe e ampliar este trabalho". "As Igrejas, suas direções, gostariam que vocês as desafiassem com desafios concretos, motivações, projetos" para essa atuação.
- c) O trabalho conjunto é outra base da proposta. "As Igrejas não querem dizer o que fazer. Queremos ouvir esses desafios, trabalhá-los e levá-los para nossas igrejas."

O Rev. Luís destacou a confiança do bispo Gastal no nosso trabalho, ao indicá-lo para que o representasse no Seminário. "Sua ausência é um sinal da sua confiança." Acredita o reverendo que o bispo metodista conseguiu sintetizar de forma clara o pensamento dos dirigentes eclesiás que se reuniram com a coordenação dos seminários no dia anterior.

Após estas colocações foram abertos os debates. As colocações e opiniões concentraram-se na relação entre os seminários e as Igrejas. Manifestou-se um certo descontentamento de parte do grupo com suas denominações. Em resumo o debate propôs a questão: "O que fazer com nossas igrejas numa pastoral de periferia."

Tentando apontar pistas para esta cruciante pergunta, o bispo Aço entende que existam "três realidades diferentes que exigem aproximações diferentes da proposta de pastoral de periferia". São elas:

a) As pessoas que se estão colocando em disponibilidade para este trabalho, inclusive, aumentam em número. É necessário encontrar canais adequados e eficazes para essa força que surge.

b) As comunidades tradicionais da igreja ainda, avalia, não acreditam na proposta. As direções eclesiás "têm quebrado o pau" até onde é possível. "Talvez o melhor seja ir fazendo o trabalho e levando o resto da comunidade meio a reboque."

c) As direções que estão tentando "dar uma força ao trabalho popular. Como nem sempre esse apoio depende dos bispos, as forças conservadoras estão com peso. Mesmo assim a periferia nos está forçando a tomar decisões que antes não tomávamos".

O Secretário Geral do CEDI, Rev. Zwinglio, entende que nas Igrejas Evangélicas, está ocorrendo "um processo de mudança. Esta nova forma de ser Igreja é muito complicada e difícil. Nos Evangelhos, nós temos muito mais ações do que pregações. Nas nossas tradições, especialmente na minha, nós falamos mais do que fazemos. Um discurso pode provocar reações e não transformar nada". Entende que nossa proposta nunca vai ganhar o apoio "a priori". Às vezes, ingenuamente, conforme ele, "cobramos um apoio, mas não temos condições de sustentá-lo". Lembra que os movimentos que mudaram a Igreja sempre foram de gente pobre, pequena e pouca, "mas que sabiam atuar em momentos especiais da história".

POSSIBILIDADES DA PASTORAL ECUMÊNICA DE PERIFERIA

Uma tempestade de idéias foi o primeiro trabalho coletivo do grupo. Trabalhamos, em plenária, sobre as questões:

a) Fazendo uma avaliação do trabalho, quais as possibilidades de atuação da Pastoral Ecumênica de Periferia?

- Já existe um trabalho de assistência e de evangelização. É preciso considerar as áreas em que já se fez alguma coisa e aquelas em que há tudo por fazer. A Pastoral Ecumênica de Periferia (PEP), por reunir três Igrejas tem mais força para fazer esse trabalho.

- Promover um Encontro de Vileiros "Evangélicos", reunindo o povo envolvido pelas nossas pastorais – sugestão de local: Santo Operário.

- Organizar os setores populares alegados pelo trabalho da Igreja para atuarem na Federação Rio-Grandense de Associações Comunitárias e de Amigos de Bairro (FRACAB).

- Incentivar Programa de Reforço Escolar, uma espécie de "professor particular não remunerado".

- Procurar atuar na Educação Popular, a partir dos recursos que a PEP já dispõe, através de Associações de Moradores.

- Criar pequenos núcleos para reflexão das necessidades. Exemplo disso: grupos de estudo bíblico, de famílias (celebrações de Natal...) cursos, área de saúde...

- Programa de Treinamento de Líderes Comunitários.
- Encontro programado por mulheres que estão atuando em associações.
- Promover uma reunião com diretores e pessoas que trabalham em instituições de assistência social das Igrejas.
- Promover a catequese de adultos e evangelização de base, um meio para isso são os grupos de oração.
- Refletir sobre a Constituinte. A Pastoral precisa trabalhar com as questões gerais da sociedade. Isso também pertence ao Senhor Jesus. Além disso tentar influenciá-la.
- Formação e informação política.

b) Identifique a maior necessidade do seu trabalho.

- Reside na falta de formação de mais agentes, na inexistência de uma estrutura de comunicação e de alternativas de financiamento (falta de autonomia).
- Enfrentar a questão da segurança (policimento, criminalidade, violência policial e dos marginais) a nível de base.
- Falta de divulgação de propostas e do programa da Pastoral de Periferia.
- Cursos de formação específica e aprofundamento para agentes já inseridos no trabalho. Falta assessoria.
- Uma "boa" formação cristã de crianças.
- Voluntários para o trabalho de educação popular.
- Apoio da comunidade de fé local ao trabalho. A solução pode estar na criação de núcleos locais de ecumenismo, a exemplo de Canoas.

O cantar comum anima a caminhada.



- Uma grande necessidade é abrir nossas cabeças, coração e espírito e saber perguntar ao povo. Uma favela, uma vila, não são problemas, são a solução popular do problema habitacional. Nossa ação é de reforço e assessoria. O povo sabe das suas necessidades, precisamos ouvi-lo.

- Conscientização para a necessidade do trabalho em grupo.

- Paciência histórica. A busca de um certo equilíbrio entre a pressa (dirigismo) e a resignação (basísmo).

c) Quais as dificuldades do trabalho na Pastoral de Periferia?

- Financeira.

- Dispersão do grupo.

- Dificuldade de relacionamento ecumênico.

- Clericalismo presente inclusive nos leigos, que assumem a posição de "protestantes" que olham o mundo de cima, o olhar do salvo para o perdido, do certo para o errado.

- Recursos humanos e falta de espaço físico, não só em termos de quantidade, mas de qualidade. Falta de inserção com o povo.



Grupo de discussões.

Rev. Zwinglio Dias,
secretário geral do CEDI,
preside a celebração
eucarística.

A Palavra, o Pão, o Vinho –
forças novas para a Missão.



- Falta de apoio, não dos bispos, mas da estrutura eclesial, especialmente da “santa direita”. Há resistência à proposta da PEP.
- Não tenho acesso a material didático para este trabalho.
- Falta de paciência e conhecimento psicológico.
- Falta de criatividade política para explorar os recursos existentes.
- Humildade. “Nós temos o saber, vamos passá-lo ao povo”. Qual é o saber popular?
- Há falta de união entre o povo para que possa mostrar suas potencialidades.
- Falta de entrosamento das organizações populares com as autoridades constituídas.

FOCOS ESSENCIAIS DA AÇÃO

- a) Todo o processo ecumênico que experimentamos é um **aprendizado de colaboração**. Este aprendizado, por sua vez, deve observar algumas premissas: deve-se dar a partir do que já existe e, por isso, envolver os paroquianos das igrejas locais; deve ser feito em vilas populares e ser construído em cima de atividades concretas. Esse é o foco essencial da experiência de São Leopoldo e Alvorada.
- b) Outro foco, pertinente a quase todas as experiências, é a formação e educação de agentes.
- c) Na Pastoral de Periferia é imprescindível a leitura da Bíblia a nível popular, que exige dos envolvidos bastante conhecimento exegético e teológico. Interpretação da Bíblia com o povo é tarefa extremamente difícil, mas é também gratificante. Esse é um foco da experiência de Canoas, além do trabalho concreto de formação e colocação para o trabalho.
- d) Outra experiência pertinente aos grupos metodistas, em especial, é a Pastoral do Menor, que busca, inclusive, articular-se com entidades e instituições desta área.

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS BÁSICOS

Três Seminários de Pastoral de Periferia, promovidos pela Igreja Episcopal do Brasil (Diocese Meridional), pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (4^a Região Eclesiástica) e Igreja Metodista (2^a Região Eclesiástica) assessoradas pelo Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

A Opção do Deus da Bíblia pelos Pobres

É central em nossa fé, o culto ao verdadeiro Deus. No Antigo Testamento este culto é celebrado na lembrança da derrota do poderoso Faraó e na libertação de escravos (Dt 26.1-11). Os primeiros cristãos, na celebração

da Ceia do Senhor, lembravam o crucificado pela opressão dos dominantes nacionais em conspiração com o Império Romano (1Co 11.23-27; Mc 14 e 15). Os Pais da Igreja insistem nessa lembrança ao formularem o Credo Apostólico): "morto sob o poder".

É central em nossa fé, a revelação de Deus em Jesus Cristo. Os Evangelhos testemunham a sua encarnação na vila de Belém, subúrbio da capital; sua convivência com os pobres na vila de Nazaré e seu ministério desenvolveram-se preferencialmente entre os pobres na periférica e revolvida Galiléia.

Nossas Experiências como Igrejas de Cristo entre os Pobres

O Ecumenismo

Com intensa fé temos visto a força ecumênica que brota desta Igreja. Confessamos receber a Graça do dom do Pai, invocado por Jesus: "a fim de que todos sejam um" (Jo 17.21). Em muitas periferias o ecumenismo é uma necessidade da luta popular para viver melhor.

Descobertas

Nossas descobertas pela humilhação do povo: o povo constrói a unidade popular na luta e ação concretas, não aceita divisões artificiais. É uma lição para nós a força deste povo, em meio à sociedade individualizante e anticomunitária. Essa unidade acontece também na forma popular de viver a religiosidade e expressar a fé.

Temos descoberto que a humilhação sofrida deixa cicatrizes. Vemos no povo, cicatrizes de derrotas, de angústia e desânimo: e opressão de irmão pobre contra pobre.

Nossas descobertas pela humilhação de Deus: vemos futuro para a Igreja na ação missionária, no testemunho público e na celebração conjunta. Deus tem sido humilhado pela nossa divisão, mas, misericordioso, nos tem abençoado no esforço pela unidade.

Vemos Deus humilhado quando estruturas eclesiásias e clérigos arrancam a Bíblia das mãos do povo. Apesar disso, temos aprendido que a leitura popular da Bíblia, entre a comunidade organizada e engajada, mostra a força do Espírito iluminando a fé e a vida. Temos nos alegrado com as estruturas eclesiásias e clérigos que buscam iluminar-se neste Espírito.

Desafios

O povo nos desafia, como cristãos engajados na causa popular, a denunciar as causas da opressão. Como profetas, que conhecem a profundidade da opressão, a vontade de Deus expressando-se no meio da opressão, nos inserimos na sociedade ao lado dos oprimidos. Este desafio é permanente.

Entendemos que a dívida externa, a ingerência do Fundo Monetário Internacional, são os maiores responsáveis pela crise econômica que, de forma impessoal, mata o povo de fome.

A má distribuição da terra, o desemprego, a insegurança social, a concentração do capital, a desvalorização do trabalho, entre outros males, clamam justiça aos céus e destroem o povo.

Nossa proposta ao desafio popular é o diálogo: ouvindo o povo (de todas as formas) e falando-lhe com humildade e sabedoria de quem se sabe enviado.

Deus nos desafia

- Diante de nossas igrejas:

Que busquemos maior coerência entre pregação e prática.

Que busquemos democratizar a pregação.

Que expressemos na liturgia as formas populares de louvar a Deus.

- Diante da política e da economia:

Que busquemos fortalecer o exercício pleno da cidadania, lutando pelos direitos materiais da cidadania: moradia, educação, alimentação, previdência, emprego. Pelos direitos legais: liberdade de manifestação de pensamento, de livre organização política e sindical, de efetiva participação e controle dos órgãos públicos.

- Diante da ideologia dominante:

Que tenhamos capacitação para perceber suas influências anticristãs em nós mesmos, no povo, nas igrejas, na sociedade.

Que saibamos buscar formas coletivas de combater más influências. Esse processo contra-ideológico acontece na luta pela transformação da sociedade.

Nossos Compromissos Concretos com a Libertação do Povo

Somos poucos, fracos, dispersos, desunidos, orgulhosos. Reconhecemos, com gratidão, a misericórdia de Deus. Perdoados por ele podemos mudar de vida. Por isso declaramos como nosso compromisso específico:

- Trabalhar com a comunidade episcopal e luterana de São Leopoldo (Bairro Feitoria).
- Trabalhar com as comunidades luterana, metodista e episcopal de Canoas.
- Motivar iniciativas de apoio mútuo entre as Igrejas locais, a partir do trabalho de base da Igreja Metodista em Uruguaiana.
- Iniciar os contatos locais para Viamão e Pelotas.
- Propor um Encontro em Santa Maria entre as três Igrejas, para estudo da viabilidade de um trabalho comum.
- Mencionar, com ousadia, a disposição de iniciarmos um trabalho ecumônico de periferia em Porto Alegre onde não haja nenhum.

Como compromisso ecumênico, reconhecemos que saímos fortalecidos dos seminários. Buscaremos mantê-los como fórum de reflexão e auto-critica permanente.

Como tarefas, vislumbramos para:

- Núcleo Sul do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI: Incentivar e oferecer condições para o intercâmbio entre as comunidades populares.

Detectar necessidades nos trabalhos e encaminhar soluções possíveis: cursos, assessorias, formação de agentes, consultorias, publicações.

Organizar um fichário de assessores e entidades especializadas.

Ampliar a divulgação, troca de informações, através da Circular Interna do Núcleo "Mas Bäh, Tchê!".

- Do Centro Ecumênico (CEDI) se espera que continue prestando assessoria técnica e teológica aos trabalhos da Pastoral Ecumênica de Periferia.

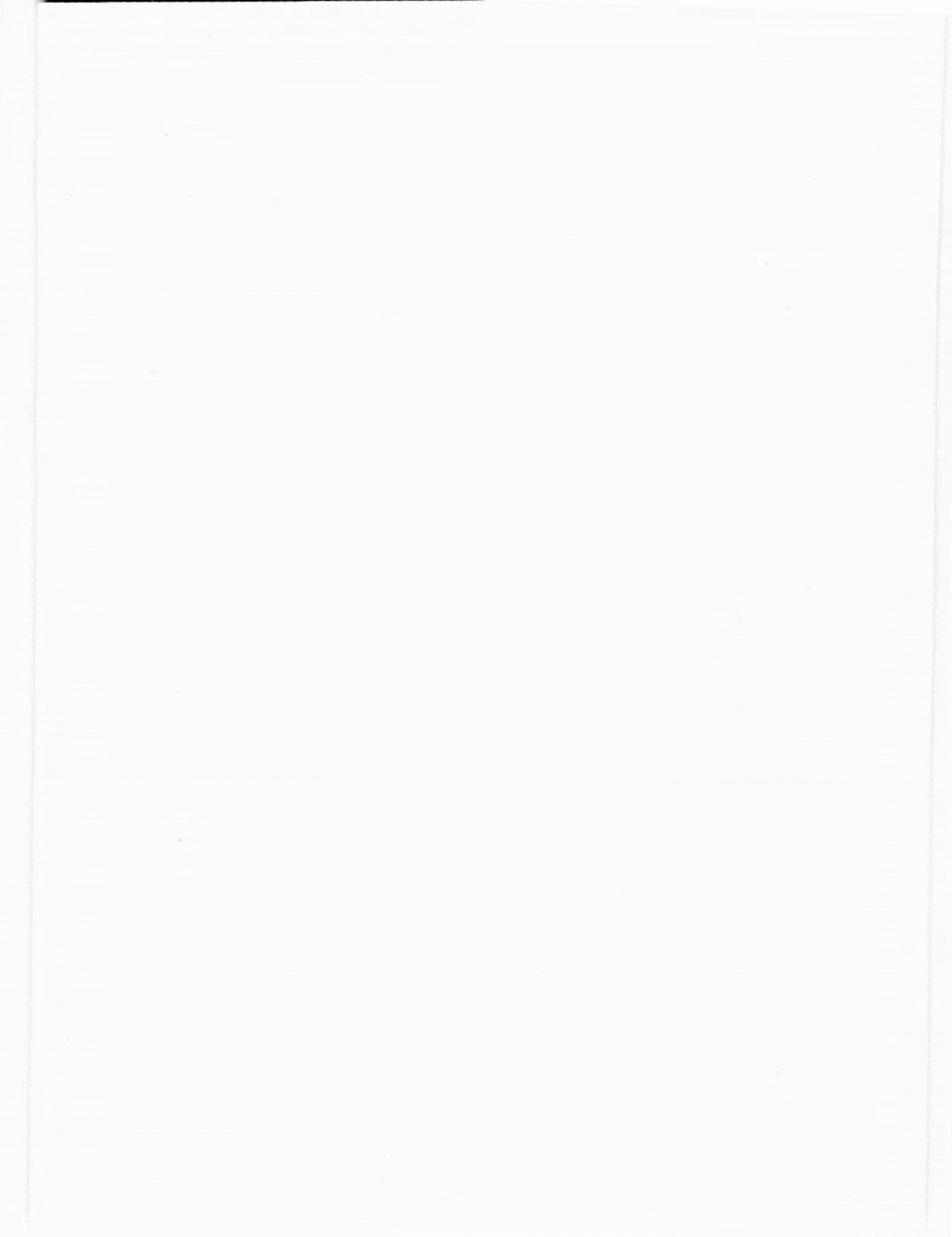
• Autoridades Eclesiásticas:

Acompanhamento concreto aos trabalhos da Pastoral Ecumênica de Periferia.

Reconhecimento do Núcleo Sul (CEDI) ou dos trabalhos específicos como locais de estágio dos estudantes de teologia das denominações.

Apóio aos leigos que se envolvem no trabalho.

Agenciamento de fundos e recursos para projetos específicos da Pastoral Ecumênica de Periferia, bem como a fiscalização.



CAPÍTULO VI

E agora? Avaliações



Centro Comunitário Piratini, trabalho da Igreja Luterana (IECLB).

DO NÚCLEO SUL (PASTORAL PROTESTANTE – CEDI)

Práticas Locais

Terminada esta parte do projeto, resta-nos a riqueza da prática.

Em São Leopoldo (40 km de P. Alegre), há uma tradição ecumênica entre os clérigos. Isso facilita ainda mais a aproximação entre as bases das igrejas. Também há uma inserção da pastoral das igrejas protestantes na periferia com uma perspectiva, no mínimo, de abertura para a pastoral popular. Vila Antônio Leite, Buraco da Fumaça, Vila Campina e Bairro Feitoria, são algumas. O grupo reunido nos seminários pretende facilitar o encontro entre as comunidades eclesiais. Num prazo adequado, pretende envolver as comunidades já estruturadas em trabalhos pastorais alternativos, não excluindo os já mantidos.

Em Canoas (25 km de P. Alegre), de tradição operária arraigada, o grupo ecumônico nascido nos seminários ampliou-se e hoje reúne um número razoável de leigos e clero. As comunidades estão buscando cooperar umas com as outras nas suas atividades assistenciais e educacionais. O grupo se preocupa especialmente, com a conscientização dos pobres através da leitura comunitária da Bíblia. Para tanto, planejaram e estão organizando um curso de leitura popular da Bíblia. Um curso bastante extenso e que visará formar lideranças populares para grupos de reflexão bíblica e ação ecumênica.

Em Viamão (10 km de P. Alegre), o trabalho ecumônico é anterior aos seminários. Pessoas ligadas à pastoral católica, episcopal, luterana (IELB e IECLB), metodista e lideranças comunitárias constituíram-se num Serviço de Orientação para a Vida (SOVIDA). Sua proposta de ação é oferecer um espaço para a fala do povo. Mantém-se pelo trabalho voluntário, sem ter nenhuma estrutura. Na fase atual visam estruturar-se e enraizar suas ações nas cento e cinqüenta e sete vilas do município.

Em Porto Alegre a proposta floresce com mais vigor entre os grupos de jovens. Em eventos ecumênicos de testemunho profético – como a questão da Reforma Agrária e o Racismo – a presença dos jovens é constante. Assessorada pelo Núcleo Sul, a liderança desse grupo em comunhão com suas lideranças denominacionais, busca a formação de quadros para o trabalho pastoral jovem de suas denominações. Reunidos em seminários, procuram aprofundar seu conhecimento da realidade, sua colaboração ecumênica e seu compromisso com a Palavra de Deus.

Na riqueza destas e outras práticas, vemos sinais da bondade e graça de Deus, mas também vivemos alguns sofrimentos.

Responsabilidades do Núcleo Sul

Já de há muito, aqui no Sul, está superada a fase de aproximação entre as Igrejas. Já aprendemos a nos amar. Faz-nos falta praticar ainda mais profundamente este amor, na prática diária do testemunho pastoral. Um dos resultados evidentes dos seminários foi a enorme receptividade dos agentes das Igrejas para a proposta pastoral ecumênica. Não há muito a discutir, mas tudo ainda por fazer. Essa situação é bastante dialética: de um lado a alegria de superarmos impasses históricos de retraimento das denominações, por outro a falta de concretizações práticas imediatas para a unidade já atingida.

O Núcleo Sul sente-se como alguém que, tendo “cutucado a onça com vara curta”, não tem pernas suficientemente fortes para fugir do bote do felino. Criou-se uma expectativa muito forte, entre os agentes de pastoral, de que chegara o momento do trabalho de base concreto e ecumônico. O problema – as pernas fracas – reside no simples fato de que o Núcleo Sul da Assessoria à Pastoral Protestante não possui pastoral alguma, nem função pastoral. A pastoral pertence exclusivamente às Igrejas. De outro lado, as Igrejas já operam com déficits e estão nos limites de suas forças pastorais, não tendo condições de criar a infra-estrutura necessária – em pessoal e equipamento – para avançar mais além do que já avançaram.

Acreditamos que essa contradição possa ser superada pela prática coletiva das pastorais. Também temos a clareza de que jogar tudo para as bases, jogar toda a esperança exclusivamente na prática imediata não é uma atitude fraterna. O Núcleo Sul deve empenhar-se muito mais, em conjunto com os representantes oficiais das Igrejas, com as autoridades eclesiásticas, com a Pastoral Protestante Nacional, e com os agentes de base da pastoral. Juntos teremos que descascar essa cebola, custem as lágrimas que custarem.

Como coordenar o fluxo de propostas e idéias que foram e estão surgindo? Como facilitar a prática das bases? Como colocar o povo de periferia no centro da pastoral a que nos propomos? Como envolver mais os agentes de base? Como, afinal, transformar os Princípios Básicos em realidade?

É fundamental, em nossa experiência, a relação com as direções das Igrejas. Nos momentos em que conflitos afloraram, manteve-se a fraternidade da crítica recíproca e evangélica. Devemos esclarecer que os seminários foram criados por si mesmos, pelos participantes, pelas igrejas. Autoridades eclesiásticas e o Núcleo mantiveram-se na postura de serviço cristão. Pela experiência positiva, a prática da Pastoral Ecumênica de Periferia deve manter e amplia a fraternidade recebida e vivida já entre as direções eclesiás.

Descobrimos que a Pastoral Protestante, no Sul, não está alheia em relação à periferia. Já existia – mesmo que sem divulgação – uma forte presença evangélica na periferia, sustentada pela perspectiva libertadora e popular do Evangelho.

Há também uma posição teológica comum às pastorais já existentes, de grande relevância política. As organizações populares não são instrumentos da pastoral popular, antes, exatamente o contrário. As organizações populares são o lugar central da ação libertadora dos cidadãos marginalizados. À pastoral cumpre assessorar os cristãos que dentro destas organizações praticam sua fé e exercitam sua cidadania. A total independência dos movimentos e organizações populares é defendida, em teologia e prática, pelas pastorais. Esta é uma perspectiva tipicamente evangélica: o serviço, a doação, a gratuidade da fé.

O Núcleo Sul da Pastoral Protestante (CEDI) compõe-se de pastores ligados ao trabalho paroquial, ao trabalho em serviços eclesiais, e leigos indicados pelas direções das Igrejas, em constante diálogo e ação conjunta. Nestes dias vivemos nosso maior desafio. Cumpre a todos os que acreditamos nesta proposta, manter de pé a bandeira da Pastoral Ecumônica de Periferia. Nossa tradição eclesiástica valoriza a decisão de manter a bandeira, mesmo quando tudo parece derrotá-la. Nossa tradição gauchesca valoriza a decisão das pessoas que a empunham com coragem.

À peleia, tchê!

DO PASTOR KIRCHHEIM

Humbero Kirchheim é o Pastor Regional da Quarta Região Eclesiástica da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

O Documento, "Princípios Básicos da Pastoral Ecumônica de Periferia", em primeiro lugar, abriu portas para que possamos iniciar uma caminhada para o futuro. Essa caminhada, conforme o documento, aterrissa no chão e anima as próprias confissões a assumirem com responsabilidade o seu papel e sua missão na realidade da metrópole e seus problemas.

A proposta ecumônica do documento, em segundo lugar, é reforçada e fundamentada na realidade social, econômica, política, enfim, no contexto social em que vive o povo, nas suas necessidades prementes. A partir daí nasce a compreensão teológica de que o Evangelho deve-se encarnar na vida do povo. O ecumenismo, na prática, sempre tem essa dimensão: nasce a partir do chão, da base.

Eu penso que esse primeiro documento, a própria experiência dos seminários, abre as portas para caminharmos. A grande dificuldade – por sua vez, a grande possibilidade da proposta – é a realização na prática. Sob o ponto de vista teológico e pastoral, como traduzir o documento na prática? Este é o desafio e a grande perspectiva.

Na Quarta Região Eclesiástica da Igreja Luterana (IECLB), os seminários e o documento auxiliaram e motivaram, ao lado de outros impulsos, um grupo de pastores a trabalharem a questão da pastoral urbana. O seminário ajudou a animar esta iniciativa interna. Acredito que tal iniciativa

seja fundamental para que possamos avançar outros passos. É necessário que as Igrejas aprofundem internamente sua teologia e prática, para poderem contribuir com mais vigor na Pastoral Ecumênica de Periferia.

Outra perspectiva importante é a unidade. As igrejas não precisam apresentar-se diante do povo como divididas. Elas podem-se apresentar de forma unida, em cima de aspectos teológicos, confessionais e pastorais. Essa unidade também se faz em cima de um posicionamento unitário diante da realidade em que sobrevive o povo. Essa característica nova e ecumênica, nos dá maior credibilidade para o testemunho, e autoridade para a denúncia evangélica.

O grande desafio permanece sendo: como viabilizar na prática uma pastoral genuinamente ecumênica de periferia?

DO BISPO ISAAC

Isaac Aço é bispo da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista

Eu diria que o Documento "Princípios Básicos da Pastoral de Periferia" foi mais um passo na conscientização que estamos buscando. Serviu para interessar a Igreja com a população periférica.

O documento não está esgotado. É um documento que está sendo trabalhado e cujos efeitos se somam a outras tentativas de avivar o interesse e motivar a essa ação.

A Igreja Metodista não tem uma longa experiência. O que está sendo feito, de certa forma, é novo para nós. Por um lado nós não desejamos implantar nas periferias uma Igreja padronizada porque quando se fala em periferia, se fala numa diversidade de situações. Por exemplo: favela, bairro de operários de renda muito baixa, ou em todo um município como é o caso de Viamão, que engloba todos esses aspectos e outros mais.

Desejamos, então, encontrar um tipo de igreja que seja adequada a cada grupo. Uma comunidade que encontre as suas próprias estruturas e a sua maneira de servir.

Por outro lado entendemos que nessas realidades o serviço e a evangelização têm que andar juntos, evitando proselitismo. Aí, então, a realidade que se abre é nova, pois estamos acostumados a lidar com comunidades específicas, identificadas confessionalmente. A perspectiva é, então, como aprender a lidar com a novidade.

Fica ainda para se trabalhar em conjunto. É uma questão aberta, e que, a meu ver, nós temos que superar um certo teorismo e, de fato, encontrarmos uma situação de exigência prática, na qual as diversas Igrejas entramos com risco, mas também com esperança.

DO BISPO CLÁUDIO

Cláudio Vinícius de Senna Gastal é bispo da Diocese Meridional da Igreja Episcopal do Brasil.

Acredito ser ainda um pouco cedo para avaliarmos todas as implicações da Declaração de Princípios Básicos da Pastoral de Periferia para nossa Igreja. Todavia, acredito que todos os três signatários, representando suas regiões diocesanas, sentiram a necessidade de consolidar em um único documento os elementos básicos que foram sendo elaborados no decorrer de ações e reflexões conjuntas realizadas por nossas denominações e assessoradas pelo Programa de Assessoria à Pastoral Protestante (CEDI).

De uns tempos para cá, o acúmulo de experiências, a expansão do trabalho e, sobretudo os desafios crescentes desta Pastoral Ecumênica de Periferia nos mostram a necessidade e a oportunidade de entregar a todo o povo da Igreja o presente documento.

Desejamos ajudar a descobrir Jesus Cristo na vida e nos fatos, e a levar a mensagem de Justiça, Esperança, Morte e Ressurreição aos privilegiados de Deus, os marginalizados de nossa sociedade. Com isto demonstramos o significado da fé em sua luta pela libertação. Cristo está presente em todos os acontecimentos, desafiando e mostrando-nos que só verdadeiramente engajados estaremos vivendo a morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

Estamos verificando que somente agindo e caminhando num programa de pastoral conjunta é que podemos mudar as coisas ruins e pecaminosas.

No que diz respeito às perspectivas para o futuro, podemos acrescentar que esta dimensão de pastoral ecumênica irá exigir, cada vez mais, de todos nós, cristãos, um ato de coragem e dedicação renovadas. A ausência de disponibilidade, pode levar-nos ao imobilismo ou acomodação frente a tão grandes problemas.

A Igreja deve criar novas atitudes de vida, por entre acertos e erros. Só uma Igreja comprometida terá poder de evangelizar com seu exemplo, coragem e esperança.

O futuro da pastoral de periferia estará na plena execução das forças vivas de cada uma de nossas comunidades eclesiais.

CAPÍTULO VII

Aprendendo com o povo pobre

ENTREVISTAS



Associação de Moradores da Vila Antônio Leite.

PRIMEIRO SEMINÁRIO

Dilco Fernandes Goulart, seminarista da Igreja Anglicana (Porto Alegre), advogado, economista e bacharel em administração pública. Exerce atividades profissionais, faz assessoria a vinte e quatro prefeitos da região. Participa do trabalho da Igreja Anglicana, numa paróquia em Canoas, com orientação do Rev. Elias Vergara, um dos coordenadores do Núcleo da Pastoral Protestante do CEDI, no Sul.

Qual foi a sua motivação para vir a este Seminário?

Vim, por se tratar especificamente daquele trabalho que nós estamos desenvolvendo na periferia, nos bairros de Canoas. Eu vim com aquela expectativa de assistir a um trabalho que viesse realmente ao encontro daquilo que nós estamos fazendo lá. Quando se iniciou o Seminário, eu estava um pouco desanimado, porque não gosto muito de monólogo, sou mais do debate, sou muito contestador, porque contestando, justificando aquilo por que a gente contesta tira-se algo de positivo, e de real para a vida da gente. E quanto ao Seminário eu acho que foi de um valor extraordinário para o nosso trabalho, especialmente no que tange às questões da situação política real, econômica, financeira, social do nosso País. Realmente é isso que a Igreja precisa. Precisa desencastelar-se, sair das quatro paredes de igreja e ir a esses locais, como bairros, periferias, favelas, procurar essa gente, procurar ver neles aquelas necessidades reais que eles têm. A Igreja não deve impor as suas idéias, ela deve ouvir e orientá-los, ajudá-los a perseguir aquela caminhada que o povo deseja. Nos bairros, onde trabalhamos, falta água, luz. Não somos nós que despertamos essas necessidades, nós orientamos esse povo na sua caminhada, como é que eles devem exigir aquelas necessidades básicas, porque é um direito que todos têm como criaturas humanas, como filhos de Deus, criados à imagem e semelhança do Criador. Nós apenas somos um agente motivador daquelas necessidades do povo, e que esse povo procure a sua realização total, pessoal.

Quanto ao debate sobre Constituinte, é aí que está a solução para se suprirem essas necessidades do povo. É conscientizando-nos, como pessoas de Igrejas, conscientizando este povo na luta por uma Constituinte que parte das bases e não de cima, porque numa Constituinte real e verdadeira, nós teremos 90% de todos os problemas sociais e políticos da nossa pátria sanados. Dentro dessa análise dos problemas sociais, estaremos marcando aquele grande passo para a caminhada do povo de Deus através das Igrejas Cristãs.

Saio deste Encontro satisfeito, quase totalmente realizado. Aqui me encontrei com outros. Juntos sofremos lutando contra a ditadura que se instalou em 64. Saio plenamente satisfeito, e acho que dentro desta caminhada, nós todos juntos, luteranos, metodistas, anglicanos, vamos ajudar o projeto do povo de Deus, e aquilo a que nós nos propomos servir.

Joaquim Prestes, residente na Vila Antônio Leite, e pertence à Igreja Luterana (IECLB) de Antônio Leite.

Quais foram os motivos que o trouxeram ao Seminário?

Vim aqui com o fim de instrução básica porque a gente também se interessa, um pouco de curiosidade, em aprender e descobrir o que não sabe. E viemos aqui com o pastor Machadinho, meu irmão Wilson Prestes, minha cunhada Erica Prestes e mais a noiva do pastor Machadinho. Estou achando muito lindo, e muito aproveitada a disputa dos planos, e o que o pessoal lhe parece bem. Gostei muito e acho que se tiver mais alguém, e eu for convidado, venho novamente.

O senhor acha que é possível que dentro de algum tempo as Igrejas venham a fazer um trabalho em conjunto nas periferias?

Nas periferias das cidades, as igrejas em conjunto terão muito mais sucesso, porque a nossa união é tudo neste mundo, nada se faz solito, quanto mais adepto numa religião, mais se resolve, elas unidas em conjunto, muito mais se resolve dos problemas de interesse público e religioso. Eu creio que avançaria mais tanto no progresso social como no religioso.

Wilson Prestes, morador da Vila Antônio Leite, pertence à Igreja Luterana (IECLB).

Fale-nos das razões que o levaram a participar deste Seminário.

Estou acostumado a vir a encontros, já vim a cinco para aproveitar das palavras que surgem nos grupos. É muito bom. Eu gosto muito de assistir. De um parte eu acho que todas as Igrejas deveriam se unir, deveria ser uma só religião. Podiam ter diversos nomes, mas tinha que ser uma só, trabalhar juntos. As igrejas dos crentes não querem se juntar a nós, que somos unidos com evangélicos, luteranos, e católicos. É como aqui que estamos todos unidos, tudo bom. É um encontro muito aberto, eu posso falar, não tenho vergonha de ninguém. Na nossa Vila temos um jeito muito unido, mais ou menos 60% unido, e o que vale é a união. Na Vila eu era vice mas o nosso presidente saiu e me deixou no lugar. Ele não podia ter paciência com o pessoal, ele queria uma coisa e o pessoal queria outra, ele sempre contra a comunidade, e eu contra ele e a favor da comunidade, porque a comunidade também sabe o que precisa, e o nosso projeto mais precisado que a gente precisa ele dava contra, daí nós achamos que ele tinha que sair e deixar a gente trabalhar.

Em termos de Igreja, este Encontro é importante, o senhor pode cuidar que o Deus do pessoal é o dinheiro, o senhor pense bem nisso que eu estou lhe dizendo, pode ser até igreja, se o senhor não tiver dinheiro... eu vou estudar porque se eu não estudar amanhã eu não vou ganhar tantos mil, então não está pensando, olha, eu vou ajudar o outro, eu vou trabalhar porque eu preciso me manter. Se o outro está pagando, então eu não vou lá, eu não naquela igreja porque está cobrando muito. Então o Deus dele é o dinheiro. Os governadores, os senadores nem é bom pensar, eles querem é saber do dinheiro.

Acha que o seminário está ajudando?

Pra mim, e acho que pra todo mundo, está ajudando muito, porque desde o primeiro que eu fui, em 83, me ajudou muito. Eu era da Igreja Cató-

lica, não nego, aí entrei na Luterana, e gosto muito, foi muito bom para mim, parece que eu estava numa caixa fechada, aí me liberaram. Aconteça o que acontecer eu estou sempre feliz. Hoje faz três meses que estou desempregado, estive quase dois meses aleijado sem poder levantar da cama, mas sempre com fé em Deus, sempre os evangélicos me ajudando, os estudantes, o pastor Machadinho me ajudando, e sempre com aquela fé. Aqui, no encontro, eu quase não podia aguentar de dor na perna, mas aguentei firme, porque é muito para mim, e sei que para todo mundo é bom, porque a gente traz alguma coisa de novo, e leva também para casa para avisar os outros. Isso eu acho que deve ter sempre, quanto mais encontro tiver mais a gente fica alerta, isso ajuda muito para o povo também, e para a Igreja também. Com esses Encontros das Igrejas a gente podia consertar muito o País, porque se a gente partir para os maiorais eles não querem isso, eles não aceitam isso, porque eles são donos do dinheiro.

Hugo da Igreja Episcopal.

Por que veio participar do Seminário?

Participei deste seminário acho que foi uma decisão tomada pelo CEDI, muito importante, realmente a Igreja precisa, é a única maneira de trabalhar unido para podermos vencer, e essa união tem que ser dirigida por alguém. Isso precisa ter no Brasil inteiro, para poder seguir uma união, estudando o que o Brasil enfrenta. As nossas comunidades estão tão massacradas, tão torturadas pelos próprios crimes que a própria igreja cometeu há milhares de anos. Esta nova reevangelização fica muito difícil se a Igreja não levar uma coisa nova, uma ocisa verdadeira.

A sua expectativa em relação ao seminário está sendo atendida?

Acredito que não tenha nada a dizer neste ponto. Acho que se saiu muito bem, todos falaram o que queriam falar. No outro seminário acho que deveria ser de estudo novamente, porque nós temos ainda muito que estudar sobre a evangelização na periferia. Eu senti, nos trabalhos em grupos, que o pessoal sente dificuldade de se aproximar dos pobres. Quando eles têm grandes problemas de participação, você leva a notícia a eles e eles ficam calados.

Aldemir Rodolfo da Cunha, Igreja Luterana (IECLB), paróquia de Canoas.

Sua opinião sobre o Seminário?

Eu senti falta no seminário de mais diálogo dos participantes, achei que foi dada pouca oportunidade para isso. Tinha pessoas que queriam dar a sua opinião e não houve oportunidade. Gostaria de sugerir, já que o próximo é de visitação, que, no Terceiro fosse possibilitado a gente falar o que não pôde falar agora, e também avaliar, a avaliação escrita não é suficiente, é bom a gente dialogar.

Noemi Bernardes da Silva da Igreja Luterana de Alvorada, Centro Co-munitário Piratini, dirigido pela pastora Ana Maria. Trabalha com a Fraternidade Cristã de doentes deficientes dirigida pelo pastor Ricardo. Também com crianças, com diversos serviços e alimentação.

O que você achou do Encontro?

Eu achei maravilhoso, pode ser que agora, com a força de todas as Igrejas, a gente pode dar um fim ao flagelo.

Você tem alguma sugestão?

De momento a gente tem tanta coisa boa que termina esquecendo a metade. Mas eu creio que no Segundo Encontro a gente já tenha boas resoluções, para fazer, para decidir, porque a união está sendo maravilhosa, a união faz a força.

TERCEIRO SEMINÁRIO

Jorge Wagner de Campos Freitas, 29 anos, de Uruguaiana, professor na Escola Dominical da Igreja Metodista e engajado num projeto de Menor Carente.

Como você veio “parar” neste Encontro?

No Primeiro Encontro, eu e alguns colegas da Igreja, fomos solicitados pelo pastor Jorge, idealizador do trabalho com menores. Ele acredita que a gente tem que se instrumentalizar um pouco mais para poder trabalhar. E a gente toma conhecimento de trabalhos, de idéias, e, dessa forma, conseguimos levar adiante o nosso trabalho.

Você podia falar um pouco mais da importância do Encontro, de por que você veio?

Quando a gente foi convidado, a gente não tinha noção do que iria encontrar aqui, mas quando a gente chegou e viu que era um clima de informação, de tornar sócios nessa empreitada, de caminharmos juntos, então, a partir daí, mudou a nossa perspectiva, porque uma Igreja só não tem a força de duas ou três unidas, mesmo sendo de denominações diferentes. A gente começou a sentir a experiência de cada Igreja, muitas até com experiências melhores que a Metodista, a qual está engatinhando nessa área, e, dessa forma, a gente foi descobrindo um mundo novo, começando com a união e sobretudo com essa vontade enorme de vencer.

Você tem alguma prática de periferia na sua vida, na sua comunidade? Qual o significado deste Encontro para a sua prática?

Primeiro seria bom colocar o seguinte: Quando eu fui convidado a trabalhar neste projeto de Menor Carente, eu era um pacato eletricista, pro-

essor de caráter que não tem nada a ver com a história de metodista trabalhando em periferia. O máximo de contato era como professor de Escola Dominical, não tinha nada que me levasse à periferia. Partindo deste ponto, é bastante difícil para alguém que não tem pique trabalhar, mas eu tinha vontade para isso. O Encontro, nas visitações que fizemos, nos mostrou algumas práticas que para nós aconteciam no papel. É de suma importância a gente ver, vivenciar a prática dessas pessoas, porque no local em que a gente está e não tem muita prática, a gente vai conseguir trabalhar de uma maneira melhor,clareando algumas idéias, pontos de vistas até então obscuros, isso vai nos dar a vivência, um pouco mais de pique para trabalhar com essas pessoas.

Que experiência você visitou? E da experiência que você visitou o que exatamente você acha que pode ajudar? Você pode dar alguns exemplos?

Eu fui à Vila Antônio Leite. Partimos de um princípio muito importante, que, pelo menos no lugar onde moro, não existe e que foi a vontade de trabalhar junto. A primeira impressão que tive, foi que as pessoas dessa Vila quando têm algum problema, se reúnem, discutem para tentar encontrar alguma solução. Segundo, a gente viu que elas encontram essas soluções e vão colocando cada vez mais em evidência a vontade de trabalhar juntos, como é a experiência de forno popular, um forno em que todos trabalham para conseguir obter o sustento, o pão necessário para a vida. Partindo dessas experiências, a gente vê que eles têm vontade de trabalhar e trabalham realmente em mutirão, como foi o caso da canalização da Vila.

Você podia falar mais da importância da Igreja nesse processo, da sua Igreja e daquela questão ecumênica de que você já começou a falar?

A Igreja se fundamenta no princípio cristão, princípio que faz com que as pessoas não se sintam sozinhas porque têm uma assistência espiritual. A Igreja deve caminhar junto a esses movimentos. Eles isolados se tornam como um corpo sem vida, algo como uma estátua de barro oca, o primeiro tombo que levar vira milhões de pedaços, e impossível de recuperar. E uma comunidade onde se vive a vida cristã tem uma estrutura suficiente para tropeçar, cair, se quebrar, se recompor.

Quanto à questão do ecumenismo, é de suma importância porque as Igrejas muitas vezes isoladas, vão agregar um número pequeno de pessoas, e cada uma vai ter a sua deficiência.

Você poderia falar como isso se daria concretamente em Uruguaiana?

Aceite esse ecumenismo: uma igreja vai suprir a eventual necessidade da outra, ou seja, onde uma estiver falhando a outra vai ajudar. Em Uruguaiana para acontecer isto, seria preciso que as igrejas de lá tivessem um trabalho como estas que visitamos aqui. De Uruguaiana a única Igreja que está participando aqui é a Metodista, então teríamos que partir do princípio da conversação, entrar em contato com essas igrejas, manter este contato e avivar a chama que começa aqui e aos poucos vai se espalhando pelo interior do Estado.

A Igreja Metodista tem algum movimento em periferia, está começando agora, ou há possibilidade de um trabalho?

Há oito meses começamos a fazer um trabalho de periferia, núcleos de atendimento a menores de Vila, pontos distribuídos pela cidade, bem descentralizados um dos outros. A gente envolve primeiro as crianças, para eventualmente poder entrar na família e, aos poucos, a gente vai tendo conhecimento das necessidades da família, viver com a família, e posteriormente trabalhar com essa família.

Eliane Raquel K. de Almeida, de Porto Alegre, auxiliar de escritório, professora de Escola Dominical, trabalha bastante no grupo de jovens (Igreja Episcopal).

O que trouxe você a participar do Seminário de Periferia?

Praticamente nasci na Igreja, e sempre tenho vontade de trabalhar. Quando fiquei sabendo do Seminário, fiquei interessada em adquirir essa experiência para trabalhar com o povo.

Você tem alguma experiência de trabalho de periferia?

Não.

No seu lugar de trabalho, você vê alguma perspectiva de trabalho com periferia? Com que esse seminário contribuiu para essa perspectiva?

A minha comunidade fica próxima à Vila Cruzeiro, e a intenção é ajudar a Igreja Metodista que já está começando um trabalho lá. Eu acho que no próximo seminário vão ser elaboradas as tarefas do trabalho em si.

Que área você visitou?

Área de Canoas, a Vila Santo Operário. Foi muito válida essa experiência, a organização daquele povo humilde, a maneira como eles se ajudam, a preocupação que têm com os desempregados me impressionaram bastante. E isto dá vontade da gente batalhar, ajudar as pessoas a se organizarem.

Ver esta experiência, deu alguma idéia de como trabalhar?

Sim, por exemplo, o Clube de MÃes da Vila é uma idéia, as balanças para cuidar do peso das crianças, da saúde, isso também é uma idéia.

Como você vê a importância de um trabalho da Igreja Episcopal e de um trabalho ecumênico de periferia?

Eu acho importantíssimo o trabalho ecumônico, porque seriam jovens dispostos a trabalhar mesmo.

Na sua comunidade, qual é a possibilidade concreta de começar um trabalho ecumênico ou da própria Igreja?

Eu acho que há uma grande possibilidade, a partir destes Seminários, de a gente trabalhar junto.

Valeska Oliveira, de Santa Maria, vinte e um anos. Trabalha numa escola metodista, com ensino religioso de segundo grau, no Colégio Centenário. Atualmente também trabalha numa proposta alternativa de educação, que está dentro de uma área periférica em Santa Maria.

O que trouxe você a este seminário?

Principalmente a proposta do CEDI de se criar um compromisso, trabalhos alternativos com a população carente. Dentro da própria proposta oficial da Igreja, o documento "Vida e Missão", de se voltar para aquelas pessoas que estão necessitando do trabalho da gente como cristão, e principalmente dentro de uma proposta ecumênica.

Que experiência você visitou?

A Vila Cruzeiro, Vila Tronco que é uma parte da Vila Cruzeiro dentro de Porto Alegre.

Dentro do que você viu, o que de concreto teria a ressaltar e que você pudesse realizar em seu trabalho em Santa Maria?

A experiência que se vive em Santa Maria é um pouco diferente da que se viu em Vila Cruzeiro. Trata-se de uma experiência que não se restringe a um trabalho de evangelização, a um trabalho teológico, é mais um trabalho de educação, tentando organizá-los, se somando na luta deles. O trabalho de que a gente esteve participando na Vila Cruzeiro, vai mais ao encontro de um trabalho de pastoral dentro da Vila. A Igreja está chegando também para somar com o trabalho da Associação, que estava desmotivada, desmobilizada; com a chegada da gente ontem, sentando com eles pudemos sentir que realmente a participação da Igreja nesse momento vai ser muito boa, tentando desacomodar a Associação.

Você tem alguma perspectiva de trabalhar ecumenicamente em Santa Maria? E lá, concretamente, há condições de se fazer uma coisa assim?

Nós já tivemos uma experiência, em termos de trabalho ecumênico, que não funcionou pelas pessoas que estavam. A gente tem hoje em Santa Maria, em termos de ecumenismo, uma reativação do grupo da UBRAJE, o qual sentiu necessidade de se encontrar dentro da proposta que cada um tem de sociedade, do modelo de sociedade que defende, e a própria proposta em termos de cristianismo. É um grupo que sentiu necessidade de se encontrar para ser um grupo de debates, de discussão, de pronunciamento. Não se pensou ainda na possibilidade de um trabalho nesse estilo, voltado para a periferia. Porque o característico grupo de Santa Maria é que as pessoas da UBRAJE têm, na sua vida profissional, dentro

das suas Igrejas, trabalhos desse tipo, e estão envolvidas com trabalhos assim. Então a discussão que a gente vai levar é de se "desparticularizar", trabalhar junto ou se a gente realmente continua com esse grupo de apoio e cada um envolvido num trabalho. Eu acho que essa é uma discussão que a gente vai levar daqui.

Como você acha que estão caminhando esses Seminários em relação aos objetivos, e que expectativas você tinha?

O Seminário está sendo uma experiência interessante, e também corresponde àquilo que as Igrejas tinham em mente do que seria o trabalho, a Pastoral de Periferia no Sul. Foi uma surpresa para mim descobrir algumas pessoas que não tinham nem idéia do que fosse um trabalho assim. O Primeiro Seminário, com algumas discussões necessárias para formar outra mentalidade sobre trabalho de periferia. Parece-me que teve uma continuidade significativa no sentido de introduzir a proposta, e a gente saiu realmente para viver. Este Segundo Seminário foi significativo porque as discussões foram em cima de uma vivência, de uma experiência, de uma prática e não em cima de teorias que, muitas vezes, nos desmobilizam, embora sejam fundamentais.

Débora Baggio, da Igreja Metodista de Santa Maria.

Por que você está aqui participando deste Seminário de Pastoral de Periferia?

Porque eu acredito que a Igreja tem que dar uma virada. Uma Igreja burguesa não dá para continuar. Eu apostei muito nessa virada, nesse trabalho com o pessoal de periferia, com o oprimido. E como é uma coisa nova, a gente tem que conhecer primeiro, para depois fazer alguma coisa.

Você tem tido alguma experiência com Pastoral de Periferia?

Eu tive uma experiência de quase um ano, mas em que a gente não conseguiu fazer quase nada, e agora, aqui no Sul, estamos participando de uma Pastoral de Saúde que está recém-nascendo.

O que você achou da experiência que visitou em Alvorada?

Fiquei encantada com a organização do povo. Uma coisa que me chamou muito a atenção em Campos Verdes foi o nível de conscientização do pessoal, que não é só da diretoria da Associação, mas de todo o povo naquele lugar. Isso é uma coisa difícil de se encontrar, o povo ainda está acostumado com os líderes. Acredito que a gente tem que acabar com esses líderes, tem que ser uma coisa que realmente brote do povo. E lá a experiência deles é essa. Para mim foi muito válido ver alguma coisa prática.

Em que é que conhecer a prática em Alvorada pode influir, modificar a sua experiência?

Principalmente é por causa dessa história de que a gente vai para ajudar pessoas. Não é mais isso, a gente não pode ir com essa meta. A gente tem que ir pra aprender com eles, aí dá certo o trabalho, ou melhor, dá resultado.

Você acha que esse tipo de experiência que você conheceu pode-se aplicar na sua Igreja, ou na Pastoral de Saúde?

Não diria que pode acontecer, porque dá a impressão de que se vai transportar a experiência desse pessoal para outro local. Pode acontecer sim é uma mudança, uma conscientização, mas vai ser diferente, as pessoas vão ser diferentes, o local vai ser diferente, a história é diferente.

Como você vê um projeto de Pastoral de Periferia de três Igrejas? Como isso pode influenciar no trabalho que vocês estão querendo realizar?

Quanto mais gente trabalhar junto, melhor. Vai haver algumas dificuldades, eu não consigo ver ainda alguma forma desse trabalho, mas precisa haver um trabalho assim. Se criar um trabalho novo para as três Igrejas agirem juntas, é mais um. Você já tem o trabalho de sua igreja local e é mais uma coisa para você se envolver, e hoje em dia a gente vive numa vida tão corrida que não se tem tempo pra muita coisa, mesmo dando prioridade, você já tem prioridades em outros trabalhos. Não sei que conflito haveria sendo um trabalho de uma Igreja e todas as outras participando. Eu não consegui ainda enxergar alguma coisa pra se fazer, mas acredito que seja necessário trabalhar junto.

Esse estar junto se dá em linhas de trabalho, ou também em termos de experiências comuns? Acha que seria difícil começar a partir do que já existe e outras Igrejas virem a participar? Quer dizer, existe alguma forma de fazer um trabalho conjunto?

Aí está a minha dúvida, eu não consegui enxergar ainda como fazer, mas deve haver algum jeito, principalmente porque a gente deve unir forças.

A visita a essas comunidades ajudou nesse sentido?

Sim, porque a gente pode ver que tem alguma coisa em comum, se pensa algo em comum, um tipo de trabalho em comum. E na hora da visita você não sabia quem era de qual Igreja, você conversava com todo mundo, e trocava experiências, e via que se está pensando a mesma coisa em relação à Pastoral de Periferia. Agora, só tem que se achar um jeito de trabalhar em conjunto.

Você acha que esse projeto de Pastoral de Saúde que se está iniciando pode ser uma parte dessa Pastoral de Periferia?

Acredito que sim, porque o que se tem pensado nessa Pastoral de Saúde é levar a conscientização, não é trabalhar na área de Saúde como até hoje se vem trabalhando. Eu até acho que no fundo é o mesmo trabalho, apenas com um nome diferente, porque saúde é uma coisa que o povo está precisando. É uma maneira do povo receber melhor essas pessoas que estão trabalhando.

É o mesmo tipo de trabalho, não está sendo uma iniciativa isolada, separada das outras Igrejas, isto não pode entrar em conflito com a tentativa de um projeto comum?

Não, acho até que mais tarde se poderia unir. É uma tentativa dentro da nossa Igreja de dar uma virada nesse assistencialismo todo. Tem muita coisa na área de saúde na Igreja Metodista na forma de assistencialismo. Acho que dando uma virada poderia até se trabalhar junto.

Noemi Bernardes da Silva, Igreja Luterana do Centro Comunitário de Piratini, dirigido pela pastora Ana Maria.

Qual foi a experiência de que participou neste Seminário?

Em grupo, fomos visitar a Vila Antônio Leite, e o que mais me deixou apavorada foi o problema do dique, qualquer chuva de três dias a água invade as Vilas, e as pessoas perdem quase tudo que têm. As pessoas estão apavoradas porque dormem no seco, e se levantam com água quase no pescoço. E enquanto o pessoal da Prefeitura e outros estão comentando sobre o que vão fazer, eles lá quase morrendo afogados.

Viu algum tipo de solução, de encaminhamento para resolver esse problema?

O único encaminhamento é eles aterrarem o dique. Dizem que isto já está em projeto, mas até que eles resolvam, o pessoal está sofrendo. E o pessoal da Vila está com medo de que se fizerem esse melhoramento, terão que sair de lá, porque podem querer lotear aquela área. Querem que arrumem o dique, mas ao mesmo tempo estão assustados, nervosos, com problemas de saúde em casa. Encontrei também nesse bairro muita deficiência quanto a família, crianças, adultos, mas eles se reúnem na Associação, onde está o pastor Machadinho e outras pessoas que estão dando uma força para esse pessoal. Não estão sozinhos, mas por enquanto, têm que lutar muito por um lugar ao sol.

Essa Associação tem possibilitado algum tipo de esperança?

Sim, conseguiram remédios, e eles de vez em quando se reúnem, e vão até os maiorais para ver o que resolvem, e eles dizem que vão resolver, mas os pobres estão cada vez se sacrificando mais com o problema de enchente.

O seu trabalho é em Alvorada?

Sim, no Centro Comunitário Piratini.

Acha que ter conhecido essa experiência de Antônio Leite pode ajudar no seu trabalho?

Sim, e muito, porque aí a gente vê que não se pode ficar só esperando que eles resolvam, a gente tem que estar sempre em cima, quando é um problema grave que depende dos maiorais a gente tem que estar sempre

lembando, formar comissão, ir até lá. Na Alvorada nós fizemos assim, quando tem um problema, a gente não manda carta, porque eles engavetam, a gente dá em cima, vai de vez em quando em comissão, até eles resolverem o problema. Foi assim, sem violência, mas com diálogo, conversa com um, dois, três, quatro. Assim a gente consegue, porque a união faz a força.

Conhecer essas experiências ajuda a elaborar em conjunto um projeto de Pastoral de Periferia?

Ajuda, porque se aprende muita coisa com o próprio pessoal das Vilas, e o que se aprende se leva para as Vilas onde a gente mora. Pensando bem, em todas essas Vilas visitadas se pode dar algum jeito, resolver alguma coisa, dar uma opinião. Valeu a pena.

Como pode acontecer esse Projeto comum de Pastoral de Periferia das três Igrejas?

Na Vila Piratini, apesar de ser uma cidade nova, a gente tem um diálogo aberto, a gente se une, e unidos só não conseguimos o que não se quer. Devagar, com delicadeza a gente consegue. As outras Vilas, que estão um pouco paradas vendo este nosso Encontro aprenderam. Também aprenderam vendo como Alvorada progrediu sem violência, só na base do diálogo. Quem sabe isso não vai ajudar as outras Vilas!

Como ficaria esse projeto comum das três Igrejas?

As três Igrejas reunidas são uma força muito grande, porque a gente se reúne para resolver os problemas que não estão resolvidos e todo o pessoal aprende muito em conjunto, é benéfico.

Jarbas Correia Borges, reverendo da Igreja Episcopal do Brasil, pároco numa área missionária, numa cidade rural bem no Sul do Estado (350 km de Porto Alegre), na cidade de Canguçu.

Como sentiu a experiência de Alvorada, na perspectiva de uma Pastoral Ecumênica de Periferia?

A experiência que eu tive da possibilidade de Pastoral de Periferia é uma experiência muito positiva, porque eu vi que realmente é possível nós como Igreja realizarmos uma pastoral com objetivos viáveis e que esses objetivos ajudariam certamente na transformação da nossa sociedade, e viabilizariam a oportunidade do povo pobre, oprimido, realmente viver com maior dignidade, com maior condição de vida.

A sua Igreja tem desenvolvido algum tipo de trabalho de periferia, ou, no seu caso, já esteve envolvido em algum tipo de trabalho de periferia?

Na minha atividade pastoral ainda não me envolvi num trabalho assim bem compromissado com a periferia, porque na minha cidade, onde desenvolvo meu ministério, não existe uma necessidade tão grande. É uma cidade rural, não existe muita miséria, nem estes problemas que a gente

encontrou aqui, na visita a Alvorada. O trabalho com que a gente se tem envolvido é uma Pastoral Rural, é outra atividade. A gente tem procurado se integrar e desenvolver uma pastoral rural, que venha em defesa de um outro tipo de povo também oprimido. Essa gente oprimida da área rural é que vem a crescer e proliferar na periferia das cidades.

Essa visita influí, modifica de algum modo a sua prática de pastoral? Há alguma relação?

Sim, porque acendeu em mim uma chama, que é uma consciência de que o nosso povo oprimido tem duas opções de vida: é oprimido no interior; sai da opressão da área rural e vem para a opressão da periferia. Essa consciência que eu tomei da realidade das periferias das grandes cidades me desafia para uma maior consciência, maior atividade, objetivos mais concretos de atuação na área rural, porque, no momento em que a gente estiver conscientizando, ou dando condições, organizando o povo na área rural, vamos contribuir para o não crescimento da própria periferia. E hoje eu estou na cidade de Canguçu, mas no próximo ano posso estar trabalhando em Alvorada, ou na grande Porto Alegre. Por isso, o seminário é pra mim uma grande experiência, e além de experiência, é um grande desafio.

Como vê a possibilidade de se montar esse projeto comum das três Igrejas, e o que essas visitas a estas áreas influenciam nesse sentido?

Entendo que o projeto ecumênico é possível, é viável, desde que nós não estejamos, como Igreja, preocupados em fazer proselitismo, que a nossa missão como Igreja esteja voltada realmente para o povo, e não para o crescimento da nossa Igreja. A experiência tida na Vila, revela aquilo que o povo faz com todo o espírito cristão, procurando desenvolver a sua atividade religiosa, sem se preocupar primeiro com seita a que pertence ou religião, mas preocupado com a unidade do povo da Vila, e com o conjunto, a soma de esforços. No momento em que nós, como Igrejas, entendermos que será essa soma dos nossos esforços que irá contribuir para a transformação, a realização do nosso trabalho de esforços comuns, dará a grande contribuição, e irá valorizar o nosso trabalho.

Esse projeto das Igrejas pode-se concretizar? Em termos práticos, de experiências que já estão acontecendo, e outras cidades que estão presentes aqui com duas ou três Igrejas, que tipo de possibilidades acha que pode haver para essas Igrejas promoverem algum tipo de trabalho conjunto?

Uma das dificuldades que a Igreja enfrentará vai ser a luta com a Igreja tradicional. Essa luta é talvez tão árdua quanto a luta da periferia por uma posição na sociedade. Eu digo que essa luta será muito grande porque nós, Igreja, povo, somos um grupo que estamos com ideais bem definidos, necessidades bem à vista, mas a estrutura da Igreja depende de uma cobertura financeira, e tem que recorrer sempre àqueles que têm maior poder aquisitivo para sua sustentação financeira. Por isso, me parece que esta será a grande dificuldade que enfrentaremos.

